CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TORNANDO-SE NEGRO NA REDE E NA RODA: MASCULINIDADES E NEGRITUDES NO HIP-HOP

Wallace Oliveira Modesto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador Dr. Fabio Sampaio de Almeida
Coorientador Dr. Patrício Pereira Alves de Sousa

RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO/ 2021

TORNANDO-SE NEGRO NA REDE E NA RODA: MASCULINIDADES E NEGRITUDES NO HIP-HOP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre

Wallace Oliveira Modesto

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr. Fabio Sampaio de Almeida (CEFET-RJ)

_____

Professor Dr. Patrício Pereira Alves de Sousa (CEFET-RJ)

_____

Professora Dra. Maria Cristina Giorgi (CEFET-RJ)

_____

Professor Dr. Paulo Melgaço da Silva Júnior (UNIRIO)

_____

Professora Dra. Viviane Conceição Antunes (UFRRJ)

Suplentes

_____

Professora Dra. Luciana de Mesquita Silva (UFRRJ)

_____

Professora Dra. Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF)

Rio de Janeiro
DEZEMBRO/2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

M691 Modesto, Wallace Oliveira
Tornando-se negro na rede e na roda: masculinidades e negritudes no hip-hop / Wallace Oliveira Modesto. — 2021
92f. + anexo : il. (algumas color.) , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.
Bibliografia : f. 92-95
Orientador: Fabio Sampaio de Almeida
Coorientador: Patrício Pereira Alves de Sousa

1. Masculinidade – Negros. 2.Análise do discurso. 3. Hip-hop (Cultura popular). 4. Racismo. 5. Negros – Identidade racial. I. Almeida, Fabio Sampaio de (Orient.). II. Sousa, Patrício Pereira Alves de. (Coorient.). III. Título.

CDD 305.3

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

À MINHA MÃE

AGRADECIMENTOS

O ainda presente momento pandêmico implodiu inúmeros sentimentos e medos que, de forma direta ou indireta, acabaram por contribuir para quem sou e efetivamente formar e transformar o autor do texto que seguirá nessa pesquisa. Foram dias, semanas e meses em que acreditei não ser possível, mas estamos por finalizar mais um ciclo. Digo “estamos” porque TODAS as pessoas que figuram neste agradecimento caminharam comigo e me fizeram mais forte. Por isso, agradeço imensamente

À minha mãe, Maria da Glória, fazer da quarentena e do isolamento um momento de fôlego e recomeço. Ela sonha comigo e me impulsiona sempre que a dúvida aparece e me orgulha de forma ímpar em todas as suas ações. Dessa vez não vou chamá-la de guerreira como fiz nos textos monográficos anteriores porque as guerras por ela travadas lhes foram impostas e em muitas delas não houve outra possibilidade a não ser guerrear.

Ao meu padrinho Enilzo (*in memoriam*), homem negro e que muito contribuiu para minha formação como homem e sempre apoiou toda minha trajetória acadêmica. Nesse momento, foi levado por complicações da COVID-19 e não teve a oportunidade de participar, em vida em, deste momento.

À Juliana Maia e Anderson Maia, minha cunhada e meu irmão, que construíram o projeto Lanatanpa e que muito me honra estar ao lado deles na luta por transformação social.

À Cristina Giorgi, ela que acredita em mim mais que eu mesmo. Se não fosse pela intervenção dela você não estaria lendo esse texto.

Ao meu orientador Fábio Sampaio, que construiu uma parceria comigo. Pelas orientações, pela flexibilidade e necessito agradecer por sua paciência porque muitas vezes os medos e frustrações foram a ordem do dia, da semana, do mês. Fábio é o professor que quero ser quando crescer, um exemplo como profissional.

Ao meu coorientador Patrício Sousa pela leitura atenta, inúmeros conselhos e reuniões. Foi um presente poder contar com suas contribuições no meio desse turbilhão pandêmico. Sua visão enriqueceu imensamente esse trabalho e agradeço por suas palavras sempre muitíssimo atenciosas.

À minha mãe acadêmica, Viviane Antunes, pela inspiração, pelas trocas, pelo carinho e por contribuir tanto para quem sou. Suas palavras ecoam em mim e que muitos ainda possam escutar sua voz.

Ao Miguel, Andrew e Levi, participantes da *live* sobre masculinidades e integrantes da Família Lanatanpa. Agradeço pela troca e extremas contribuições para essa pesquisa.

Ao Lucas, por ser um presente maravilhoso em minha vida nesse momento tão complexo que vivemos. Agradeço pela paciência nos momentos que não poderia estar presente ou disponível e por todas as vezes que me impulsionou e impulsiona a ser melhor.

Ao “Puxadinho” (Dandara, Aline e Carol Marinho) por ser um espaço de troca e de cumplicidade. Onde externamos nosso desespero, anseios e preocupações. Juntos da pós até após.

À Mayara, Carolina da Hora, Gustavo e Nailla, amigos que a Rural me deu e que levarei para vida toda. O bonde do IM que foi de extrema importância para criar forças no momento que pensei em desistir.

Ao Ricardo e Cristilene, amigos que encontrei na profissão e que também foram essenciais para que pudesse continuar caminhando com meus objetivos.

À Diana Rodrigues, pelas contribuições e leitura do texto da qualificação. Por depositar tanta crença em minhas jornadas e me fazer acreditar.

Aos professores que compõem a banca de defesa dessa dissertação que aceitaram fazer uma leitura crítica desse texto.

Aos meus amigos-alunos que me ensinam muito mais do que eu possa ensiná-los.

EPÍGRAFE

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóis sumir

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

AmarElo - Emicita (part. Majur e Pabllo Vittar)

RESUMO

TORNANDO-SE NEGRO NA REDE E NA RODA: MASCULINIDADES E NEGRITUDES NO HIP-HOP

A presente pesquisa tem por objetivo refletir em que medida o *Hip-Hop* atua na construção discursiva de masculinidades negras em contexto periférico. Nesse sentido, focalizamos práticas discursivas produzidas em um evento organizado pelo Projeto Cultural Família Lanatanpa, no formato de *live* em seu perfil na rede social *Instagram* (@familialanatanpa). O projeto em questão oportuniza o contato de adolescentes do bairro Pantanal, no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, com o movimento *Hip-Hop*, a fim de viabilizar caminhos de expressão, criação coletiva e produção artística, como alternativa a sociabilidades marginalizadas produzidas pelo racismo, criminalidade e tráfico de drogas. Partindo de um referencial teórico-metodológico dos estudos do discurso — especialmente no que se refere à Análise do Discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2018), à noção de linguagem-intervenção (ROCHA, 2006) e aos modalizadores como marcas linguísticas (KOCH, 2009), das reflexões sobre negritude (MUNANGA, 2003; HALL, 2006) e masculinidades (NASCIMENTO, 2018; CONNELL, 1997), e considerando as limitações deste texto, as análises aqui propostas têm como foco o modo como se dá a construção discursiva de masculinidades negras em excertos de fala produzidos por participantes da *live* “Masculinidades Negras”. Como resultado da análise observou-se construções e reconstruções plurais de masculinidades negras aliadas à luta antirracista e rupturas com a masculinidade dita hegemônica. Por fim elencou-se proposições com fim educativo evidenciando possibilidades do diálogo do Hip-Hop como ferramenta para um letramento de reexistência, (SOUZA, 2009) em ambiente escolar.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Análise do discurso; Hip-Hop.

RESUMEN

TORNANDO-SE NEGRO NA REDE E NA RODA: MASCULINIDADES E NEGRITUDES NO HIP-HOP

Esta investigación pretende reflejar hasta qué punto el Hip-Hop actúa en la construcción discursiva de masculinidades negras en un contexto periférico. En este sentido, nos centramos en las prácticas discursivas producidas en un evento organizado por el Proyecto Cultural Familia Lanatanpa, en el formato de live en su perfil en la red social Instagram (@familialanatanpa). El proyecto en cuestión es una oportunidad de contacto de adolescentes del barrio Pantanal, en el municipio de Duque de Caxias, en la Baixada Fluminense de Rio de Janeiro, con el movimiento Hip-Hop, con el fin de posibilitar caminos de expresión, creación colectiva y producción artística, como una alternativa a la sociabilidad marginada producida por el racismo, la delincuencia y el tráfico. Partiendo de un marco teórico-metodológico de los estudios del discurso, especialmente en referencia al Análisis del Discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2018), la noción de lenguaje-intervención (ROCHA, 2006) y los modalizadores como marcas lingüísticas (KOCH, 2009), de reflexiones sobre la negritud (MUNANGA, 2003; HALL, 2006) y masculinidades (NASCIMENTO, 2018; CONNELL, 1997) y considerando las limitaciones de este texto, los análisis aquí propuestos se centran en cómo ocurre la construcción discursiva de las masculinidades negras en extractos de discursos producidos por los participantes de la transmisión en vivo "Masculinidades negras". Como resultado del análisis, se observaron construcciones y reconstrucciones plurales de masculinidades negras aliadas a la masculinidad antirracista y rupturas con la llamada masculinidad hegemónica. Finalmente, se proyectaron propuestas con un propósito educativo que evidencian las posibilidades del diálogo hip-hop como una herramienta para un letramiento de reexistencia (SOUZA, 2009) ambiente escolar.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Análisis del discurso; Hip-Hop.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de divulgação da *live*. 23
Figura 2: Suspeitos de tráfico de drogas em Mineiros. 50
Figura 3: Viajando no tempo - Evolução do traço (Jeremias). 71
Figura 4: Jeremias sem lábios – 2013. 72
Figura 5: O rap da Bolinha. 75
Figura 6: Homem negro armado. 76
Figura 7: *Trends* - Tik Tok. 77

SUMÁRIO

Introdução 12

1. Família lanatanpa: o hip-hop, o gênero discursivo *live* e a linguagem 19

1.1 Projeto Cultural Família Lanatanpa: conexão Hip-Hop 19

1.2 Ao vivo e a cores: o gênero *live* nos debates sobre negritudes 22

1.3 Linguagem e intervenção: fundamentos linguístico-discursivos e metodológicos 29

2. Masculinidade: ser negro, ser homem, ser 35

2.1 “Eu? Sou negro, né?!”: racismo, estereótipos e medos 36

2.2 Branquear-se e ser homem: masculinidade como sinônimo de branquitude 46

2.3 Homem de verdade: a construção da masculinidade singular 53

2.4 A heterossexualidade compulsória: homem = hétero 58

2.5 A hipersexualização de corpos negros: “tem que ser bem dotado” 62

2.6 Masculinidades: na contramão da norma 65

2.7 Considerações e reflexões: masculinidades negras em foco 67

3. Transgredindo e ensinando: escola, hip-hop e possibilidades 69

3.1 Ensinando o normal: o contexto escolar e as construções de norma 70

3.2 O lugar do Hip-Hop na construção de um letramento racial de reexistência 77

3.3 Reflexões, práticas e possibilidades: 80

4. Considerações 89

Anexos 96

Introdução

Nasci em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense, no dia 10 de junho de 1992, uma quarta-feira que não era de cinzas e nem santa, mas nasci no meio da semana e no meio de uma estrutura familiar “normal” no contexto brasileiro. Sou o segundo filho de Maria, uma mulher sergipana/baiana, autodeclarada parda, que trabalhou grande parte da sua vida como caixa de supermercado e depois como cobradora de ônibus. Também sou o quinto filho de José, homem preto, metalúrgico que não assumiu seu papel como pai, nem mesmo no papel, por ordem de sua esposa, branca.

Maria e José tiveram um filho, fruto de uma relação extraconjugal. Parece bíblico, mas diferentemente da história de um dos homens mais conhecidos da humanidade, Maria precisou criar sozinha seus dois filhos. Tivera “opção”, visto que a esposa de José cogitou a possibilidade de entrega do filho fruto da traição ao casal e assim Maria poderia continuar sua vida sem que esta relação extraconjugal pudesse abalar a estrutura do casamento e a imagem frente à igreja visto que José e a esposa são evangélicos. Maria, porém, não aceitou a proposta e seguiu para longe daquele que não assumiu sua responsabilidade.

Minha mãe precisava trabalhar, então grande parte da minha infância foi em casa de cuidadoras, chegando a morar com uma delas por um bom tempo e estar com minha mãe e meu irmão apenas nos finais de semana. Essa rotina me acompanhou até os cinco ou seis anos. Neste momento, meu irmão, com dezessete anos, assumiria a responsabilidade de cuidar de mim no contraturno da creche/escola. Naquele contexto, conseguir vaga em determinadas instituições públicas era uma peregrinação. Além da busca por inúmeros documentos, a necessidade de dormir na fila e comprovações inúmeras, existia em minha mãe uma determinação de que minha vida escolar se iniciasse naquela escola, pois era indicada como uma das melhores no bairro da Vila Rosali, no município de São João de Meriti, também na Baixada Fluminense.

Comecei a estudar na 1ª série do fundamental no Colégio Estadual Rubens Farrulla no ano de 1999. Foi neste espaço, cursando a 4ª série no ano de 2002 e aos 10 anos, que me apontaram gay sem nem mesmo eu compreender o que seria sexualidade. Convivi com xingamentos homofóbicos no contexto escolar que me fizeram acreditar que aquele não seria um espaço para mim. Na crença de que me afastar seria a melhor solução, comecei a não frequentar a escola, mas simulava a frequência para que ninguém percebesse em casa. Saía todos os dias no horário escolar, porém ficava na casa de conhecidos com a desculpa de que não tinha aula ou andando pelo centro comercial de São João de Meriti até o horário do retorno para casa. Por sorte, um dia me atrasei para o retorno e minha mãe foi até a escola

e descobriu a infrequência. No dia após a descoberta e ciente do motivo do meu afastamento da escola, ela foi até a instituição e questionou as crianças da minha turma, ainda na fila para entrar, se havia problema se eu fosse gay. E, depois de alguns palavrões e de perceber aquelas crianças visivelmente incomodadas com a situação, ela pediu que aquilo não voltasse a se repetir para que ela não precisasse tomar atitudes mais enérgicas.

Infelizmente, àquela altura do ano letivo eu já não tinha condições de concluir aquela série e tive que repeti-la, mas a partir daquele momento compreendi que minha mãe estava comigo, e ela me ensinou que, ainda que aquele ambiente fosse assustador e intimidador, era através da educação que teria possibilidades de mudar minha vida, nossa vida e até o mundo se quisesse. Então criei mecanismos para conviver naquele espaço, sempre o amigo de todos, o apaziguador, muito quieto e me destacando através das notas e comportamento.

Tenho poucas recordações da minha mãe no contexto escolar. Como trabalhava muito, era inviável comparecer a reuniões e eventos da instituição. A rotina de mãe solo que é "normalizada" com três ou quatro jornadas durante o dia. Mas me recordo de dois momentos em que ela foi convocada à escola. No primeiro, o motivo era eu ir até lá desacompanhado. A direção, coordenação e a professora alertaram sobre os riscos, visto que eu não morava perto, mas em muitos momentos não havia quem me acompanhasse, então a solução era ir sozinho, com todas as regras e ensinamentos da minha mãe na cabeça.

O segundo momento em que ela foi convocada foi uma preocupação da professora em perceber que em minhas assinaturas e cabeçalhos havia um outro sobrenome para além dos que constavam nos meus documentos. Em algum momento eu comecei a assinar o sobrenome do meu padrasto junto ao da minha mãe. “Oliveira dos Reis” não era o que constava nos meus documentos, mas após repetidas vezes ouvir “seu nome é Wallace Oliveira só?!” passei a usar aquele sobrenome em referência ao meu padrasto. Esse episódio rendeu algumas conversas sobre paternidade e até uma possível adoção, mas ao ser questionado por minha mãe se queria conhecer meu pai, percebi que aquilo poderia ser importante e aceitei.

Meu irmão conhecia meu pai, meus outros irmãos e ficou incumbido de me levar até a casa em que a família morava. As poucas vezes que ouvi algo sobre meu pai foi através do meu irmão, que sempre implicava com o apelido que José tinha no bairro: “Fumaça”. Um “apelido” de cunho racista em referência à tonalidade de melanina, que foi internalizado e que, socialmente nas ruas do bairro, é normal ser utilizado em referência a ele. Fui conhecê-lo com 14 anos e, obviamente, o desconforto familiar foi evidente. Convivi com ele, esposa, meus sobrinhos e irmãos por alguns finais de semana e férias, mas não houve uma construção de relação. As conversas geralmente eram pautadas por “como vai na escola” e “a namorada quando vai apresentar?!”, além de inúmeras trivialidades.

Sem namoradas e muito menos namorados, apaguei a questão da sexualidade no contexto da adolescência, tanto no âmbito familiar quanto no ambiente escolar, a fim de me proteger. Desde a 4ª série busquei ser destaque positivo no contexto escolar. Fui representante de turma até o 3º ano. Na 8ª série me candidatei ao grêmio estudantil, no primeiro ano do ensino médio fui eleito presidente do grêmio, fui premiado com um notebook pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro por meu desempenho em avaliação diagnóstica, consegui bolsa de 100% para um curso técnico e talvez dessa forma tenho buscado respeito e construído minha autoestima e defesa.

Porém, foi na escola que presenciei um episódio que me fez refletir muito sobre essa construção sobre corpos como o meu. Um amigo negro e gay, em um episódio fatídico, discutiu com um professor por motivo de que não me recordo. Naquele momento, já no ensino médio, ainda não explorava minha sexualidade e nem compreendia o modo como a raça poderia influenciar nas relações sociais. Pouco se falava em questões raciais no ambiente escolar, e em casa era o mesmo silêncio. Mas durante a discussão o professor em tom de alerta dirigiu as seguintes palavras ao meu amigo: "ainda vai sofrer muito se continuar com essa postura. Negro, pobre, gay e ainda mal-educado". Essas palavras ecoaram bastante em meu pensamento durante dias e dias.

Dentro de toda a minha vivência escolar não me compreendi como um estudante negro naquele contexto. Estudei toda a educação básica na mesma instituição estadual e, ainda que tivesse amigos, professores e coordenadores negros, não me compreendia pertencente e muitas vezes buscava o afastamento, ainda que inconsciente, das características negras.

O apontamento da sexualidade precedeu o apontamento da negritude e talvez isso tenha me feito criar mecanismos de defesa de possíveis outras violências. Durante anos da minha vida, alisei meu cabelo com os mais variados tipos de alisantes. Alguns chegaram a machucar o couro cabeludo, sem contar o mau cheiro que esses produtos tinham. Quando não conseguia o efeito esperado, raspava a cabeça, geralmente no pente número um, a fim de não deixar crescer aquele cabelo que nem mesmo sabia como era, mas que fui ensinado a não deixar crescer.

Muito dessa não identificação e toda essa construção de distanciamento da negritude se deve, talvez, ao fato de não ser negro retinto e a não compreensão do colorismo (temática que ganhará destaque em linhas posteriores), muitas vezes, negar minha identidade. No contexto escolar, nunca sofri discriminação racial de forma direta, possivelmente pelo nível de melanina, ou talvez pela lógica do distanciamento.

Distanciamento que também aconteceu de forma orgânica em relação ao meu pai. No momento da minha formatura do ensino médio e com ele na plateia, precisei, durante meu

discurso como orador, dedicar à minha mãe aquele momento e evidenciar que toda a dedicação dela para minha educação me possibilitou chegar naquele dia.

Ao sair do ensino médio e passar para a universidade através do ProUni, precisei cursar o primeiro período de Letras em uma universidade particular de São Gonçalo. Nesse momento, morando em Nova Iguaçu, mais um município da Baixada Fluminense, a distância era o maior inimigo. Na recusa do meu pai em me auxiliar de forma econômica, ainda que parcial, no transporte e alimentação para minha formação, surge a necessidade de afastamento. Nesse momento também afloram as questões de sexualidade, que dentro da minha crença não seriam aceitas no contexto familiar do meu pai, pois discursos direcionados aos meus sobrinhos sobre “postura” e “forma correta de falar” eram recorrentes naquele ambiente.

As visitas, que eram semanais, se tornaram mensais e depois anuais. As ligações passaram a ocorrer somente em datas comemorativas. Poucas palavras dirigidas efetivamente ao meu pai e muitas vezes a busca por notícias partia da esposa, que buscou e busca incansavelmente estabelecer um vínculo afetivo que creio partir de um lugar de remorso ou culpa. Após assumir minha sexualidade para minha mãe e expor meu relacionamento nas redes sociais não tive mais contato com meu pai.

Em 2011, ingresso na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) através do SISU. Estudando no *campus* Nova Iguaçu, que fica a poucos minutos da minha casa, consegui estabelecer uma rotina viável que me possibilitou trabalhar para arcar com custos da graduação até o momento em que consegui bolsa permanência e posteriormente o ingresso no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), sob a coordenação da Professora Viviane Antunes.

Acredito que meu ingresso no PIBID e as bibliografias indicadas por Viviane Antunes me trouxeram até onde estou. Em um trabalho semanal observei o material didático de espanhol destinado ao ensino público e, pelo incômodo de não ver representados indivíduos negros nesse material, me propus a fazer da representatividade negra temática da minha monografia. Ao indagar Viviane Antunes sobre a orientação do trabalho, ela me indicou outros professores que, segundo ela, tinham arcabouço teórico para a orientação, mas insisti na necessidade da orientação dela nessa pesquisa e, como ela diz, "A práxis docente universitária começava a me enegrecer e a me desalinhar”. E nos desalinhamos juntos e nos enegrecemos coletivamente.

Ao pesquisar representatividade negra, me compreendi não representado e entendi que, ainda que houvesse pessoas negras ao meu redor, a falta de compreensão racial trazia consigo o apagamento da história, da cultura afro-brasileira e das múltiplas identidades negras possíveis. Esse apagamento de representatividades negras afirmativas, da compreensão da cultura afro-brasileira e da centralidade do racismo na estrutura social tanto

na educação formal, quanto no seio familiar, me fez “tornar negro” (SOUZA, 1983). Somente aos 19 anos e na graduação compreendi que existiam corpos, sexualidades, subjetividades e identidades naturalizadas no sofrimento.

Após a graduação, veio o ingresso no mercado de trabalho, e agora com minhas turmas e nas minhas aulas, a cultura negra ganha centralidade e representatividade. Racismo, negritude e toda a bibliografia que compunha minha pesquisa sobre decolonialidade e educação antirracista estavam intrinsecamente ligados a minha prática, aliada ao afeto que compreendi como essencial no processo ensino-aprendizagem. Mas e a vida acadêmica? Ainda que houvesse inúmeras indicações para mestrados em instituições, tive medo e não quis tentar uma pós-graduação *stricto sensu*. Surgiu, então, a indicação da pós-graduação *lato sensu* em Relações Étnico Raciais e Educação, do Cefet/RJ.

Na especialização, consegui aprofundar meus conhecimentos e tive como foco de investigação ainda a representatividade negra nos materiais, mas dessa vez nos apostilados destinados ao ensino privado. Estava imerso no contexto do ensino privado: ainda que tivesse sido aprovado em concurso para a Secretaria de Educação do Estado, não atuava no ensino público naquele momento. Ainda na pós-graduação, comecei a tentar processos seletivos para o Mestrado em várias instituições. Muitas vezes não fui aprovado por pouco no projeto ou na prova e somente no CEFET tentei três vezes.

Passei por um processo seletivo um tanto conturbado antes da seleção de 2019 em que ingressei no PPRER. Tal processo me faz questionar se esse lugar da “academia” me caberia. Foi desgastante, complexo e atingiu de inúmeras formas minha autoestima acadêmica e pessoal. Porém, por incentivo do professor Fábio Sampaio e da quase convocação da professora Cristina Giorgi, não desisti naquele momento e tentei novamente.

A pesquisa idealizada no momento da minha inserção no programa de mestrado, inicialmente, almejava debater práticas antirracistas no fazer educacional a fim de verificar possibilidades reais de construção e desconstrução de identidades raciais afirmativas. A pesquisa-ação seria realizada no contexto da escola particular e possibilitaria um debate sobre negritude e branquitude, e teria como foco a decolonialidade nas aulas de língua portuguesa. Porém, o atual momento pandêmico e dentro da lógica do isolamento social, as estruturas atuais na construção de instrumentos de ensino-aprendizagem no contexto da educação escolar forçaram-me uma abordagem diferente.

Durante uma das reuniões de orientação, comentei com meu orientador sobre a participação em uma *live,* e ele indagou se esse não seria um caminho para a pesquisa nesse momento de pandemia e incertezas sobre o retorno das atividades escolares e a impossibilidade de colocar em prática o projeto inicial. A princípio a sugestão me assustou, pois fugiria do meu lugar de conforto que é a educação formal e a sala de aula, mas topei o desafio porque a participação no evento havia me propiciado inúmeras reflexões.

Por algum tempo, pensei no quanto a temática era distante ou distinta das minhas vivências, e sobre como conseguiria escrever sobre as perspectivas outras e analisar objetivamente os discursos trazidos nos diálogos dos participantes. Porém, a cada transcrição e reunião de orientação, avancei nas observações de como as temáticas presentes nas próximas páginas estão intrinsecamente conectadas às minhas vivências e à construção identitária de muitos outros homens negros. Descobri que me afeta, de incalculáveis formas, e escrever essa dissertação foi um desafio.

A pesquisa que segue é fruto desse desafio que topei, e se trata de um estudo de caso com foco na análise dos discursos proferidos e (re)produzidos em uma conversa transmitida em forma de *live*. Objetivando propiciar debates sobre as ligações das produções de discursos e das implicações do racismo e do machismo na linguagem e na vida social, esta investigação dialoga com a linha de pesquisa “Repertórios artísticos e culturais na construção de identidades étnico-raciais” do programa de Relações Étnico-Raciais ao colocar em perspectiva a linguagem artística cultural e as relações de poder postas nas interações sociais, além de trazer para a interlocução questões relacionadas à raça, ao gênero, a classe social e a sexualidade de minorias socialmente excluídas.

Para tanto, me coloco a pensar se esse importante entendimento sobre as violências raciais e de gênero encontram solo fértil no projeto cultural foco desta pesquisa, se o Hip-Hop contribui para uma construção/desconstrução/reconstrução de identidades negras afirmativas, se as construções normativas sobre gênero e sexualidade encontram resistências e contradiscursos, e quais são as possibilidades pedagógicas encontradas no Hip-Hop.

Acredito ser possível construir uma prática pedagógica afirmativa, ainda que fora do contexto escolar, a fim de oportunizar identidades masculinas negras afirmativas. Além de acreditar na potencialidade do Hip-Hop como fomentador de debates pluritemáticos e necessários no contexto escolar.

No primeiro capítulo, apresento o Projeto Cultural Família Lanatanpa a fim de contextualizar as questões de territorialidade e *lócus* de enunciação, visto que compreender esse projeto, como funciona e seus participantes é fundamental para compreensão das suas possíveis intervenções nas construções identitárias dos participantes da *live*. O gênero discursivo *live* também ganhará destaque dado que é um gênero em grande ascensão e composto de mutabilidades além de ser o *corpus* da análise. Esta que terá como base a perspectiva da linguagem intervenção e modalizações do discurso que serão devidamente referenciadas no primeiro momento.

No segundo capítulo proponho reflexões sobre as temáticas presentes nos discursos produzidos nos diálogos. Inicialmente, trarei para o debate a lógica do conceito de raça e compreensão de negritude advinda desses discursos e como são atravessadas por discursos

construídos socialmente. Depois, sugestiono considerarmos os constructos sobre masculinidade pautada na singularidade, na qual ser homem se constrói socialmente de forma uniforme e homogênea. Também aponto um deslocamento da sexualidade na formação da identidade masculina e considero questionarmos essa masculinidade pautada na heterossexualidade e falocentrismo. Por fim, neste capítulo, levanto o debate sobre contradiscursos, ou os discursos que vão na contramão da norma.

No terceiro capítulo, tenciono um diálogo entre o Hip-Hop e o contexto escolar. Pretendo trazer reflexões acerca dos construtos normativos retroalimentados e difundidos pela escola. Também procuro considerar o lugar do Hip-Hop numa construção identitária afirmativa e um lugar de letramento de reexistência. Por fim pretendo evidenciar o gênero *live* e o Hip-Hop como ferramentas na sala de aula e promotores de reflexões.

Nas considerações, tratarei as reflexões acerca da totalidade da pesquisa, mas estão longe de ser considerações finais ou conclusivas, visto que acredito que muitas das reflexões propostas neste trabalho de investigação não se encerram em suas páginas.

1. Família lanatanpa: o hip-hop, o gênero discursivo *live* e a linguagem

"O rap me ensinou" "Cultura, beleza, orgulho, respeito"
"O rap me ensinou a ser quem eu sou"
"Meu rap faz o cântico dos loucos e dos românticos"
"O rap me ensinou"
"Eu sou guerreiro do rap sempre em alta voltagem"
"O rap me ensinou a ser quem eu sou"
"1 por amor, 2 pra levar a mensagem"
Me ensinou - Pentágono part. Projota

Neste primeiro momento, quero apresentar o Projeto Cultural Família Lanatanpa. Este que é o ponto de partida das reflexões aqui presentes e que possibilitou o contato com o *corpus* da pesquisa, que é composto pelas vozes dos participantes desse projeto. Partindo desse pressuposto, apresento o projeto e sua participação no contexto espacial e periférico onde está inserido, e os pilares presentes na construção dessa que é uma das potências na integração social na Baixada Fluminense.

Também pretendo apresentar a *live* como gênero discursivo e trazer reflexões sobre como este gênero é mutável e flexível, e vem se reinventando de maneira singular na atual circunstância pandêmica, tendo talvez possibilitado uma nova forma de promover diálogos e intervenções necessárias socialmente.

Os discursos produzidos no contexto da *live* serão o aporte dialógico para as temáticas principais e para os debates que aqui são estabelecidos, e neste capítulo mostrarei os caminhos que percorri metodologicamente a fim de apresentar a teoria presente nas análises propostas e qual será o encaminhamento pretendido.

Ainda neste capítulo, pretendo apresentar as conceitualizações sobre linguagem e discurso que servirão como base para as análises propostas e como esta bibliografia figura no cerne dos debates propostos a partir dos discursos sobre e acerca de verdades construídas socialmente.

1.1 Projeto Cultural Família Lanatanpa: conexão Hip-Hop

O Projeto Cultural Família Lanatanpa é o campo dessa investigação. O projeto existe desde 2018 e atende jovens e adolescentes moradores do bairro Pantanal, situado no 2º

distrito da cidade de Duque de Caxias no estado do Rio de Janeiro. Conta com cerca de dez membros e cinco mentores, e objetiva oportunizar o contato com a cultura Hip-Hop a fim de possibilitar outras perspectivas aos adolescentes que encontram no seu entorno uma realidade de violência e descaso do poder público.

Além de encontros e oficinas, o projeto se propõe adentrar escolas com o objetivo de difundir a cultura Hip-Hop e levar as temáticas que aparecem dentro do gênero rap para a centralidade do debate. Visitas escolares são realizadas a fim de colocar o Hip-Hop como temática transversal para dialogar com os alunos e professores das instituições.

Um dos eventos que acontece de forma quinzenal e, por vezes, mensal é a roda cultural, evento que se inicia com uma roda de conversa, partindo geralmente de uma temática central. Nessas rodas a organização convida professores, militantes, educadores populares entre outros para comandar o debate e possibilitar uma ampliação do conhecimento a fim de oportunizar um momento reflexivo para a finalidade educativa do projeto. Algumas das temáticas já abordadas no contexto das rodas foram: transfobia, feminismos, feminicídio, cultura nordestina, racismo ambiental entre outras. Dentro das temáticas já abordadas, trazemos a roda destinada a discutir masculinidades negras, que será mote central das explanações da pesquisa em questão.

Durante esse momento de pandemia o projeto, na tentativa de permanecer ativo, passou a realizar l*ives* e encontros virtuais que possibilitasse o debate e o contato dos jovens com a arte do Hip-Hop e suas vertentes. Uma dessas *lives* será o corpus de pesquisa. A *live* sobre masculinidades negras, mediada por mim, trouxe à tona algumas temáticas quanto à construção identitária dos jovens pertencentes ao grupo em questão para além de vivências e intervenções que o projeto proporcionou em suas realidades.

A escolha do projeto em questão se deu de forma orgânica, visto que existe uma proximidade entre mim e a organização, já que sou um dos mentores. Mas foi, principalmente, pelo diferencial pedagógico a partir do qual ele se constitui, tendo em vista que muitos projetos parecidos no entorno e dentro do município de Duque de Caxias possuem como foco as batalhas de rap e os eventos de Hip-Hop, sem uma preocupação evidente com a formação identitária e social dos jovens participantes.

Importante observar que o nome do projeto possibilita algumas reflexões sobre a constituição deste no contexto territorial e social. Além da quebra no conceito tradicional de família, que muitas vezes está inserido na fotografia tradicional e normativa, com famílias constituídas por relações amorosas heterossexuais ou consanguíneas. A proposta do projeto constrói um “vínculo” familiar distinto, a partir do qual independentemente de relação sanguínea e sexualidade os familiares são interligados pela conexão com o Hip-Hop.

A ligação familiar sai do campo de pai, mãe e filhos para constituição daqueles que encontram no próximo similitude e constroem uma família a partir da união, da força e da

cultura Hip-Hop. O conceito de coletividade reverbera na construção de um grupo heterogêneo, buscando na integração a construção de algo artístico que é advindo das suas experiências, de seus corpos e suas subjetividades.

Para além da ligação familiar e com o Hip-Hop, o nome do projeto ganha centralidade territorial quando observamos que Lanatanpa é uma espécie de anagrama do nome dado ao bairro, Pantanal, no qual atua em Duque de Caxias. Um anagrama nada mais é que uma palavra formada pela alteração da ordem das letras de uma outra palavra. De certa forma Lanatanpa tem por objetivo modificar a "ordem" do Pantanal e transformar, reinventar, deslocar cultural e socialmente este lugar.

O Projeto Cultural Família Lanatanpa tem como ênfase a cultura Hip-Hop que é bastante presente no contexto das periferias cariocas e paulistas, no contexto brasileiro. Além de uma cultura popular, é a valorização de uma identidade cultural pertencente às crianças e jovens presentes no território do bairro Pantanal.

Ainda que próximo ao bairro de Gramacho e ao Centro de Duque de Caxias, o bairro Pantanal pertence ao 2º distrito do município. O nome vem da lógica territorial, já que a região é conhecida por ser uma área pantanosa e úmida, porque está entre as sub-baciais hidrográficas dos rios Iguaçu e Sarapuí. Vizinho da segunda maior refinaria do país (Reduc), o bairro, assim como inúmeras periferias do país, sofre com a falta de saneamento básico, ruas esburacadas, um crescimento desordenado, alagamentos constantes e o histórico coronelismo político de Tenório Cavalcante[1].

O Projeto Família Lanatanpa, por intermédio do Hip-Hop e das diversas linguagens presentes no movimento, promove intervenções socioculturais de valorização do território e da autoestima dos moradores. Uma das formas de intervenção são as ações de grafite em praças e locais que são utilizados como lixeiras irregulares, buscando a conscientização sobre o ambiente e pertencimento.

O movimento Hip-Hop aduna em si música, poesia, dança e grafite. Esses pilares fazem do Hip-Hop uma cultura híbrida, uma manifestação cultural contemporânea e extremamente atrativa para as crianças e jovens negros periféricos por estar próximo a sua realidade.

O Hip-Hop ganha centralidade nessa pesquisa visto que compreendo, assim como Ana Lúcia Souza (2009), que esse movimento

> [...] é caracterizado como uma agência de letramento da qual os sujeitos participam e na qual desenvolvem práticas culturais específicas de leitura e de escrita, de acordo com as orientações, objetivos e necessidades de suas

[1] Um pouco da história política de Tenório Cavalcante. Disponível em https://odia.ig.com.br/odiabaixada/2015-08-15/um-pouco-de-historia-a-vila-sao-jose-e-o-triste-fim-de-tenorio.html

> ações comunitárias. A partir disso, sustento e defendo o hip hop como uma agência de letramento emergente, caracterizando-o como “letramentos de reexistência” (2019, p.25)

Assim sendo, o Projeto Lanatanpa é um agente importante de letramento de reexistência no território de Duque de Caxias. Esse letramento racial se dá de inúmeras formas, visto que existe uma heterogeneidade no fazer cultural no universo do Hip-Hop. Para além da escrita o movimento se apresenta multimodal e coaduna diferentes linguagens (SOUZA, 2009).

O projeto foi idealizado na tentativa de desconstruir a ideia de que não existe cultura sendo produzida na Baixada Fluminense, ampliar os horizontes educacionais e culturais dos moradores e trabalhar a valorização da cultura local.

Anderson Maia (DJ Maia) é o idealizador do projeto juntamente com Juliana Maia. DJ Maia possui uma longa ligação com Hip-Hop e começou a idealizar a proposta de cunho social visando propiciar aos adolescentes moradores do bairro o contato com estilo musical e o contexto social que traz consigo. Juliana, à época cursando licenciatura em história, compreendeu nesse espaço uma possível construção pedagógica, e agregou ao projeto aquilo que até então não era feito nas rodas culturais.

O projeto está em constante mudança e já recebeu alguns prêmios pelo trabalho realizado no município como o troféu Arte em Movimento no ano de 2019 e o reconhecimento como parceiro da juventude pelo Conselho de Juventude do município de Duque de Caxias. Neste contexto pandêmico, o projeto auxiliou na distribuição de cestas básicas tanto para os participantes como para moradores do bairro em situação de vulnerabilidade.

1.2 Ao vivo e a cores: o gênero *live* nos debates sobre negritudes

O corpus de análise da presente pesquisa é composto por uma transmissão ao vivo feita através da plataforma *Instagram* na página do projeto Família Lanatanpa no dia 26 de junho de 2020. A transmissão foi uma das idealizadas para compor as apresentações de sexta-feira do projeto "Lanasexta", que em tempos não pandêmicos são encontros realizados na praça do Sossego, no bairro Pantanal, em Duque de Caxias.

A Lanasexta é uma vertente do projeto que ocupa a praça às sextas-feiras com batalhas de rap e apresentação de DJs a fim de oportunizar aos jovens a prática e aprofundamento de suas habilidades. Como são eventos pequenos, possibilitam uma interação maior entre os participantes e acaba se caracterizando como um momento de aprendizado visto que alguns MCs locais utilizam esse evento para suas primeiras apresentações.

Com a pandemia, os encontros da Lanasexta se transformaram em transmissões pela rede social. Apresentações artísticas e conversas sobre temáticas pré-selecionadas pelo grupo ganharam centralidade nessas transmissões. O *corpus* é a transmissão que teve como temática “Masculinidades negras” (Figura 1), e como convidados para o debate os jovens integrantes do coletivo MC Mad, MC Doky e DJ Levas. O coidealizador do projeto, DJ Maia, também foi convidado para contar suas vivências e os diálogos foram mediados por mim que também participei fazendo colocações e expondo minhas vivências.



Figura 1: Imagem de divulgação da *live*.

Fonte: Instagram

A imagem pensada para divulgação nas redes sociais, principalmente o *Instagram*, foi criada no formato da plataforma em questão e traz consigo as informações cruciais sobre o evento, como horário, data e local (página do projeto). Porém, existem elementos que evidenciam algumas características dos discursos produzidos sobre negritude e masculinidade. No centro da imagem, temos a representação de um punho cerrado, que é

um símbolo de resistência usado por muitos movimentos, dentre eles a descolonização da América, África, Ásia e pelo movimento negro.

Como plano de fundo da imagem podemos observar um registro da manifestação durante a greve dos trabalhadores sanitários na cidade estadunidense de Memphis, em abril de 1968. A greve aconteceu em decorrência da morte de Echol Cole e Robert Walker e a recusa de indenização dos familiares. As condições precárias de trabalho e o contexto político/social fazem com que os funcionários marchem empunhando cartazes com a frase "I am a man" (Eu sou um homem). O contexto racista estadunidense coloca essa frase em perspectiva em alguns sentidos, visto que inferiorizar homens negros se referindo a eles como "boy" era o cenário encontrado no século XVIII. O mote utilizado pelo movimento abolicionista "Am I not a man?" dialoga diretamente com os expostos.

As conversas aconteceram “individualmente”, pois a plataforma da rede social Instagram possibilitava, naquele momento, somente dois participantes por vez, e por isso fui conversando de forma individual. Os vídeos estão divididos em quatro, cada um com aproximadamente 59 minutos. A divisão também foi necessária por regras da plataforma utilizada, que não permitia *lives* com mais de uma hora de duração contínua. No contexto de apresentação da *live*, a variação de público foi observada, porém não contabilizada, visto que naquele contexto não havia pretensão da utilização desta para fins analíticos. Porém, para fins de registro, os quatro vídeos disponibilizados na página do projeto contam com uma média aproximada de 76 visualizações (05 de julho de 2021), sendo o último vídeo postado o com mais visualizações e o único com interação posterior a postagem.

A rede social *Instagram* foi criada em 2010, rapidamente conquistou milhões de usuários e hoje é uma das maiores redes de publicidade mundial. Assim como outras redes sociais, o objetivo inicial da plataforma é o compartilhamento de fotos e vídeos. Muitas mudanças aconteceram durante esses 11 anos, principalmente após a venda para o principal concorrente, o *Facebook*. Algumas foram a criação de *Stories*, que são vídeos curtos que deixam de ser compartilhados após 24 horas, a disponibilização de filtros para fotos que permitem brincadeiras e até alterações físicas no momento da foto/vídeo, mas a ferramenta foco desta pesquisa são as transmissões ao vivo (*lives*).

As *lives*, ou seja, as transmissões ao vivo através da câmera do dispositivo, foram disponibilizadas no aplicativo em 2016 e desde então foram utilizadas por personalidades e empresas com o objetivo de interação fã/seguidor, personalidade/sujeito seguido e empresa/consumidor, partindo de uma lógica centrada na projeção quase egocêntrica e capitalista e como ferramenta de engajamento.

No princípio, as transmissões eram apagadas imediatamente após o término, sem possibilidade de outro participante direto na transmissão, com foco na interação momentânea, com duração máxima de uma hora e sem registros na página do usuário. Depois tornou-se

viável a participação direta de dois usuários em cada transmissão e a possibilidade de disponibilizar a transmissão por 24 horas (nos *stories*) da página do usuário que iniciou a transmissão. No período de quarentena da pandemia do COVID-19 as *lives* sofrem novas reestruturações e a plataforma passa a permitir baixar a transmissão no seu aparelho e disponibilizá-la na íntegra na página do usuário. Atualmente existe o que a plataforma chama de "*live room*", ou salas ao vivo, onde o usuário pode transmitir em colaboração com no máximo 3 outros usuários. É esperado pela plataforma

> que o maior número de participantes no Live gere mais oportunidades criativas. Comece um programa de entrevistas, faça uma sessão de improviso musical ou uma colaboração com outros artistas, conduza sessões de perguntas e respostas ou tutoriais que gerem mais engajamento com os seus seguidores ou simplesmente aproveite a companhia de mais amigos. (INSTAGRAM, 2021)

As mudanças passam diretamente pelo âmbito comercial e econômico, visto que agora o usuário pode "comprar selos para os criadores de conteúdo favoritos deles, como forma de demonstrar o carinho que sentem", ou o usuário pode iniciar uma campanha de arrecadação de fundos ao vivo.

Muitos debates acadêmicos e políticos ganharam as redes sociais no contexto pandêmico — atualizando seus usos, modificando e reconstruindo seus gêneros, entre eles as *lives* (VILLELA; ALMEIDA; GIORGI, 2020) — devido às necessidades comunicativas e também de produção, visto que uma certa obrigação em produzir advinda de determinados contextos foi realocada para o meio virtual, devido a impossibilidade de eventos presenciais com participação de público.

Esses debates e discursos sociais ganharam uma visão midiática no contexto atual e passam a ocupar um espaço não destinado e pensado para tais reflexões. O espaço das redes sociais forjou inúmeras construções alternativas, visto que sua finalidade primária foi modificada para produções outras que não tivesse o fim meramente midiático ou comercial, viabilizando transformações nas formas de enxergar o espaço virtual.

As movimentações sociais que ganhavam as ruas para mostrar sua indignação e descontentamento ganharam, ainda mais, o contexto virtual, visto que não era possível ocupar as vias das cidades. Esses movimentos ganharam as redes e ocuparam com *hashtags* e mobilizações virtuais a fim de protestar e manifestar. Ainda que fosse um espaço já utilizado por muitos ativistas e militantes, as redes sociais se mostraram uma ferramenta necessária no contexto pandêmico.

A academia, que pouco interagia com as redes sociais, encontrou neste espaço viabilidade de produção e continuidade de eventos, como palestras, debates, mesas-redondas etc. A partir do momento em que os auditórios e espaços físicos das universidades

não puderam ser ocupados, os acadêmicos — docentes e discentes — passaram a ocupar as redes com a finalidade de visibilizar suas pesquisas e projetos, além de dar continuidade aos seus processos de ensino-aprendizagem. O Youtube foi a principal plataforma procurada pelas instituições, muitos programas e departamentos encontraram nesta plataforma uma possível viabilidade democrática para fomentar a participação de seus estudantes e da comunidade social.

Preciso evidenciar que muitos acadêmicos ocuparam os espaços de outras plataformas e me uso como exemplo. Encontrei no *Instagram* espaço para evidenciar pesquisas e chamar para o diálogo com meus estudantes, principais seguidores da minha página profissional no *Instagram* (@wallaceprofessor). Fiz da minha página local de debate semanal sobre temáticas que estivessem envoltas no contexto educacional. No projeto “hora do intervalo”, conversei em *lives* com professores pesquisadores e longe da lógica comercial, vislumbrei naquela mídia um espaço de troca.

É importante localizar a *live* como um gênero discursivo, mutável e que se encontra em constante expansão. Os gêneros vão encontrar nas épocas e lugares, contextos e interlocutores, possibilidades de variações, trazendo para qualquer pesquisa uma intrínseca necessidade de se observar para além da dimensão textual, fatores extralinguísticos que os compõem. No caso da live, o gênero, nascido no contexto digital contemporâneo das redes sociais, foi pensado como um mecanismo narcísico de modo geral

> [...] usado prioritariamente para exibição pessoal e construção de uma imagem do proprietário do perfil. Entretanto, a necessidade de substituição do contato presencial pelo online tem levado outros enunciados, que circulavam anteriormente por outros gêneros do discurso, especialmente os acadêmicos, como palestras, mesas redondas, aulas, etc. também a serem transmitidos nesse mídium.(VILLELA; ALMEIDA; GIORGI, 2020 p.45).

Existem inúmeras implicações ao ocupar um espaço como o contexto das redes sociais com outras produções e discursos, como aqueles ligados aos movimentos sociais. Questões como alcance e acesso são focalizadas nessas implicações, visto que não são quesitos passíveis de controle no *Instagram.* Ainda que inicialmente uma *live* seja destinada aos seguidores de um perfil, a partir do momento em que se convida outro participante, o leque de espectadores passa a abranger ambos os grupos de seguidores e, para além disso, qualquer pessoa pode acessar com acesso ao link.

Ao refletir sobre o alcance e acessos da *live,* podemos problematizar a construção de bolhas dentro desse contexto das redes sociais. Uma transmissão ao vivo no perfil do Projeto Lanatanpa inicialmente é dirigida para aqueles que seguem o perfil do projeto, ou seja, aqueles que direta ou indiretamente possuem um contato prévio com a lógica do Hip-Hop.

Através dessa ótica, podemos compreender que os discursos presentes ganham validação e, às vezes, pouco embate ao falarmos para os “nossos”.

A transmissão *corpus* dessa pesquisa não se propõe através do cunho do convencimento, ou seja, os discursos presentes nos diálogos não se propõem à angariação de fundos ou seguidores. Neste caso, a compreensão de coletividade e a reconstrução dos participantes ganham centralidade. Existe um deslocamento desses participantes ao se colocarem a refletir sobre suas vivências e experiências, possibilitando um diálogo com outros participantes que também foram atravessados por perspectivas parecidas na sua construção identitária.

É importante ressaltar que a plataforma *Instagram* não foi um espaço pensado para abarcar os debates sociais, e sim para uma lógica capitalista, que transforma os seus sujeitos/usuários e seus dados/informações em mercadoria própria e procurada no mercado, com as implicações que o neoliberalismo traz consigo. Porém, esta construção e plataforma possibilita construções próprias, coletivas, criativas e subversivas dentro e usufruindo de sua plataforma.

Não posso deixar de mencionar que tal plataforma, assim como em inúmeras outras corporações digitais, reverbera o racismo desde seus algoritmos até em suas políticas de denúncia de postagens ofensivas e criminosas (SILVA, 2020). A sabotagem de conteúdos produzidos por pessoas negras, o alcance limitado para esses usuários e até mesmo a censura a fotos e vídeos postados por pessoas negras estiveram no centro das denúncias feitas por influenciadores entre os últimos meses do ano de 2020, quando *influencers* observaram que, ao postar fotos de pessoas brancas em seu *feed* no *Instagram,* seu engajamento aumentava consideravelmente.

O racismo se reinventa e se reestrutura na contemporaneidade, e as novas tecnologias pautadas na inteligência artificial ou pela lógica dos algoritmos são e serão criados pela mente humana e com seu caráter social e subjetividades. O algoritmo não cria distinções pautadas na lógica de raça, como no caso do *Twitter,* onde as fotos postadas privilegiava rostos brancos, em detrimento de rostos negros. Então, diante das inúmeras denúncias, a plataforma prometeu revisão de seus algoritmos, e o “chefe” do *Instagram* afirmou que

> Algumas tecnologias correm o risco de repetir os padrões desenvolvidos por nossas sociedades tendenciosas. Embora façamos muito trabalho para ajudar a evitar o preconceito subconsciente em nossos produtos, precisamos examinar com mais atenção os sistemas subjacentes que construímos e onde precisamos fazer mais para evitar o preconceito nessas decisões. (MOSSERI, 2020)

Acreditamos, ingenuamente, que os espaços digitais e, mais especificamente, as redes sociais são espaços democráticos e “igualitários”. Porém, esse é um novo mito construído a partir da ideia de que na internet há possibilidade para todos se expressarem e serem ouvidos. Esse novo “mito da democracia na rede social” nos coloca em um espaço frustrante, em que, ainda que seu conteúdo seja extremamente relevante, ou que você faça um trabalho intensivo com as redes, essas ferramentas acabam por diminuir a entrega, o alcance e engajamento daquilo que você produz.

Partindo do princípio da sabotagem uma outra plataforma ganhou centralidade acerca de denúncias de racismo em seus algoritmos. O *TikTok,* conhecida plataforma de produção de vídeos curtos, tem como página principal o “for you”, ou para você, onde o algoritmo indica vídeos de criadores e assuntos que dialogam com seu desejo, ou com o seu “perfil”, mapeado pela plataforma. Porém, muitos criadores negros observaram que suas produções não apareciam nessa página, e a visível preferência por pessoas brancas nas indicações. Ainda que em junho do ano passado a plataforma tenha se comprometido com revisões, pouco foi feito, e os criadores e usuários negros fizeram greve e boicote porque a famosa rede social das dancinhas tem, em sua criação de coreografias, majoritariamente pessoas negras, que não são creditadas nas reproduções e nem reconhecidas pela ferramenta.

O pesquisador Tarcízio Silva, que estuda imaginários sociotécnicos de resistência, produziu e produz publicações acerca do racismo algorítmico (2019; 2010). Pensando o contexto das redes sociais e os casos aqui trazidos, evidencio a linha do tempo[2] que é atualizada pelo pesquisador, onde é possível visualizar casos, reportagens e reações ao racismo algorítmico. Nos casos é possível perceber as microagressões e discriminação em código presente nas plataformas digitais (SILVA, 2020).

No caso aqui analisado, as redes sociais não possuíam uma centralidade no projeto, a não ser para divulgação dos eventos, oficinas e cursos promovidos. Observando o projeto de cunho social, houve no contexto pandêmico uma necessidade de visibilidade a fim de conseguir pôr em prática seus objetivos e propósitos. Sendo assim, o projeto cultural Lanatanpa encontrou no movimento de mobilização acadêmico-ativista das *lives* uma possibilidade de visibilidade para o projeto e seus desafios.

O gênero *live* ganhou centralidade no contexto acadêmico durante esse momento da pandemia e tem possibilitado muitas intervenções e interações que talvez presencialmente não fossem possíveis, visto os inúmeros custos viabilizam ou inviabilizam um evento acadêmico. No contexto das produções culturais, a visibilidade que é oportunizada pelas

[2] Linha do Tempo do Racismo Algorítmico: casos, dados e reações - Tarcízio Silva Disponível em: https://tarciziosilva.com.br/blog/destaques/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo/

mídias sociais favorece o reconhecimento desses projetos e proporciona um alcance incontavelmente maior que a praça do bairro.

Avancemos então para as reflexões sobre os discursos presentes nesse contexto, as lógicas de interação discursivas e o referencial teórico-metodológico que compõem as análises deste estudo.

1.3 Linguagem e intervenção: fundamentos linguístico-discursivos e metodológicos

Qualquer texto pressupõe um posicionamento e considerações do enunciador e, partindo dessa conjuntura, utilizaremos uma perspectiva discursiva enunciativa. Esta concepção de discurso dará sustentação às análises pretendidas nesta pesquisa. Para tanto, partimos dos escritos sobre linguagem como prática social (BAKHTIN, 1995; 1997), e da compreensão desta como forma de intervenção no mundo social (ROCHA, 2006; 2014).

A linguagem se constitui socialmente como instrumento de ser e agir no mundo e necessita ganhar centralidade nos estudos culturais, visto que o texto/enunciado representa tanto o enunciador como seu entorno social. Longe de ser um composto de palavras objetivando simples comunicação, a linguagem está intrinsecamente relacionada à subjetividade de seus interlocutores e marcada pelas construções sociais e circunstâncias do contexto no qual foi produzida.

Ou seja, compreendo que no campo discursivo estão postas as concepções ideológicas construídas socialmente (ROCHA; DEUSDARÁ, 2006), nas quais nós, sujeitos, fomos forjados. Na tentativa de refletir sobre essas concepções, proponho analisarmos os discursos contidos nos textos e contextos da *live* em questão, a fim de oportunizar um debate sobre as ideologias acerca da construção do ser masculino e do ser negro.

Sendo assim, compreendo que a linguagem, para além de representar e referenciar uma dada realidade como forma consciente de falar do mundo, também expressa a forma como somos afetados e atingidos pelo vozerio do mundo, e institui nossa contribuição e intervenção para a construção deste mundo. Assim, entendo que é necessário verificar o lugar da linguagem na produção de subjetividades, bem como a interligação entre sujeito e mundo a partir do prisma dos afetos sociais sobre suas construções (ROCHA, 2006).

Ao analisar os discursos dos participantes no *corpus,* não tenho pretensão de generalizar vivências e subjetividades presentes no texto ou no contexto de seus enunciados, porém, entendo que ainda que bastante individualizadas ou subjetivas, as reflexões propostas aqui atingem a coletividade na construção de identidades masculinas negras. É

necessário afirmar também que, como participante e sujeito da pesquisa, a perspectiva a partir da qual me situo não interfere na cientificidade do produto acadêmico pretendido.

Tal posicionamento é necessário, visto que existe uma “tradicional” dissociação entre autor de uma dissertação acadêmica e o indivíduo/sujeito social, que precisa trazer marcas de impessoalidade e silenciar suas questões e construções sobre gênero, raça, sexualidade, classe social… na tentativa ou busca de uma neutralidade ou objetividade construída somente no campo ficcional, já que esta dissertação ilustra as construções em torno da linguagem e como esta intervém nas produções de mundo. Para tanto, proponho que os escritos aqui sejam apreendidos como enunciados constituídos considerando determinadas leituras e dentro de processos de produção ímpares que precisam e vão construir meus posicionamentos acerca das teorias, análises e pretensas observações que de forma alguma serão conclusivas.

Lembro que esse lugar de segurança e possibilidade de demonstrar que essa pesquisa está visivelmente imbricada com minhas vivências e subjetividades me é dado pelo Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) e que, possivelmente, estando circunscrito em um contexto acadêmico outro, este trabalho estaria marcado pelos inúmeros "plurais de modéstia", e mergulhado na impessoalidade tradicionalmente arraigada no contexto da academia. Poder me posicionar, poder ampliar o meu campo de militância da vivência diária, da sala de aula (ou do Classroom) para minha dissertação é evidenciar que meu corpo é político e não existe neutralidade possível.

> Fazer pesquisa pode ser visto, portanto, como uma maneira de re-inventar a vida social, o que inclui a re-invenção de formas de produzir conhecimento assim como de formas de vida, já que a pesquisa é um modo de construir a vida social ao passo que tenta compreendê-la (SANTOS, 2008). É também uma maneira de re-descrever o sujeito social, inscrito na produção do conhecimento, não separando teorias das práticas sociais (MOITA LOPES, 2009, p. 39).

A pesquisa é uma forma de intervenção no mundo, então como destituir essa intervenção de subjetividade? Como construir um indivíduo pesquisador isento e neutro diante da construção social a qual pretende compreender e descrever? Assim como as ferramentas das redes sociais apresentadas anteriormente, o mundo se reconfigura, reestrutura e cria seus novos algoritmos, então por que ainda insistimos em formas de pesquisa que não se atualizam?

> [...] nos moldamos no passo a passo da interação em relação aos contextos em que atuamos e à luz de quem são os outros a nossa volta e que, portanto, não somos sempre os mesmos: nossas vidas sociais são também cada vez mais contingentes. Isso não quer dizer que, no passado, também não nos moldávamos de uma forma ou de outra em situações específicas, mas é um

> fato que, tendo em vista a rapidez do tempo e a compressão do espaço, típicos de nossos dias, a vivência de tal contingência se tornou mais facilmente experimentável. (MOITA LOPES, 2009, p. 44)

Nesse sentido, é necessário pontuar algumas considerações sobre o processo enunciativo do momento de produção dos discursos pertencentes ao *corpus*. O primeiro ponto a ser considerado é a inexistência de um fazer investigatório-científico. Ou seja, não existia, no contexto da realização da *live,* o objetivo de pesquisar os discursos ali produzidos. Com isso, pode-se compreender que as perguntas, contexto de interação ou possíveis intervenções não foram anteriormente esquematizados para construção de objeto de pesquisa.

O segundo ponto a ser observado é o contexto de interação. Os enunciados analisados *a posteriori* aconteceram não somente entre locutor e interlocutor. Através da utilização da ferramenta de transmissão *online,* houve a participação de inúmeros outros interlocutores, visto que a página do projeto conta com mais de 4 mil seguidores e para a participação dos entrevistados foram utilizados seus perfis pessoais/artísticos/profissionais. Entendo que os enunciados produzidos, nesse contexto, excedem a interação locutor-interlocutor e alcançam um outro paradigma comunicativo para interpretação de outros indivíduos envolvidos neste meio enunciativo.

Sendo assim, existem alguns níveis dialógicos de interação passíveis de análise. A interação entrevistador-entrevistado que provoca no fazer interacional uma proximidade, visto que existe uma relação anterior ao momento da entrevista. O segundo nível é o da interação entrevistado-participantes: nesse contexto, a performance esperada pelos espectadores transpassa a produção dos discursos proferidos através dos comentários feitos na plataforma e/ou relacionamento com a plateia assistente, ou seja, existe um discurso que interage diretamente com a expectativa dos espectadores, sejam conhecidos ou desconhecidos. O terceiro e último nível a ser mencionado é a interação discursos-temporalidade, pois é sabido da gravação das entrevistas e sua divulgação posterior nas redes do projeto o que possibilitará interações futuras de espectadores que não estiveram intrinsecamente inseridos no momento da entrevista.

Nesse sentido, compreendo que a interação no contexto de uma rede social, através da plataforma do projeto, com inúmeros espectadores, sendo transmitida ao vivo, com audiência desconhecida e sem controle prévio, moldam e impactam diretamente os discursos produzidos e indicam até mesmo caminhos a ser percorridos nas narrativas, como apontarei mais adiante. De maneira alguma as circunstâncias de produção desses discursos invalidam ou nulificam as análises aqui propostas. Os contextos de produção desses discursos são aqui apontados para que possamos compreender e direcionar nosso olhar para o conjunto dos enunciados proferidos.

O momento e a lógica de temporalidade também são considerações necessárias ao analisar o momento de enunciação, visto que a *live* aconteceu após um período de comoção e protestos mundiais, mesmo em contexto pandêmico, em decorrência do assassinato por asfixia de George Floyd, afro-estadunidense assassinado no dia 25 de maio de 2020 por policiais. As imagens da truculência policial e a frase dita por George nos vídeos "I Can't Breathe!" ("Não consigo respirar") circularam o mundo e trouxeram à tona temáticas como violência policial contra a comunidade negra e as lutas antirracistas em todos os âmbitos da sociedade. A frase dita por Floyd alcança, no contexto da pandemia, significações outras, visto que a dificuldade de respirar ou falta de ar é um dos sintomas graves da COVID-19 (coronavírus). Nesse sentido, os discursos produzidos no contexto da interação dialogam com os discursos presentes no contexto midiático.

Realizou-se o levantamento dos dados analisados a partir dos vídeos disponibilizados online na página do projeto. A *live* é composta por quatro vídeos, sendo dois com aproximadamente 60 minutos cada, outro com 25 e outro com 11 minutos, totalizando quase três horas de conteúdo.

Transcrevi as entrevistas quase completamente focalizando as intervenções e respostas dos participantes a fim de evidenciar os discursos que foram analisados. A transcrição foi feita em língua portuguesa, utilizando a variedade padrão com apontamentos específicos da variedade presente no diálogo, a partir dos vídeos que estão disponibilizados e mantendo muletas de pausa além da espontaneidade. Não houve, nesse momento, preocupação em analisar pausas, silenciamentos e hesitações.

Observou-se a necessidade de recortes específicos, que contemplassem a realização analítica proposta nesta pesquisa, não objetivando a transcrição das três horas de diálogos. Para melhor identificação dos excertos eles serão numerados em ordem crescente e as transcrições completas referentes ao trecho analisado constarão nos apêndices.

Foram cinco os participantes da *live corpus* da pesquisa: Anderson Maia (DJ Maia), 41 anos, homem cis negro, heterossexual, pai de quatro filhos, trabalha com sistemas de refrigeração, prestando serviço para grandes empresas em shoppings renomados no Rio de Janeiro, e é idealizador do projeto Família Lanatanpa; Andrew Oliveira (MC Doky), 18 anos, homem cis negro, heterossexual, cristão protestante, jogador semiprofissional de basquete, integrante do projeto desde sua idealização e atualmente estudante de direito. Levi de Oliveira, 23 anos, homem cis negro, heterossexual, conhecido como DJ Levas e atuante no meio de produção musical desde 2014; Miguel Ângelo (MC MAD), 21 anos, homem cis negro, heterossexual, artista do grafite e MC, atuando como jovem aprendiz em empresa farmacêutica; e eu, Wallace Modesto, homem cis negro, não-heterossexual, professor e mentor do projeto.

Não se buscou o anonimato dos participantes primeiramente porque o *corpus,* ou seja a *live,* está disponível publicamente nas redes sociais; segundamente, acredito que evidenciar esses participantes reforça e valoriza o trabalho cultural que desenvolvem; e, em terceiro lugar, realizo dessa forma um pedido dos participantes que ao tomar conhecimento da pesquisa solicitaram que seus nomes e vulgos não fossem omitidos. Evidencio também que todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.

Partindo do pressuposto linguístico de que a língua está intrinsecamente ligada à lógica da argumentação (KOCH, 2003), e que o enunciador se posiciona sobre seu próprio discurso à medida em que fala, focalizei as análises do *corpus* nos modalizadores como marcas linguísticas da argumentação (KOCH, 2009) na enunciação.

> Os modalizadores são indicadores do grau de engajamento, de comprometimento do locutor com o seu enunciado. Os modalizadores são a lexicalização, a materialização linguística das modalidades. Os modalizadores são representados por: advérbios, auxiliares modais, verbos de atitude do campo proposicional, modos e tempos verbais: uso do futuro do pretérito (com valor de probabilidade), uso do imperativo, do subjuntivo, predicados cristalizados.
> No tocante aos modalizadores, cumpre mencionar que são a manifestação do fenômeno modalidade, isto é, são, no discurso, a lexicalização de um fenômeno que, além de imprimir no enunciado a subjetividade do locutor, funciona como pista que institui sentidos variados que podem ser identificados pelo interlocutor. (GONÇALVES, 2012. p.30)

Como categorias de análise, utilizarei as modalizações alética, deôntica e epistêmica em relação às construções enunciativas dos entrevistados. Levando em consideração os fatores intra e extralinguísticos, as três modalidades apontam para os eixos da existência/lógica (alética); da crença/conhecimento (epistêmica) e da norma/conduta (deôntica) (KOCH, 2009).

A modalidade alética pressupõe o posicionamento do enunciador diante do conceito de verdade. Ainda que estejam intrinsecamente ligados à questão lógica, os enunciados podem e são atravessados pelo conhecimento de mundo do enunciador e filtrados por ele. Através dessa modalidade os entrevistados expressam uma possível verdade ou a construção de uma verdade necessária.

Deôntica é a modalidade em que o enunciado se impõe como norma. Intimamente ligada às noções de obrigatoriedade, proibição, dever e necessidade. Através dessa modalidade podemos analisar as construções ancoradas nos conceitos normativos e que perpassam a noção de obrigatório e permitido.

Na modalidade epistêmica, o foco é a ideia que o enunciador faz sobre uma dada verdade, suas crenças. No contexto pesquisado, essa modalidade mostra como o enunciador

se posiciona acerca das verdades e das normas impostas, sinalizando certeza, possibilidade ou probabilidade.

Ainda que existam autores que diferenciam modalidade de modalização, a partir do que a primeira seria apresentada nos enunciados como um esquema pretendido pelo enunciador e a segunda a expressão do julgamento de valor e a preposição de verdade presente, no enunciado nessa pesquisa não se pretende diferenciá-los partindo do mesmo princípio exposto por Castilho (2002)

> Essa distinção é um pouco especiosa, pois de qualquer forma há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc. Por isso, resolvemos não distinguir modalidade de modalização e, neste texto, esses termos serão empregados sinonimamente. (CASTILHO, 2002, p.: 201)

Com relação aos excertos transcritos e utilizados no decorrer do texto, optei por grifar, utilizando negrito e itálico, construções e evidências nesses diálogos a fim de apontar construções passíveis de análise e que são construídas através das modalidades e categorias analíticas descritas acima.

Ressalto, entretanto, que as categorias aqui expressas não são estanques. Existe uma relação de semelhança e de dessemelhança, de oposição e compatibilidade onde, às vezes, é possível encontrar mais de uma categoria imbricada no mesmo enunciado. Portanto, proponho uma análise fluída construída no predomínio de uma categoria sem que exista a exclusão total da possibilidade de interseção dessas modalidades.

2. Masculinidade: ser negro, ser homem, ser

Homem negro, inferno branco tipo Tarantino
Homem branco, inferno banto tipo tá tirano
Os menor tá desesperado, tipo atirando
Eu querendo salvar o mundo, ela pergunta: tá zuando?
O mundo é Nosso - Djonga part. Bk

Masculinidade e negritude são os pilares deste segundo capítulo, porque são as temáticas focalizadas nesta pesquisa e são de grande importância para debates contemporâneos, visto que raça e gênero são conceitos centrais na estrutura social vigente.

O Brasil se constitui racialmente por meio de um longo processo histórico, oriundo das mais variadas miscigenações que envolveram brancos europeus, indígenas nativos e negros africanos trazidos à força. Esse país foi constituído das misturas de culturas e civilizações (MUNANGA, 2006), porém sabe-se que essa mistura não foi dada e pacífica. Além da invasão de terras e do genocídio indígena, o sequestro de negros africanos e a construção de um país balizado no racismo acaba por construir um país desigual e preconceituoso.

Entendendo que raça e racismo são alicerces para construção da sociedade brasileira, trato no primeiro momento deste capítulo de enunciados sobre negritude, raça e racismo existentes no *corpus,* nos diálogos entre os participantes, e partindo desses discursos proponho reflexões acerca das construções dessas identidades raciais.

A construção de gênero também ganha um recorte necessário nesta seção da pesquisa, uma vez que os diálogos postos nas conversas que compõem o *corpus* versam sobre a compreensão de masculinidade na construção identitária dos participantes. Para tanto refletiremos se existe uma construção singular de “ser homem”, e como isso se estabelece no imaginário e aparece nos discursos presentes.

A visão de uma masculinidade única, do que é “ser homem” e da construção de “homem de verdade” perpassa as questões de sexualidade, visto que existe uma norma que precisa ser seguida. As construções da heterossexualidade em consonância com a construção de gênero são foco da terceira seção deste capítulo.

Outro pilar na construção singular da masculinidade é a ligação do gênero ao órgão sexual, mais especificamente o falocentrismo. Na construção de masculinidades negras é necessário refletir como são construídos estereótipos sobre corpos de homens negros e as interferências dessas construções nas identidades e subjetividade desses participantes.

Encerrando este capítulo apresento marcas que apontam possíveis contradiscursos, evidenciando a resistência à lógica normativa, singular e homogênea de masculinidade.

2.1 “Eu? Sou negro, né?!”: racismo, estereótipos e medos

Ao iniciar as entrevistas com os participantes da *live,* resolvi brincar e provocar com a lógica de vivência dentro do contexto das batalhas e perguntá-los “quem é você na fila do mic”, sendo mic uma abreviação para microfone muito utilizada nas rimas e no contexto do Hip-Hop. Essa primeira oportunidade de falar sobre sua trajetória, suas identidades e o que os constitui como homens negros ditaria bastante o ritmo da conversa a ser estabelecida, visto que não havia um roteiro estruturado para os diálogos.

Um dos primeiros questionamentos na conversa com cada participante da *live* foi “como se entende racialmente”. Essa questão me surgiu a partir do primeiro diálogo com MC Doky, ao observar que, em sua apresentação ao público assistente, não havia marcado sua colocação racial, ou seja, dentre todas as informações passadas ao espectador, “ser negro” não foi uma das elencadas no momento da apresentação. Esse lugar racial não marcado nas falas de apresentação aconteceu nas conversas com todos os participantes, o que pressupõe inúmeras indagações sobre a construção identitária desses participantes.

Identidade é um conceito fundamental para esta investigação e, conforme aponta Stuart Hall (2006), tem seu ponto de partida no Iluminismo como ideia de centralidade, de centralização, na qual a identidade faz parte da essência de uma pessoa, portanto é imutável. Essa ideia culmina na contemporânea modernidade tardia, na qual a identidade é descentralizada, construída, atravessada, pautada em diversas identidades e não mais na identidade única e essencial. Assim, os novos conceitos de identidade são fragmentados, mosaicos que formam um todo. Atualmente, portanto, acredita-se que seja possível se construir, desconstruir e reconstruir essa identidade de forma positiva ou negativa, visto que esta pode ser "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2006. p. 13).

Nesse ponto, ao considerarmos a construção de pensamento para além do campo orgânico, compreendemos que o diálogo com o outro forma e transforma nossa identidade. Entender-se diferente e compreender o distanciamento daquilo que se percebe ser o outro acaba nos dizendo quem somos. Para construir aporte teórico o conceito de letramento se faz importante e nesse contexto compreendemos letramento como Ana Lúcia Silva Souza explana em seus escritos com auxílio de Kleiman

> os letramentos, para além das habilidades de ler e escrever, podem ser melhor compreendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (Kleiman, 1995, p. 11). (SOUZA, 2009, p. 30)

Ou seja, a construção das relações de identidade e poder são melhor compreendidas dentro da prática dos letramentos, letramentos para além da lógica da escrita e leitura. Nesta pesquisa, em específico, compreendo o Hip-Hop como um letramento de reexistência, a partir do qual o movimento se reorganiza e reinventa suas práticas ativistas remontando, ressignificando e recontando histórias pouco contadas. (SOUZA, 2009, p. 33)

Ao questionamento de pertencimento racial recebi como resposta, em grande maioria, “Sou negro, né?!” Em alguns casos com risos e brincadeiras do tipo “depende da luz”, como feita por Doky, um dos participantes cuja cor da pele é identificada como retinta na entrevista. Ainda que seja visível, visto que negar a pertença racial dos participantes não era o objetivo e sim verificar seu posicionamento diante da questão, a ausência desse local racial, não marcado no momento de suas apresentações, colocava o conceito de raça dentro de que perspectiva para esses participantes?

Faz-se necessário compreender que o conceito de raça é importante na construção identitária e na formação dos discursos sobre negritude dentro do contexto da periferia urbana e da realidade racial presente na sociedade brasileira. Para refletirmos sobre essa questão, trazemos as palavras de Munanga

> Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. (MUNANGA, 2003, p. 6)

A visão conceitual de Munanga acerca da raça caminha de acordo com a conceitualização de Hall (2006, p. 69), que também compreende o conceito de raça como uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo. Para além disso, também compreendemos raça como um significante flutuante. Como nos elucida Hall (1995), em sua palestra intitulada “Raça, o significante flutuante”, raça funciona como linguagem e

> os significantes se referem a sistemas e conceitos da classificação de uma cultura, a suas práticas de produção de sentido. E essas coisas ganham

> sentido não por causa do que contêm em suas essências, mas por causa das relações mutáveis de diferença que estabelecem com outros conceitos e ideias num campo de significação. (1995, p.4)

Ou seja, dentro da construção do aporte teórico-metodológico, bem como em consonância com pensamento de Munanga e Hall, compreendemos o conceito de raça a partir da visão ideológica, sociológica, não estática e sempre ressignificada, visto que a construção biológica historicamente já se mostrou inexistente, ainda que remanescente no senso comum.

Apoiado nessas construções de raça, percebe-se a estruturação do "ser negro" a partir da visão homogênea e estereotipada da "negritude[3]" a partir da qual anulam-se subjetividades outras, compreendendo negritude como uma unidade. Hall (2006) elenca alguns desses construtos que fazem parte da lógica ligada à raça, visto que junto com a cor da pele viria a probabilidade de ser "preguiçosos e indolentes, de que lhes faltem capacidades intelectuais de ordem mais elevada, sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hipersexualizados, tenham baixo autocontrole, tendem à violência etc." (p.70).

Partindo desses construtos elencados por Hall, podemos iniciar com algumas reflexões sobre a construção do ideal de "ser negro" presente nos diálogos que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Assim sendo, vamos começar pensando na conceitualização de miscigenação e composição racial presentes no contexto da sociedade brasileira. Para tanto, é necessário buscar a construção histórica de raça em solo *brasilis*.

Sueli Carneiro (2011), em Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil, evidencia que "o intercurso sexual entre brancos, indígenas e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial" (p.60) e indica que esse argumento invisibiliza os estupros às mulheres negras e indígenas praticados pelo colonizador. Assim sendo, para construção do aporte teórico da presente pesquisa, necessitamos construir uma narrativa racial a fim de verificar a construção do racismo "à brasileira" e como ele afeta as construções identitárias negras na contemporaneidade.

A invasão das terras que hoje chamamos de Brasil foi o primeiro passo para a constituição do país como vemos atualmente. A visão exploratória e inferiorizante dos colonizadores ainda persiste nos olhares colonizados hoje em dia e contribui bastante para a construção atual das relações raciais.

---

[3] Kabengele Munanga problematiza e aponta dualidades no entendimento da negritude como movimento artístico, cultural e ideológico-político visto que segundo o autor os discursos sobre negritude são produzidos por intelectuais e militantes. Assim, negritude já foi compreendido, por algumas pessoas, como um movimento intelectual e elitista. Problematizações quanto aos conceitos de identidade e negritude podem ser revisitados no texto "Negritude afro-brasileira:perspectivas e dificuldades", disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111217/109498/200368

O termo raça, não mais entendido como biológico, ainda se faz necessário nos debates atuais pois é “conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação.” (MUNANGA, 2003, p. 6) Ou seja, a pirâmide social construída com os “poderosos” no topo e os “dominados” abaixo é constituída dentro dessa classificação racial hoje significante sociológico.

No centro da presente pesquisa, a perspectiva sociológica do conceito de raça se faz necessária pois raça “é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados minoritários* (ALMEIDA, 2019, p. 24). Os grupos que socialmente entendemos como minoritários estão na base dessa pirâmide social. Essa minoria, em geral, está em vulnerabilidade, tem constantemente sua identidade apagada ou silenciada e precisa lutar contra os privilégios dos dominantes.

Compreendo raça como um signo construído e constantemente reconstruído dentro de seus significantes e significados e o racismo utiliza desse signo para designar vantagens (privilégios) ou desvantagens, sejam conscientes ou inconscientes, a certo grupo racial em detrimento de outros grupos (ALMEIDA, 2019). Ou seja, a lógica do racismo esteve desde sempre na constituição desse país.

O racismo é um sistema engendrado na sociedade e acaba por atravessar todos os *lócus* de sociabilidade possíveis e muitas vezes de forma perversa. No Brasil, o racismo consegue se reinventar e ganhar novos aspectos e formas de maneiras distintas. Além da lógica de subalternização tanto indígena quanto negra na formação histórica do país, no pós-abolição foi necessário articular a necessidade de civilização com a imprescindibilidade de branquear a nação.

Preciso lembrar que no término do capítulo escravidão, que faz parte da história surreal dessa nação, negros escravizados foram lançados à própria sorte, sem políticas de reparação ou qualquer apoio social, sem emprego, sem educação e sem moradia. A partir desse princípio, temos a expansão dos cortiços, comunidades, favelas e periferias. Esse é um momento importante para a construção dialógica desta pesquisa, visto que é no contexto periférico e favelado que vive a maioria dos negros e negras desse país.

Os negros migrados forçosamente para as periferias urbanas no pós-abolição são a ancestralidade da juventude que compõem o grupo do qual o foco de enunciação se presume nesta pesquisa. Ainda é possível ver na atualidade a força da resistência e a luta pela sobrevivência dos ex-escravizados diante do abandono do estado sem políticas de inserção na sociedade.

A construção dos cortiços do Rio de Janeiro como lugares perigosos colocaram o personagem negro como o vagabundo, malandro e residente no centro das epidemias. Esse lugar passa a ser o espaço propagador de doenças e necessita de intervenção pública a fim

de restaurar a ordem, a saúde além da moral. O grande marco da guerra contra os cortiços e a reforma urbana de Pereira Passos objetivando sanear e civilizar a cidade acaba exterminando habitações populares (VALLADARES, 2005).

Obviamente que o projeto de cidade e urbanização não coadunavam com a imagem de negros e negras construindo, convivendo e ocupando os espaços destinados à cidade com visão europeia. Mas para além do direito à cidade e a necessidade de existir, negros e negras abandonados à própria sorte vislumbravam futuro? A elite branca pensava em construir um amanhã com/para negros e negras ex-escravizados?

O racismo no Brasil passou por algumas fases, dentre elas a necessidade de branqueamento da população brasileira, com políticas públicas voltadas a essa finalidade, passando pela tão mitológica “democracia racial” e chegando ao racismo contemporâneo, muitas vezes disfarçado e não identificável a olho nu. Segundo Guimarães (2002), a lógica da democracia racial, juntamente com o ideal de branqueamento, acabou fazendo a manutenção do padrão das relações raciais. Fica assim um vislumbre quase utópico pensar em práticas e políticas que pudessem rever e corrigir o racismo vigente no sistema brasileiro.

O elemento negro era visto como inferior na fusão racial brasileira e, muitas vezes, o motivo de não avançarmos até a ordem e o progresso esperados como nação. A miscigenação foi entendida como danosa à construção da população brasileira na ideia de que o negro degeneraria a raça fundada a partir dessa mistura. A lógica do racismo científico perdurou por tempos e tempos. Jogados à marginalidade da história brasileira e ainda levados à pobreza extrema no pós-abolição, negros e negras tinham que ser entendidos como cidadãos brasileiros. E agora?

Ao passarmos para a fase pós-abolicionista a sociedade brasileira passa a compreender o elemento negro como pertencente à sociedade, mas ao trazer o pensamento de Ortiz (1985), os professores Nara Santana e Ricardo Santos no texto *Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX* recordam que "a interpretação social dos pensadores colocou a raça branca numa posição de superioridade" (2006, p.31). Consequentemente as outras raças (indígena e negra) que compõem o mestiço brasileiro inferiorizam essa população pois trariam consigo os “defeitos” pertencentes a ela.

E como o Brasil alcançaria seu necessitado status de civilizado? A lógica de branqueamento da população brasileira visa a necessidade de aproximação com o ser branco europeu e o máximo distanciamento do negro africano. Chegando a teorias como a de Sílvio Romero que vislumbrava uma completa miscigenação em cem anos e que nos levaria ao desaparecimento do ser negro (SANTANA; SANTOS, 2016, p.31)

Essa busca pelo branqueamento ainda adentra o imaginário da população e está arraigada na sociedade brasileira. A construção ideológica e empírica do branqueamento (DOMINGUES, 2002), muitas vezes, é evidenciada no cotidiano e no fazer do dia a dia e é,

segundo Petrônio Domingues e Andreas Hofbauer (2002), um conceito-chave para analisarmos as relações raciais no contexto brasileiro.

Essa ideologia do branqueamento transpassa, a partir das construções familiares, para a construção identitária dos jovens participantes do grupo focal da pesquisa. Muitos deles são frutos de relações interraciais e por vezes não se compreendiam na sua construção identitária, por serem negros de pele clara e filhos de mãe ou pai branco. Alguns discursos como “clarear a família” ou “limpar o útero” foram propagados ao longo dos anos e possivelmente introjetados no imaginário social de pessoas negras, persistindo ainda hoje.

A necessidade de aproximar-se do tipo branco (fenotipicamente) cresce com esses adolescentes e é alimentada pela grande mídia. A escassa representatividade afirmativa negra e a incompreensão do meu pertencimento, por exemplo, me fizeram alisar o cabelo durante anos. Produtos que possuíam mau cheiro, com fortes químicas e que acabavam por causar ferimentos no couro cabeludo eram usados por mim a fim de alisar o cabelo e estar próximo, ainda que de forma ínfima, ao padrão que se julgava/julga belo, bonito. A construção do padrão de beleza branco faz com que sejamos “escravizados” por intervenções estéticas com a finalidade inverossímil de alcançá-lo.

Tal busca pelo branqueamento presente por anos em nossa sociedade atravessou a formação da minha e das identidades dos outros jovens participantes desta pesquisa. Ao questionar o momento em que o pertencimento racial passa a figurar no contexto de suas vidas como viés fundamental e estrutural é possível identificar nos diálogos marcas da busca pelo branqueamento que acabaram, muitas vezes, na frustração de não alcançar esse ideal inalcançável.

> Doky: Então teve uma época que ... mano, **eu decidi que ia ser loiro do cabelo liso** e alisei o cabelo, pintei de loiro mano (risos) eu era pequeno tá ligado? tinha uns pô...9 para 10 anos de idade eu falei "mano, agora eu sou loiro do cabelo liso!" só que eu me frustrei bastante quando deu o foi tipo assim... eu alisava o cabelo.. era só o tempo de **eu tirar o alisante e o cabelo ficava liso, lindo, maravilhoso.**.. **dois segundos depois ele ficava terrível e voltava a ser o que era**, tá ligado?!.. eu falei "é mano, acho que tem alguma coisa errada. Acho que isso não é muito minha praia não (risos)... tenho que procurar outro estilo.. foi quando eu me entendi negro que a parada mudou tá ligado? Descobri que **meu cabelo não estava ficando feio quando ele voltava a ser enrolado, quando ele voltava a ser crespo. Ele estava ficando do jeito que ele é.**. tá ligado? E **a sociedade estava me fazendo ver ele feio sendo que meu cabelo nunca foi feio** tá ligado? Acho que foi nessa época que eu me entendi como negro... de verdade. (MC Doky - Excerto 1)

Existe uma distinção feita por Doky sobre o processo de alisamento. Ele estrutura esse processo em dois momentos, o pós-química, em que a textura do cabelo acaba modificada, ainda que momentaneamente, caracterizando esse momento como o cabelo “lindo, maravilhoso” e no segundo momento em que percebe que a química não obtinha um efeito duradouro e o cabelo “ficava terrível e voltava a ser o que era”. A busca pelo cabelo liso e loiro decorre da retroalimentação de um discurso colonizado e racista presente na sociedade em que os traços negroides estão intrinsecamente ligados ao grotesco, ao exótico, ao terrível e não ao belo e ao maravilhoso.

Doky adere, ainda que momentaneamente, ao discurso da lógica do embranquecimento e a busca do branqueamento como verdade. Compreendo que essa construção, ainda que marcada individualmente, atinge a coletividade no que tange à identidade negra. A maioria dos outros participantes da *live* também aponta ter passado por esse momento de busca por branquear-se, e em diversos momentos desse texto também assumo que passei muitos anos nessa busca por “ser branco”. Conforme Munanga:

> Infelizmente, o negro já alienado e culturalmente desestruturado não foi integrado no mundo dos brancos apesar de seus esforços de assimilar este último. Esta recusa de integração que se traduz na manutenção da desigualdade por parte do dominador branco, provoca a revolta do negro e, finalmente, a ruptura com o sistema escravocrata e colonial. O negro se dá conta de que sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação de valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de "negritude".(MUNANGA, 1990 p. 111).

Ao que concerne a isso, e ao compreender a lógica social imposta sobre corpos e, neste caso, cabelos de pessoas negras, Doky percebe que a construção do que é bonito decorre de uma subjetividade mais ampla que a posta na sociedade e enxerga sua negritude através de seus traços, no seu cabelo crespo, resistência e beleza. A construção do cabelo crespo como terrível, duro, difícil é constante no que diz respeito a identidade da pessoa negra e alimentada pela mídia e pelas grandes indústrias de cosméticos que até pouco tempo não tinham no público crespo um mercado tão avassalador e ainda insistem em produtos para “controlar o volume” ou “amansar os cachos”.

> MAD: ah cara, que **o povo <u>sempre</u> falava** assim que... desde pequeno **minha mãe <u>sempre</u> amou meu cabelo desse jeito assim (sinaliza o black)** cacheado sabe?! E ela **<u>sempre</u>** gostou. Só que aí o pessoal... sabe.. todo... pessoal da minha família também, pessoal na rua **falava que meu cabelo era feio**, fala **que eu não poderia deixar ele crescer porque ele ficava feio, ficava parecendo um capacete**... que... tinha que cortar e não sei o que... aí eu vivia **<u>sempre</u>** cortando né?! E... depois de um...

> depois que eu fui crescendo,. tipo uns 11 anos, 12... Aí eu via uns amigos meus né?! que têm o cabelo liso né?! e o pessoal achava tudo bonito o cabelo deles né?! Liso e tudo mais e o meu se meu cabelo fosse grande era feio e tudo mais... "corta isso" e eles não. Eles poderiam deixar crescer e o cabelo deles era grande. Aí eu ficava nessa de "**caraca mané, será que se eu alisar meu cabelo vão achar bonito também**? E tudo mais" "Pô mas aí também ele é meio branquinho né, cara?!" "Pô, se eu fosse assim também ia ser... ia ser... sei lá. **O pessoal vai gostar mais... tudo isso**". Aí eu queria... sabe... queria... é... ser isso. Sabe?! **Eu queria e ficava nessa de querer alisar meu cabelo, eu queria ser mais claro, eu queria ter olho azul**... tanto que falei contigo que eu tenho até hoje uma lente de contato aqui... e eu ficava nessa cara e... o pessoal falava... tinha gente que falava **"Não, porque teu cabelo assim fica melhor do que aquela coisa feia lá... teu cabelo do jeito que é.**" E eu ficava meio assim né... "pô mané, é né..." aí eu ficava meio assim, mas aí depois o pessoal ficou falando e eu continuando e depois de um tempo eu fui parando pra observar isso aí falei "**cara, eu tô querendo ser uma que não sou eu**" sabe?! Tô querendo me mudar... **vou começar ser eu então**. Aí eu peguei e cortei meu cabelo baixinho, que meu cabelo era grande só em cima sabe... cortei ele baixinho mesmo e falei "**vou deixar ele crescer agora do jeito que ele é**" "vou parar de tentar ser uma pessoa que eu não sou" sabe?! Ser eu mesmo! Aí meu cabelo... aos pouquinhos foi crescendo e tudo mais e **o pessoal começando a falar de novo "nossa, mas teu cabelo é feio... isso e aquilo" e eu nem ligando**, sabe?! Foi passando e eu fui começando a **me aceitar do jeito que eu sou** e cara, eu me sinto muito melhor do jeito que eu sou assim, sabe?! Com meu cabelo assim e eu sendo eu mesmo. Sem querer ser outra pessoa. (MC Mad - Excerto 1)

O cabelo é um marco identitário fortíssimo de negritude e acaba por estar intimamente ligado ao apagamento da identidade, em que por anos pessoas negras tentam esconder seu cabelo crespo a fim de não sofrer violência, mas também é um signo de resistência. Como aponta Nilma Lino Gomes,

> O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo.
> Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES, 2006, p. 8)

MC Mad no excerto 1 exemplifica os discursos postos sobre o cabelo crespo “feio”, comparações esdrúxulas com capacetes entre outras coisas. Existe socialmente uma ideia de verdade sobre cabelos crespos que introjetada acaba induzindo ao apagamento e à busca pelo branquear-se. “Eu queria e ficava nessa de querer alisar meu cabelo, eu queria ser mais claro, eu queria ter olho azul.” O MC internalizou a busca pelo branqueamento como

possibilidade de aceitação social. Vislumbrando alcançar aquilo que era considerado bonito em contraponto às suas características naturais. Neusa Santos Souza, ao falar sobre o narcisismo e o Ideal do Ego, caracteriza a busca por ser "melhor", destaca-se individualmente a um desejo que na realidade ou na fantasia é utilizado

> [...] para se afirmar, para minimizar, compensar o "defeito", para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias-de-vida.
> Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível. (SOUZA, 1983 p. 40)

Não se presume aqui que todo indivíduo negro que busca alisar seu cabelo esteja intrinsecamente ligado ao ideal de branquear-se. Existe uma linha tênue entre conscientemente escolher determinado penteado e compreender os contextos sociais e raciais presentes nas imposições sociais. Negros e negras podem e devem estar e sentir-se bem com seu corpo e sua estética independente se com ou sem alterações estéticas. O que Mad identifica em sua enunciação e que reafirmo é a busca pelo apagamento a fim de atingir um ideal branco para estar incluso em determinado contexto.

A lógica de docilizar uma das características mais marcantes da negritude perpassa a docilização do ser e do existir e vem acompanhada da busca pelo “cacho perfeito”, em que o cabelo crespo ainda é taxado como um período de transição[4] ou aquele sob o qual caem todo os estereótipos negativos sobre o que é ser um cabelo ruim. Intrinsecamente, na sociedade atual, existe um elo entre o embranquecimento e a beleza estética. Ainda são alimentados discursos que ligam o parecer branco ao ideal de beleza que na contemporaneidade ganha implicações ainda maiores com inúmeras possíveis intervenções estéticas.

Compreendo que a inferioridade aludida ao ser “negro” perpassa também o discurso religioso na maldição de Noé (MUNANGA, 2006) e chega aos discursos eugenistas pela lógica degeneratória. Esses discursos constroem a ideologia do afastamento do ser negro e a crença de que é necessário afastar-se a fim de alcançar *status* na sociedade e extinguir as desvantagens impostas a natureza do ser negro. Ou seja, a meta de branquear-se remonta a alguns séculos na história, mas como projeto governamental com decretos e leis está localizada entre o final do séc. XIX e início do séc. XX.

---

[4] Importante ressaltar que há um movimento contrário, no qual a transição capilar mais que indicar um posicionamento contra uma estética e uma política instituída, também se constitui identitariamente como uma identificação com a negritude. Buscando aprofundar a temática indico a leitura do trabalho “Minha negritude minha melhor escolha” de Bianca Assis Oliveira de Paula disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/100_Bianca%20Assis%20Oliveira%20de%20Paula.pdf

Voltando à história do ser negro no contexto brasileiro, preciso mencionar o subcapítulo do paraíso racial evidenciado por volta dos anos 1930 por Gilberto Freyre (1989). A proclamação do “ser brasileiro”, da “raça brasileira” e da cultura “brasileira” incorpora e sincretiza a cultura afro diaspórica presente no país como identidade nacional na tentativa de aplacar uma enganosa harmonia entre as raças.

Então, ao questionar raça em nossa sociedade existe um misto de fatores e discursos presentes no imaginário brasileiro: o afastamento, pelo qual busca-se ocultar ou negar o ideal negativo ligado à raça negra que foi construído a partir dos discursos do colonizador onde acredito nascer respostas do tipo “moreno”; o mitológico, que está engendrado ao ideal de “humanidade” e a crença da democracia racial de onde germina a resposta “humano”. Observei, no contexto dos diálogos da *live,* um terceiro modo que foi o elíptico, no qual se pressupõe a não necessidade de posicionar-se, inicialmente, a partir da raça.

Creio que muito da minha percepção presente nesse momento está ligada a construção acadêmica no qual estou inserido. Participar de inúmeras rodas de conversas, aulas, simpósios, comunicações entre os pares e compreender o lugar marcado da raça em inúmeras apresentações pode ter viciado meus ouvidos para uma necessidade de apontamento do lugar de onde se fala em uma visão que dialoga com os pensamentos de Djamila Ribeiro (2017) e seus intercursos sobre lugar de fala.

Ao exercitar meu lugar de escuta, por um momento, necessito ampliar minha visão e audição sobre uma questão geracional que se constrói no cotidiano da maioria dos jovens participantes dessa investigação. Não estaria esse lugar de fala e de posicionamento apagado pelo racismo e, mais precisamente, pelo racismo institucional, a partir dos quais o ambiente escolar insiste em silenciar questões raciais? Dito de outro modo, vale recuperar a indagação de Gayatri Spivak (2010): Pode o subalterno falar? Proponho uma reflexão sobre a escola um pouco mais abrangente em outro momento, mas se faz necessário pensar o racismo centrado nas instituições.

Precisamos compreender as estruturas que nos fizeram chegar até aqui e que o racismo está na essência dessa sociedade. Uma sociedade racista produzirá instituições racistas e reproduz a lógica de manutenção dessa ordem social. Ou seja,

> Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA,2019; p.38)

Foi preciso breves intercursos históricos pela constituição da raça, pois olhar o racismo como processo histórico é necessário para compreender que cada sociedade tem

uma trajetória que constituirá sua formação social e as singularidades dos meios econômico, político e judiciário. (ALMEIDA, 2019)

Partindo desse princípio, em que evidencia-se singularidades na forma do racismo estar e agir em cada contexto social, que proponho elevar nossas reflexões ao homem negro e como se constrói historicamente um estereótipo desse homem a partir do racismo basilar na sociedade brasileira.

2.2 Branquear-se e ser homem: masculinidade como sinônimo de branquitude

Neusa Santos Sousa (1983) nos leva a refletir sobre “o negro” como constructo social, ou seja, ninguém nasce negro, torna-se negro. Partindo desse princípio, o ideal de negritude advém do “outro”, geralmente branco, que nos coloca em perspectiva referencial. Como homem negro e integrante de uma família marcada pela miscigenação, compreendo que por muitos momentos em minha vida a questão racial foi apagada ou em uma ideia de fuga ou em uma ideia de negação. Morei toda minha vida na baixada fluminense, região periférica à cidade do Rio de Janeiro e com um número expressivo de negros e negras, estudei todo meu ensino básico em uma escola pública em São João de Meriti e durante toda essa trajetória a questão racial poucas vezes se tornou temática para além do estereótipo.

Vi-me muitas vezes onde ser “negro” não parecia e não era evidenciado como questão, mas a cor chega antes. Dentro dos contextos de branqueamento e democracia racial que perpassam nossa sociedade, a necessidade de temáticas raciais passou oculta tanto no contexto educacional quanto no contexto social que eram, até pouco tempo, a ordem da vez. Compreendo que muitos dos homens e das mulheres negras, ainda possuam sua negritude silenciada.

Usufruí de uma facilidade de acessos que me afastaram da compreensão de que meu corpo estaria ligado ao entendimento social de homem negro. Muito dessa construção social é resultado da reestruturação do mito da democracia racial firmado por Arthur Ramos (1971) e Freyre (1989); a ideia de que a sociedade brasileira ultrapassou a barreira do racismo e vive uma utopia, porém, isso ignora a construção racial deste país e estimula o apagamento das questões raciais dentro dessa premissa.

O vislumbre do branqueamento evidente nos ditos populares e nos ideais de famílias negras, como: “tem que clarear a família” ou “limpar o útero”, muitas vezes coloca perspectiva de pertencimento da raça em um patamar de negação absoluta, a partir da qual está na mulher negra o peso e a necessidade de se fazer o necessário para não perpetuar as marcas da raça. Onde está o homem negro?

Pensemos então na masculinidade, e em como esse conceito de profunda relevância social que reverbera na construção do que é “ser homem”. Em uma sociedade patriarcal e machista existe uma evidente importância de se pensar o construto masculino e quem se beneficia desse construto.

> Eis por que uma reflexão crítica sobre a “virada” que podem representar os estudos sobre masculinidade no interior dos estudos feministas é importante. Se esta virada significa basicamente voltar-se para atender o chamado de alguns poucos homens esclarecidos e de boa vontade para com as mulheres, não passa de um gesto a serviço de uma afirmação narcisista. Os estudos feministas e de Gênero sobre homens e masculinidades devem participar pelo menos de uma dupla virada: uma primeira, em direção à masculinidade como um tema de estudo legítimo enquanto elemento da estrutura de gênero; e uma segunda, a partir dos corpos daqueles que desfrutam das vantagens patriarcais, em direção à crítica de sua participação e responsabilidade neste ordenamento de gênero, como tema atual. (VIGOYA, 2018 p. 18)

Existe uma necessidade de focalizarmos a questão de gênero na formação dessas identidades negras além do contexto periférico da população em questão. A masculinidade, a partir desse prisma, será entendida como uma “configuração de práticas em torno de posições dos homens nas estruturas das relações de gênero" (CONNELL, 1995, p.188). Além de compreender a pluralidade dentro do contexto de masculinidade, precisamos anexar a este pilar os itens da raça, classe social, sexualidade, geração e território.

Os ideais de masculinidades presentes nesse contexto, muitas vezes, estão impregnados dos construtos do senso comum. Ser homem e ser negro é uma construção distinta da ideia de ser homem e branco. Ainda que exista uma lógica de privilégios presente no ser homem, a marca da raça e o racismo colocam homens negros como suspeitos e constroem uma ideia distinta desse ser masculino.

Assim como o signo de raça, que Stuart Hall constitui como um “significante flutuante”, (1995, p.4) compreendo que masculinidade também o seja, visto que esse significante ganha sentido na diferença com outros conceitos e foi construído e é continuamente reconstruído. A partir desse sentido, compreender o ideal de masculino como construto social e discursivo é necessário para que entendamos as performatividades de gênero.

A masculinidade como premissa aqui singular obtém um sinônimo de masculinidade branca que se produz longe da construção de uma possível masculinidade negra. Pensemos… se os negros africanos escravizados nem mesmo alma possuíam e nada mais eram que mercadoria ao colonizador, não se constrói uma imagem de homem e uma possível masculinidade acerca desse corpo negro sequestrado de África.

Partindo desse pressuposto, pensamos então novos intercursos históricos para quem sabe vislumbrar uma construção linear da masculinidade a partir de um contexto racial. A

ligação da masculinidade com poder e privilégio advém da construção branca do que é ser homem e como isso se impôs durante séculos. Nesse momento, o colonizador transfere sua construção binária de homem x mulher, masculinidade x feminilidade como uma verdade absoluta e incontestável (ainda que tenhamos ciência que as construções de gênero, masculinidade e feminilidade são ficções coloniais) .

A subjugação do feminino constrói um cenário de diminuição das mulheres em contraponto à ascensão masculina ao poder, mas é preciso evidenciar que quem detém o poder é o homem branco, e evoca uma espécie de “homemcentrismo” que se constituí cisgênero, heterossexual, cristão, burguês e europeu. A partir deste prisma, podemos identificar que, em referência ao negro-mercadoria, o colonizador não lhe impunha alcunha de homem, e que inicialmente era visto somente como mão de obra servil.

Esse momento constrói um primeiro estereótipo do homem negro forte e disposto para o trabalho braçal. A força da mão de obra escrava que se afastava da ideia de força construída para homens brancos, que deveriam ser fortes frente às "adversidades", em que a ideia de força ganha como sinônimo a imponência, a integridade e a firmeza.

Um segundo estereótipo sobre corpos negros está ligado à virilidade e sexualidade. Este será um tópico a ser desenvolvido posteriormente, mas compreendo que seja necessário evidenciar que no contexto da escravidão cria-se a necessidade “produção” de mão de obra do lado de cá do Atlântico, a reprodução compulsória é vista como uma grande fonte de lucro e os homens negros são tratados como reprodutores. Visto que biologicamente um homem pode engravidar inúmeras mulheres em um curto período de tempo, esse homem negro é tratado como possível solução para uma criação de “rebanho”.

Porém, no pós-abolição e na busca por um branqueamento da população brasileira, esse homem negro passa a ser uma ameaça à construção de um país civilizado e branco. Aquilo que em errado momento da história se construiu como vantagem passa a ser visto como perigo e o homem negro é a ameaça a “evolução” da população brasileira ao patamar de civilização europeia tão aguardado.

Constrói-se no homem negro o inimigo do estado, símbolo da violência e da malandragem. Normaliza-se o assassinato desses corpos sobre a justificativa de uma guerra as drogas e a violência. Não somente como uma questão de normalidade, em que seja “normal” ser bombardeado diariamente com notícias de jovens negros mortos em periferias e cidades de todo país, mas também como norma em que a polícia segue a diretriz de em corpos negros atirar primeiro, mais de oitenta vezes, e perguntar depois.

Esse estereótipo da violência e ameaça é constantemente alimentado e, consequentemente, é um dos pilares na construção da identidade negra masculina. Precisamos sempre compreender que somos vistos como ameaça, e aquele serviço que deveria estar na sociedade para nos proteger nos enxerga como inimigo. Nesse contexto

constrói-se subjetivamente a necessidade de docilidade, a partir da qual aprendemos a não nos portar de forma agressiva diante de um policial, não correr, não fazer movimentos bruscos ou que saiam da visão daquele que está representando o estado no momento da "averiguação" que preferencialmente ocorre em corpos negros.

O estereótipo negro criado para a desconfiança e que socialmente foi estabelecido como perigo eminente e que acaba por nos colocar no lugar de suspeito em todo e qualquer contexto. Ao ser questionado sobre o medo por ser, pela estética que apresenta dentro dessa sociedade, Mad fala sobre a normalizada ligação entre ser negro e ser bandido.

> Mad: Cara, já. Já porque eu já ouvi de muita gente que.. sei lá.. parece que eu sou... **parece que eu sou meio bandidinho por causa do cabelo assim**, entendeu?! Já ouvi de muita gente já. Aí sei lá... **as vezes eu fico com medo de passar perto de carro de polícia** e eles... sei lá.. me confundirem com com algum... alguma outra pessoa, sabe? e... sei lá.. algo de ruim acontecer. Entendeu?! (MC Mad - Excerto 2)

O medo daquilo que deveria passar segurança transpassa corpos negros quando o "aquilo" é um policial. A concepção de um policiamento de repressão acaba se erguendo na estrutura racista da sociedade e consequentemente a instituição reproduz aquilo que a sociedade está impregnada. No contexto social fluminense, são constantes os relatos de violência policial direcionada a corpos negros, e em muitos casos a morte de inocentes por consequência dessa construção suspeita sobre corpos negros.

Instituiu-se uma necessidade da morte de bandidos e um discurso de alienação alimentado por políticos de "bandido bom é bandido morto", mas seguido de uma seletividade racista e classista, em que o bandido morto não é branco, não é cristão/evangélico e muito menos de classe alta.

A construção do negro como suspeito é retroalimentada diariamente pelo contexto midiático (GIORGI; ALMEIDA; PAIVA*, 2018) que apresenta corpos negros no contexto de violência. Seja em novelas, filmes e principalmente nos conteúdos jornalísticos apresentados nas tvs brasileiras, é naturalizada a representação do negro como ameaça, e muitas vezes em lugar de extrema periculosidade, quando imagens de negros algemados e dentro de camburões servem de plano de fundo para discursos sobre moral e reforçantes da lógica meritocrática, que coloca esses sujeitos no lugar de escolha pelo crime.

Ainda sobre essas representações, é importante ressaltar que é gritante a diferenciação do tratamento linguístico-midiático frente a raça do envolvido na notícia. Diferentemente do tratamento reportado a suspeitos negros, que de imediato são

classificados como traficantes, ao noticiar casos que envolvem sujeitos brancos, a caracterização como traficante fica suspensa e muitas vezes traz consigo predicativos que positivam o suspeito como na manchete: “Estudante de medicina é preso suspeito de vender droga em festas universitárias de Mineiros”[5] esse é um dos inúmeros exemplos possíveis. Esse é o título de uma notícia publicada pelo portal G1 no dia 14 de agosto de 2021. Foram encontrados 64 comprimidos de ecstasy e o “estudante” entregou os fornecedores e como a venda acontecia, mas em momento algum é chamado de traficante pela reportagem. Abaixo segue a foto dos “suspeitos de tráfico de drogas em Mineiros, Goiás” como descreve a legenda da imagem na reportagem.



Figura 2: Suspeitos de tráfico de drogas em Mineiros.

Fonte: G1

Partindo desse mesmo pressuposto, temos constantemente a consternação e comoção ao evidenciar pessoas brancas em condição de pobreza extrema ou mendicância. Não como caso único, já ouvimos e vimos repercutir através das redes sociais e da mídia em geral casos como “gatinha da cracolândia[6]”, “mendigato[7](a)”, nos quais moradores de rua, exclusivamente brancos, viralizam na internet por sua “beleza”. Preciso ressaltar que não cabe na condição de penúria corpos brancos e padrões. Geralmente, causa estranheza

[5] Disponível em: https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/08/14/estudante-de-medicina-e-preso-suspeito-de-vender-droga-em-festas-universitarias-de-mineiros.ghtml
[6] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/26/gatinha-da-cracolandia-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml
[7] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/07/23/foto-de-mendigato-no-pr-viraliza-e-ajuda-localizar-familia-em-sp.htm

deparar-se com pessoas brancas nessas condições "desumanas", que naturalizamos ser o lugar de pessoas negras.

Sabe-se que todo movimento cultural traz consigo um estilo próprio, uma forma de ver e compreender seu entorno, e com o movimento Hip-Hop não é diferente. Chamo atenção aos códigos de vestimenta que aparecem nos discursos que atravessam as falas do DJ Maia, ligadas diretamente ao “bem vestir” e ao receio de que seja alvo da truculência policial

> DJ Maia - Minha mãe até... há alguns anos aí no Posto treze (bairro de Nova Iguaçu baixada fluminense) eu tinha que ir pra Niterói, eu trabalhava em Niterói, aí um frio de manhã, botei a touca e minha mãe "**você vai sair de touca?**" (assustada) e eu falei "ué, touca **não pode usar não**?" Entendeu?! Acho que minha mãe deveria ter muito medo assim,.de eu ser negro e alguém fazer uma maldade. Hoje eu percebo que acho que ela tinha muito medo disso. Porque ela se preocupava muito **"tá de boné? Só vive saindo de boné. Só vive se vestindo não sei o que... Tem que ser blusão." Eu nunca fui disso**, entendeu?! Ela não podia me ver de touca que acho que ela pensava que era igual o assaltante do desenho, né?! Que o cara é um bandido faixa nos olhos e de touca. (DJ Maia - Excerto 1)

A lógica do estilo rap/Hip-Hop e o estereótipo construído sobre o medo do homem negro na sociedade acabam por entrar em um embate. É comum no contexto das rodas de rap e nos encontros do movimento ver adolescentes utilizando blusas largas, bonés, toucas, casacos e jaquetas, porém em muitos ambientes ver um adolescente negro de blusa larga, casaco e touca causa desconfiança.

Os padrões são construídos socialmente e alimentados pela mídia, entretanto percebe-se que as referências estadunidenses presentes nos enunciados dos participantes nos indicam um apagamento em produções nacionais, e uma intrínseca relação entre suas influências adolescentes e as influências advindas do Hip-Hop.

> MC Doky - Séries da Disney e tal e... **a gente vê na televisão representado como os protagonistas de uma geração... é independente da geração a gente vê... pessoas brancas em geral né**. Os protagonistas das séries que eu via a gente não tinha uma série de negros... tinha “Um maluco no pedaço” e tal, mas não era tão pá. Mas a maioria das séries eram de pessoas brancas, adolescentes brancos e tal. E você tem um padrão estético branco que obviamente é bem diferente do padrão estético... de uma pessoa negra e a gente quando é criança a gente não quer saber disso, a gente não entende disso[...] (MC Doky - Excerto 2)

Doky destaca a evidente visibilidade da branquitude dentro do contexto midiático e aponta como algo “independente da geração”. O registro é mais que evidenciado socialmente,

já que ainda atualmente podemos pontuar a pequena parcela de produções brasileiras com protagonismo negro.

No contexto brasileiro, a construção identitária do homem negro perpassa a construção histórica do país. O Brasil é um país formado prioritariamente por uma tríade racial. Um país fundado na invasão de terras indígenas por brancos europeus e no sequestro de negros africanos para formação de mão de obra escrava.

> DJ Maia - Cara, eu **sempre** me vi como negro. Porque... assim onde eu convivi tinha muito aquelas paradas assim, não colégio, mas assim no meio do povo fala "Ah amigo, passou de preto.. sei lá. **passou de branco negro é**." tá ligado?! Essas parada e ... Então é óbvio que eu sei que não sou branco. Então se eu não sou branco só posso ser negro. Entendeu?! Então… (DJ Maia - Excerto 2)

Ao retomar o dito popular “passou de branco negro é”, DJ Maia traz consigo uma noção sobre uma verdade estabelecida popularmente de que a cor da pele marcaria uma dualidade entre branco e preto. Entende-se que há muito identidade racial e um resquício de melanina estavam intrinsecamente ligadas, mas na construção do racismo brasileiro, da mestiçagem e do projeto de branqueamento, o dialogismo substancialmente pragmático entre branco e negro acabou diluindo-se em inúmeras ramificações.

Ainda sobre o dito popular, é necessário evidenciar que “passar de branco” retoma um discurso racista e hierarquizante, em que branco é o parâmetro e tudo que circunda, excede, sobra, é o outro. A distinção entre o ser branco e aquilo que muitas autoras e autores caracterizam como não-branco é compreender a branquitude essencialista e purista onde o outro está a margem e consequentemente inferior.

Existe a instituição do pardo no contexto brasileiro. Este sendo um marcador oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coloca as pessoas que não são lidas como pretas e nem como brancas em uma espécie de não-lugar. Às vezes taxados como afro-convenientes, de forma pejorativa, ou “lightskin”, pessoas negras de pele clara conseguem transitar nesta construção preto-branco, mas não estão livres da discriminação e acabam por estar no lugar da perversa construção de rivalidade com pessoas negras retintas.

A perversão desse não-lugar acaba por impedir inúmeras pessoas na construção de uma identidade negra e retroalimenta uma violência, visto que a diluição da melanina em sua pele é marca das violências sexuais sofridas pelas mulheres negras escravizadas em solo brasileiro e de uma política de apagamento de uma raça e de uma história vislumbrando um Brasil branco e livre da negritude.

Sou negro, me autodeclaro preto, mas socialmente houve uma resistência por parte de alguns familiares e alunos na compreensão da minha identidade por ter pele clara. Ao

deixar meu cabelo black crescer, ouvi que não combinava comigo e até mesmo que era cabelo de preto. No contexto da sala de aula, em breve debate sobre autodeclaração com alunos do 6º ano, um aluno que me identificou como negro foi interpelado por outra aluna que achou a identificação desrespeitosa e decidiu que negro eu não era, que "no máximo era 'Nutella". Nutella é marca de um creme de avelã com cacau de cor marrom, ou seja, para a aluna existia uma lógica distinta em me definir como Nutella, visto que para ela a realidade de ser negro não seria vivenciada por mim.

DJ Maia, por ter a tez mais retinta, retrata como obviedade ao dizer que "Então é óbvio que eu sei que não sou branco." E, ainda que não traga consigo marcas que considera violentas sobre o racismo em sua infância, acredita que passou por muitos eventos que podem ser caracterizados como racismo, mas na época não compreendeu como

> DJ Maia - [...] Acho que na minha época, como estava conversando, na minha época acho que foi... era mais... **não que não existisse o racismo, sempre existiu, só que eu acho que agora ele está em alta, subiu muito.** Entendeu?! **Ou a gente passamos.. ou eu passei a enxergar melhor agora, né**?! O racismo, né?! Sei lá. (DJ Maia - Excerto 3)

Ao publicizar casos de racismo na atualidade, fica evidente que ele sempre esteve presente no contexto da sociedade brasileira, porém o racismo se reinventa e no Brasil a discriminação dita sutil (que não tem nada de sutileza) acaba por compreender-se de forma distinta dos atos ditos racistas, como chamar alguém de macaco. Passamos pelo racismo cotidiano, em que somos seguidos em supermercados, barrados em elevadores e confundidos com funcionários e acredita-se que são meras coincidências e acasos.

2.3 Homem de verdade: a construção da masculinidade singular

"Parabéns, é um menino!" A partir desse momento, muitas vezes antes dele, se constrói no imaginário dos pais os passos a se seguir para que no futuro essa criança seja "um homem". E vai desde estágios micro, como comprar a roupa azul, porque menino usa azul e menina usa rosa, ou escolher para que time vai torcer, e precisa ser igual ao do pai… até estágios macro, como onde vai estudar, qual profissão a ser seguida e como sustentará a família.

Nesse momento, pouco se pensa em adversidades, violências e estigmatização se não houver a possibilidade de ser negro, porque em caso de criança negra, quando os pais

vivenciaram a sociedade na qual estão inseridos, algumas preocupações são evidentes na construção de um imaginário homem advindo da notícia de que “será um menino negro”.

Com isso, pretendo evidenciar que é no discurso que se constrói a masculinidade. A lógica do gênero é construída através dos discursos presentes na sociedade e a partir desses discursos. Assim sendo, temos a construção de uma masculinidade hegemônica também inviável de ser alcançada por corpos negros, e por muitos corpos brancos. Ainda que essa ficção criada em torno de uma masculinidade padrão seja apenas discursiva, ela tem centralidade na formação das masculinidades e força para se manter nesse lugar como evidenciam Paulo Melgaço e Marcio Caetano

> Nas interações vividas nos caminhos, distintas masculinidades se entrelaçam e se atravessam nas encruzilhadas produzidas nas redes de significados e performatividades quase sempre referenciadas por determinada lógica hegemônica de masculinidade. [...] Ainda que saibamos que o hegemônico é uma versão de algo criado e disseminado a partir do discurso, ele é capaz de manter sua força.(2018, p.12)

Partindo do ideal hegemônico de masculinidade e dos entrelaçamentos que as interações entre masculino-raça podem confluir para um caminho, pretendo evidenciar como para ser homem de verdade é necessário “jogar com a norma” embaixo do braço, ou seja conhecer o que homem pode e o que não pode fazer; e como essa norma ganha outras regras quando a masculinidade a ser construída não é branca e heterossexual.

As figuras masculinas presentes nos discursos dos participantes da *live* geralmente trazem consigo discursos normativos e que estão intrinsecamente ligados à modalidade deôntica. Na reprodução das falas dos pais, tios e discursos presentes no cotidiano desses participantes é perceptível a reconstrução e retroalimentação dos construtos de masculinidade que perpassam gerações. Mad, ao ser questionado sobre os ensinamentos passados a ele sobre o que é ser homem e possíveis represálias sobre comportamento, responde:

> MC Mad: sim, né?! **sempre** acontece. Do tipo de "ah não vai brincar de casinha porque **isso é coisa de menina**." entendeu? "Vai jogar bola" "vai soltar pipa" "porque brincar de boneca, de **casinha assim é coisa de menina** e tudo mais e tu não pode." Isso era mais coisa que era dito pelo **meu pai assim, meu tios e tudo mais**. (MC Mad - Excerto 3)

Nota-se no trazido por Mad a construção da masculinidade em contraponto ao que é “coisa de menina”, uma verdade posta que não deve ser refutada. Brincar de casinha é coisa de menina, brincar de boneca é coisa de menina, brincar de cozinhar é coisa de menina.

Brincadeiras que preparam para exercer papéis de cuidado e preservação do ambiente familiar são destinadas às mulheres, apontando-lhes o lugar a ser ocupado neste contexto.

Então nota-se que existe uma construção da masculinidade voltada para a negativa do feminino, de uma infância pautada na diversão, na qual é coisa de menino “jogar bola” e “soltar pipa”. Nota-se também um senso de coletividade, a partir do qual as brincadeiras com cunho coletivo e fora do ambiente da casa são destinadas aos meninos. Ainda que seja possível brincar de jogar bola e soltar pipa individualmente, ambas as brincadeiras são de cunho coletivo e competitivo, em que ganhar do adversário é o mais importante seja no gol feito na rede do outro time ou na pipa “cortada” do colega da outra rua.

Em contraponto, temos brincar de boneca e de casinha, que, ainda que possam ser brincadeiras coletivas, muitas vezes são pensadas a partir da individualidade, em que a menina brinca de cuidar da boneca como filho/filha e tratar dos afazeres domésticos como vislumbre de um futuro pautado na vivência entre quatro paredes e em seletiva segurança. Na contemporaneidade a lógica das brincadeiras de meninos e meninas tem encontrado bastante resistência e debates, porém ainda se mantém no imaginário social.

Ainda é comum encontrar em lares familiares discursos que colocam o homem no papel de passividade nos afazeres domésticos e que ressoam as lógicas de homem como provedor, que consequentemente não necessita cuidar do ambiente da casa. Ao questionar Mad sobre essa construção discursiva de “você é homem, não precisa fazer” recebi como resposta

> MC Mad: Então... foi meio que... eu aprendi tudo desde pequeno, mas... tipo assim... eu... eu **sempre** fui aquele que minha mãe **sempre** me ensinou as coisas sabe?! A fazer... a fazer tudo ela falava "você **tem que** aprender a fazer as coisas porque eu não vou estar aqui **sempre** pra te ajudar em nada e você **tem que** se virar sozinho. Você **tem que** aprender." Entendeu?! "E você não ficar dependendo de ninguém." "Você **tem que** aprender sozinho porque se for morar sozinho você ter você mesmo." Entendeu?! E **sempre** foi assim... então eu **sempre** aprendi desde pequeno. (MC Mad - Excerto 4)

Sendo assim, a mãe de Mad o introduz aos afazeres domésticos com o objetivo de instrumentalizar o filho para não ter dependência de outrem em determinadas atividades. Não é um preparo para o casamento e sim um preparo para a vida que “sempre” ocorreu no cotidiano vivido por Mad. Notadamente é o inverso dos discursos socialmente construídos ao redor da construção do gênero feminino, em que esses afazeres são ensinamentos para a vida a dois e imaginados dentro de relações heterossexuais, em que ser uma mulher que sabe fazer determinadas coisas terá um bom relacionamento. O papel na contramão da norma em que a mãe de Mad se coloca é distinto, pois em grande maioria o dispositivo da

maternidade[8] é conhecidamente um dos sujeitos que mais reforça os papéis de gênero instituídos socialmente.

Ao ser questionado sobre discursos “machistas” que estiveram presentes em sua infância e adolescência, DJ Maia retoma as falas dos amigos do bairro.

> DJ Maia- Eu passei por algumas coisas assim, mas assim não foram muitas coisas até eu tive padrasto né?! Então... é algumas vezes tinham sim.. "**ah, pô que homem não faz isso, homem não é aquilo**".. então sabe como é né?! A minha convivência, quando morei em Inhaúma (bairro da cidade do Rio de Janeiro), era assim... muito... meus amigos... meu melhor amigo tinha 40 anos e eu tinha 7 ou 8 anos de idade. Então eu via eles tudo falar né?! Bagulho de "**Não**, que **a mulher tem que lavar, tem que cozinhar**, **tem que** isso.. aquilo" "porque **homem não usa brinco, homem tem que falar direito**" "**e se tá falando assim já viu, né**?!" Como falou aí da brincadeira "homem **não** brinca de casinha. Homem joga bola." Entendeu?! Enfim, é isso. Mas minha mãe sempre foi tranquila. (DJ Maia – Excerto 4)

Marcado pela predominância da modalidade alética, existe um constructo sobre o que é ser homem de verdade. “homem não usa brinco” porque o adereço tem ligação intrínseca com a feminilidade em nossa sociedade. Frisada pelas negativas, a construção da identidade masculina passa por aquilo que “não é” ou “não faz”.

Mais uma vez podemos observar o contraponto da masculinidade em relação à feminilidade, ou mais especificamente o que é ser homem e o que é ser mulher onde ela “**tem que** lavar, **tem que** cozinhar, **tem que** isso...aquilo” e é preparada para esses afazeres desde criança como apontam nas brincadeiras destinadas a elas.

É preciso evidenciar as normas impostas à construção de uma masculinidade, a partir das quais a performance seja vista como admirável. Homem “tem que falar direito” não está ligado a distúrbios neurológicos que podem afetar a fala, e sim à entonação e tom de voz que são esperados do menino/homem. A voz próxima de um tom fixado como feminino pode gerar estigmatização e violências que atingem a ordem da sexualidade que é evidenciada por Maia logo após, na afirmação trazida pelos amigos que “se tá falando assim já viu, né?!”.

A heterossexualidade é um dos pilares da masculinidade construída como uni e hegemônica, e ganhará destaque em linhas posteriores neste texto, porém é necessário pontuar aqui que existe uma norma na construção do “homem de verdade” que não permite aproximações com o que chamam de universo feminino e suas variações de feminilidade.

[8] Ver mais em *Dispositivo da maternidade em tudo sobre minha mãe: entextualizações e processos escalares*, de Clarissa Gonzales e Luiz Paulo da Moita Lopes. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/3zBf9dXLKmQLnBnpXSnbMnt/?lang=pt

Mesmo que você seja um importante lutador do UFC, exemplo de força e masculinidade viril, se sua voz não alcança o tom masculino esperado pela norma você será envolto em questionamentos sobre sua sexualidade e ganhará centralidade em piadas de cunho homofóbico, como foi e continua sendo o caso de Anderson Silva.

Outro ponto a ser observado na fala de Mad e Maia é a construção da validade da masculinidade através da ótica de outros homens. Os tios, pais, padrastos e amigos serão os avaliadores do desempenho de masculinidade alcançado pelo indivíduo homem, que receberá o título de homem de verdade se cumprir alguns requisitos.

> [...] aguçava meu olhar sobre os comportamentos masculinos e sobre as credenciais acionadas para obter o estatuto de “homem de verdade”. Esse estatuto me parecia efêmero, instável, volátil e sempre passível de questionamentos - e, na maioria das vezes, dependente do reconhecimento social por parte de outros homens, como aponta Kimmel (1997). (NASCIMENTO,2018 p.17)

A efemeridade e instabilidade do estatuto está posta para reflexões nas linhas dessa pesquisa. A validação do desempenho da masculinidade advinda de outros homens é extremamente importante na construção de um homem de verdade, visto que existe uma busca do menino pela aprovação das figuras masculinas que o cercam, ou seja, os pais, os tios, padrinhos, padrastos e consequentemente do seu grupo de amigos.

Para tanto, muitas vezes, a busca por uma performatividade no *lócus* da agressividade é um dos pontos positivos na avaliação para alcançar o status de “homem”, e ligada à ideia de que é inerente do homem ser agressivo e que a violência está arraigada na construção de uma identidade masculina, assim como apontam Jonas Alves e Maria de Lourdes:

> Comumente, essa conexão entre a violência e a masculinidade apresenta-se tão introjetada nos discursos, ações e subjetividades que resulta na manutenção de um estereótipo de gênero no qual se tem a sensação de que são os homens, tão somente, os agentes das violências. Isso é enfatizado cotidianamente de forma a engessar identidades, cooperando, ainda, para o escamoteamento de práticas que instigam esse binarismo. (2018 p.89)

Ou seja, engessa-se uma identidade pautada na violência e produz-se a manutenção de um estereótipo. Entretanto, como trouxe em linhas anteriores, ao refletirmos sobre uma masculinidade negra, a violência não está somente na lógica física, que necessita colocar o menino para praticar alguma arte marcial que dê conta de extravasar a violência contida em si, mas sobre corpos negros se constrói um discurso de repressão e medo, em que esse homem é uma ameaça à sociedade, coadunando a sua violência já latente por ser homem com a sua condição de negro.

Antes que terminemos as reflexões neste subcapítulo, é preciso ressaltar algumas outras reflexões possíveis que, ainda que não sejam foco desta pesquisa, são de extrema relevância ao pensar a construção de “homem”. Sabe-se que performance de gênero está na concepção discursiva e socialmente construída. Tendo essa premissa, preciso ressaltar que tais imposições em corpos transsexuais vigoram de forma singular e plural ao mesmo tempo. Singular por se tratar de vivências individualizadas e que aludem a unicidade que se constrói socialmente e plural porque além da construção do gênero previamente determinado pelo órgão sexual no momento do nascimento, ou no chá-revelação — festejo que evidencia a tal “ideologia de gênero” em sua mais pura e única conceitualização… A transexualidade atinge, muitas vezes, a necessidade de cumprir as normas impostas ao gênero sob o qual o indivíduo se compreende.

Ou seja, o transhomem que passou parte da sua vida precisando se adequar às normas da feminilidade, hoje enfrenta, e muitas vezes resiste, a performance de uma masculinidade hegemônica que não é validada mesmo que procure dar conta de todas as regras impostas por seus pares e pela heterossexualidade/masculinidade. Quando nos voltamos para a ótica de um corpo trans negro precisamos evidenciar as violências que marcam esse corpo na ordem da raça e da transexualidade em nossa sociedade, visto que existe um extermínio negro e transexual acontecendo em nosso país.

Corpos de transhomens negros transmutam da objetificação, que é endereçada aos corpos das mulheres negras, para o lugar ameaçador, onde o homem negro é colocado diariamente como temor para a sociedade. Existe uma necessidade de evidenciar transmasculinidades e não poderia deixar de evidenciar as violências vividas no âmbito do “cis”tema heterossexista (NERY; GASPODINI, 2014).

Essa construção baseada no estereótipo atravessa a questão da raça e gênero e coloca o homem negro muitas vezes em um lugar de pressionado socialmente a cumprir os requisitos que estão postos a sua condição de negro e de homem.

2.4 A heterossexualidade compulsória: homem = hétero

A masculinidade e, consequentemente, a lógica do “ser homem”, está intrinsecamente ligada à sexualidade performada pelo indivíduo masculino. Existem normas pré-existentes no imaginário social que se colocam frente a qualquer desvio do que se tem como padrão.

> “A ideia de uma masculinidade que pressupõe e engloba a heterossexualidade é tão arraigada na nossa sociedade que ser homem significa, entre outras coisas, não ser homossexual. A heterossexualidade

> surge como pilar importante para a construção da noção de masculinidade. Essa ideia de “não ser homem” também se fazia presente com aqueles garotos considerados “femininos”, ou, ainda, com outros que, por qualquer razão, não aderiam às normas sociais do que se entende por “ser homem”.” (NASCIMENTO; 2018, p. 22)

Ou seja, pauta-se como padrão e norma a heterossexualidade e todos as inúmeras possibilidades são categorizadas como desviantes. Desvios da norma. Sobre essa construção de homem x heterossexualidade, DJ Levas narra um episódio de infância sobre masculinidades e sexualidades, trazida em discurso relatado na voz da mãe do enunciador.

> DJ Levas: Foi quando eu tinha 6 anos e uma amiga dela **perguntou se eu era gay** por n motivos. Na mente dela, ela falou **"seu filho é gay?"** aí, minha mãe, "não", **"ah porque ele não joga bola, ele não solta pipa"**, tipo justamente por eu não ter os gostos que todos os outros meninos tinham, sabe? (DJ Levas - excerto 1)

Temos no relato de DJ Levas um encaixamento de discursos relatados, a voz da amiga da mãe, que além de perguntar se o menino de 6 anos era gay, justifica por meio de discursos postos como verdade, pelo uso da modalidade alética: “ele não joga bola, ele não solta pipa”. Nesse enunciado, temos como pressuposto a relação entre ser homem hetero e práticas como “jogar bola” e “soltar pipa”, um discurso heteronormativo assumido como verdade, repetido desde a infância, é marcado no enunciado pela negação polêmica. Com efeito, essa desconfiança sobre a sexualidade da criança também aponta para a discussão realizada por Borrillo (2010), na qual o dispositivo da homofobia geral permite a denúncia de desvios nos papéis hegemônicos de gênero e sexualidade, seja masculino ou feminino.

Voltemos à construção ainda na infância sobre sexualidade e como a performance da criança é esperada nesse momento. As brincadeiras já citadas anteriormente como sendo de cunho masculinos são determinantes para a construção de gênero e sexualidade, em que aquele que não corresponde ao discurso de “homem” consequentemente é “gay”. Socialmente, constantemente conseguimos ver demonstrações dessa noção de heterossexualidade profundamente ligada ao gênero masculino.

Ao ser questionado sobre momentos em que modificou seu comportamento a fim de não ter sua sexualidade questionada, Mad se mostra no contradiscurso sobre as problemáticas enfrentadas na constante ligação entre os padrões de comportamento e sua sexualidade

> MC Mad: Não, não. Não porque eu nunca penso desse modo porque ... sei lá... **pra mim isso não é um problem**a. Tem muita gente que olha pra mim e me pergunta né se eu sou gay. Eu falo "não, cara,,não. Por quê?" A pessoa "**não, porque tu tem jeito**" e eu "ah, tá! Tá bom" sabe?! É... **eu nunca me incomodei com isso. Porque eu nunca vi isso um problema**, sabe?! a pessoa ainda olha pra mim e "Tem certeza?" e eu falo "Sim, não entendi" (MC Mad - Excerto 5).

Mad, diferente de outros participantes, mostra que a questão da aproximação e questionamento da sexualidade nunca foram um problema. A confluência entre as modalidades alética e epistêmica mostra esse discurso que figura como verdade no contexto social, em que questionar a masculinidade ou a sexualidade de um homem acabaria por ferir sua “honra” e a sua percepção sobre esses discursos presentes na sociedade.

Ao questionar Levas, a resposta foi que “**Já me incomodou bem no início porque eu era leigo nesses assuntos, mas hoje em dia não me afeta. Eu trato normal**.” Ele ainda que compreenda neste momento como esses discursos sobre sua sexualidade não interferem em sua performance como homem evidencia que anteriormente havia um incômodo ao ser questionado quanto a sua masculinidade. Naquele momento, “leigo nesses assuntos” ele compreendia o insulto a sua honra e isso afetava seu comportamento. Hoje, ainda que Levas compreenda e não seja mais “leigo” no assunto, segundo sua própria perspectiva, existe uma marca de normalidade em seu discurso, de que ainda que não afete sua masculinidade, atualmente esse questionamento da sua sexualidade está no campo da normalidade.

Outro ponto importante sobre sexualidade é a construção das religiões de matriz africana que são demonizadas socialmente como lugar de acolhimento. Somos ensinados a temer o candomblé e a umbanda na crença que são representações do mal e estão diretamente ligadas ao demônio. Diferentemente da lógica entre o cristianismo e o protestantismo que coexistem em “comunhão” e “respeito” precisou-se criar sobre os deuses e entidades africanas a figura do inferno é fruto daquilo que é ruim.

DJ Maia diz que seu filho não encontra problemas ou questões sobre sexualidade porque “**Como éramos do candomblé** não tínhamos problemas com sexualidade e de homem e mulher... **não tinha esses problemas.**”. Hoje afastado da religião, mas desde os 14 anos dentro do candomblé, Maia teve sua identidade forjada dentro de um contexto de aceitação visto que como dito anteriormente as religiões de matriz africana são espaço de acolhimento para pessoas que não estão contempladas na heteronormatividade.

Socialmente ligadas ao demônio, mas acolhedoras das marginalidades ao padrão estabelecido as casas e terreiros transmutam-se no aquilombamento dos excluídos e mantêm ligações únicas com tradições africanas a valorização da oralidade, o elo entre o ser humano e a natureza além de alguns distanciamentos dos papéis de gênero impostos e vigentes na

sociedade. Muitos desses terreiros são geridos por ialorixás que trazem consigo uma incumbência matriarcal, que se desloca da subalternidade na qual mulheres foram e são colocadas socialmente.

A predominância de pessoas pertencentes a sexualidades “desviantes” da norma no contexto religioso acabara por colocar a sexualidade de Maia em suspeita. Ainda que não apresentasse marcas comportamentais que estivessem ligadas ao estereótipo gay, sua heterossexualidade era posta em dúvida pela proximidade com pessoas LGBTQI++, o que geralmente força um afastamento do homem hétero, pois ser visto conversando, ao lado ou em qualquer nível de interação com homens homossexuais acaba por afetar a imagem de masculinidade pretendida.

> DJ Maia: Sim. Tive convivência com meu falecido pai de santo, Pai Didi, e todos se abraçavam, agarravam... andava agarrado na rua. Entendeu?! Aí muita gente passava em volta e falava "**Ah, deve ser viadinho também**" entendeu?! e essas palhaçadas... só que pra mim.. não tinha problema nenhum. (DJ Maia - Excerto 5)
>
> [...] Pra mim nunca incomodou porque eu sabia quem eu era então... a mim nunca incomodou não. Agora, para o meu falecido pai de santo que era brabo. **Ele queria bater nos outros "que não sei o que... ele é homem.. que não sei o que"** aí era complicado. Entendeu?! (DJ Maia - Excerto 6)

A possibilidade da homossexualidade é vislumbrada por um abraço, por andar junto na rua, pela simples aproximação ou demonstração qualquer de afeto. Temos inúmeros casos de violências no contexto brasileiro onde homens são assassinados por estar abraçado com seu irmão, pai amigo ou meninos são espancados até a morte porque precisavam aprender a andar, falar e se portar igual homem[9].

Existe a crença de que a homossexualidade descaracteriza o gênero, ou seja, gay não é homem. Ainda que em nossa sociedade a binaridade de gênero seja o senso comum, a heterossexualidade está intrinsecamente ligada à masculinidade e ao ser homem. O homossexual perde o status falocêntrico e homérico de macho ao distanciar-se de formas hegemônicas de masculinidade e aproximar-se do que se compreende por feminino. Ao defender Maia das violências que socialmente e cotidianamente eram dirigidas a ele, o Pai Didi remetia discursivamente ao instituído no contexto social. Dizendo que “ele **é** homem” acredita-se na separação da sexualidade do outro da sua própria sexualidade e na pretensa

[9] O acervo do jornal O Globo recuperou reportagens desde os anos 90 que publicizam a violência homofóbica e transfóbica do Brasil: https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/reportagens-publicadas-desde-os-anos-90-revelam-crueldade-da-homofobia-no-pais.html

sinalização de uma violência infundada visto que por ser homem ele não precisaria ouvir determinadas coisas.

Retornando ao Wallace da 4º série, compreendo que a performance de masculinidade negra que se colocava com minha presença não era a pretendida pelos colegas de classe. Estar “possivelmente” abrindo mão da construção máscula de negritude era incompreensível para aquelas crianças. “Como assim você é gay?” Então, a partir daquele momento, moldei minha identidade a fim de não me colocar novamente nesse lugar de violência. Ser possivelmente gay veio antes de me compreender completamente negro.

2.5 A hipersexualização de corpos negros: “tem que ser bem dotado”

A imagem do homem negro muitas vezes perpassa os estereótipos que são, segundo Neusa Santos Souza (1983), “resquícios do período escravista” e que “atribuiu ao negro a supremacia do biológico e, como os da resistência física e "sensibilidade privilegiada", reafirma a representação de animalidade no negro, em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade. (SANTOS, 1983 p,31)”. Segundo Deivison Faustino (2014) é esperado do negro que ele “seja sempre superdotado de habilidades corporais diversas como dança, futebol, força física e outras atividades relacionadas à virilidade típica dos criados supermasculinos." (2014, p.81)

No contexto da construção de performances de masculinidades e negritudes, iniciamos pela identificação da associação de discursos normativos, marcados pela ocorrência da modalização deôntica, e discursos que afirmam uma dada “verdade”, construída pela modalização alética. Ambos os discursos apontam para enunciados repetidos socialmente. Na fala de MC Doky, ao responder sobre a relação entre “ser negro” e “ter pênis grande”, ele diz:

> MC Doky: E… rola essa parada, tipo assim, cara, rola é...é… o machismo já… perpetua ali, tipo, cara, **homem tem que ser bem dotado**, tá ligado? Se você não estiver dentro do padrão você vai ser zuado. **Padrão entre aspas**. **Sendo negro é...meio que duplica** né tipo…”mano, você tem pinto pequeno? **você é negro**, como assim mano? **Não existe isso**.” Tá ligado? (MC Doky - Excerto 3)
>
> eu.. **era muito gordo quando eu era pequeno, eu era muito gordo**. Ainda sou gordinho, né?! Só que eu sou mais alto agora, **mas eu era muito gordo, eu era baixo e gordo**. E.. mano, eu esperava todo mundo sair do vestiário, todo mundo trocar de roupa pra poder depois eu entrar porque **eu sempre tive vergonha do meu corpo**. Por que eu pensava

> assim **“mano, eu sou negro, tá ligado?! Tipo, não posso ter pinto pequeno, tá ligado?! Não importa se eu sou uma criança, se eu ainda não estou na puberdade, não importa se eu sou… gordo, não importa o que for tenho que estar dentro do padrão se não, vou ser zuado.”** (MC Doky - Excerto 4)

Discursos normativos são postos como uma obrigação que atua sobre os corpos dos homens negros por meio da modalidade deôntica: “homem tem que ser bem-dotado”, “não posso ter pinto pequeno” e “tenho que estar dentro do padrão”. E essa normatividade se vincula a uma construção de verdade, marcada pela modalidade alética: “você é negro”, “não existe isso”. Os discursos sociais que sustentam uma masculinidade negra magra ou forte e sexualmente potente e viril são tematizados por MC Doky numa vinculação a um modo de existir que se impõe ao homem negro como única performance possível, “o padrão”, que se não seguido gera violência simbólica contra este participante: “vou ser zuado”. Sua narrativa da infância tem como lócus de existência o ambiente da escola na relação com outros meninos da mesma idade.

Vale ressaltar que a lógica padrão, quando presente no contexto social, traz consigo uma construção masculina, branca, heterossexual, cisgênera, cristã, magra. Porém, no discurso trazido pelo MC Doky, podemos observar uma construção outra de “padrão”, o padrão entre aspas, que se constrói a partir dos estereótipos criados sobre corpos outros que não compreendem o padrão hegemônico imposto socialmente, em que não há necessidade de aspas. Corpos negros, transgêneros, gordos precisam dar conta de um outro padrão.

Dentro desse outro “padrão”, criou-se no homem negro a imagem falocêntrica, em que, independentemente da sexualidade, existe socialmente um discurso de que o homem negro possuí pênis grande, discurso também construído no contexto colonial. Esse discurso é retroalimentado e se reconfigura atualmente, como quando era “meme” receber a imagem do “negão do WhatsApp”. A imagem de um homem negro retinto somente de chapéu, com uma toalha nos ombros e com um pênis grande circulou e circula nas redes sociais e, assim como os discursos construídos pelos filmes pornográficos, que em sua grande maioria são consumidos por homens, esses homens negros são representados através da impressionante potência sexual, sexo agressivo e pelo grande tamanho do seu órgão genital, constrói-se a norma de que isso constitui o homem negro.

Levas alinha-se ao que disse Doky, recuperando tais discursos marcados pelo predomínio da modalidade deôntica, marcado no enunciado pela construção *ter que.*

> DJ Levas: Sexualização por eu ser negro, no caso? É cara, aquele clássico que você estava falando com o Doky, que esse aí é... acho que desde pequeno nós ouvimos é "**você é negão, você tem que ser dotado mesmo"**. Esse é o mais clássico. (DJ Levas – Excerto 2)
>
> DJ Levas: É e tem que pegar geral. "Neg.. **Pretinho igual você assim... pô.. deve pegar todo mundo**" **sempre** esses negócios "**neguin tem que ser malandro, dar em cima**" o famoso "**neguin tem que tentar**". (DJ Levas - Excerto 3)

Frente ao homem branco, a questão falocêntrica agrega ao homem negro mais um viés de ameaça, visto que virilidade e órgão sexual caminham como sinônimos no imaginário social. Ainda que possa parecer positivo, e que em determinados contextos homens negros se apropriem desse discurso a fim de se colocarem como superiores ao algoz branco na sua masculinidade, tal perspectiva coloca homens negros extremamente idealizados no campo sexual.

A masculinidade e a heterossexualidade encontram-se ligadas ao estereótipo da negritude, em que o homem negro está sempre apto para o sexo, e sob o prisma de virilidade desse homem. Dentro dessa perspectiva, Levas nos faz refletir sobre a construção sobre o neguin e o pretinho, que precisa ser malandro e pegar todo mundo.

> "Sendo a heterossexualidade compreendida como eixo central da masculinidade no que se refere à sexualidade, entende-se a importância que os adolescentes dão ao fato de estabelecerem várias parcerias sexuais concomitantes com mulheres e serem pais precocemente ("sou pai de família"). Não basta ser heterossexual: essa condição precisa ser reiterada e comprovada o tempo inteiro, de modo que um único "deslize" [...] pode colocar toda a construção a perder." (SILVA JUNIOR; SILVA, 2018 p.98)

Ou seja, na performatividade de uma masculinidade que seja validada pelos seus pares, é necessário para além da heterossexualidade, evidenciada em linhas anteriores a possibilidade de várias parceiras sexuais e em até concomitância cria um patamar a ser atingido para compreensão total do "ser homem".

Tal discurso está presente no contexto da sociedade onde em casos de traição dentro do relacionamento constrói-se a ideia de que por ser homem exista um instinto e necessidade, que afetam diretamente a lógica do relacionamento monogâmico, que também é uma imposição colonial arraigada na sociedade. Ou seja, é normal presenciar cenas em que o homem é isento das obrigações com sua relação monogâmica caindo sobre a mulher a culpa pela traição. Quando digo sobre a mulher, tanto quero dizer sobre a mulher (esposa) quanto pela mulher (amante), nos casos de relações heterossexuais.

Dentro do contexto homossexual, compreendo que exista uma hipersexualização do homem negro também pelo prisma falocêntrico, como no contexto heterossexual, e que muitas vezes, esses homens também se apropriam desse contexto a fim de encontrar de alguma forma uma significação positiva dentro do estereótipo. Porém, nesse contexto encontramos discursos que impõem ao homem negro somente o lugar da cama e prazer em contraponto aos homens brancos que são procurados para relacionamentos sérios e sociais.

2.6 Masculinidades: na contramão da norma

É interessante observar que, independentemente de ser um discurso que em muitos casos acreditamos ser geracional, a lógica da normatividade atravessa a linha temporal e as crenças sobre masculinidade são levadas a novos construtos e modulações de discursos antigos.

> DJ Maia: Enfim... pra mim eu acho que se tiver que chorar, chora. Tiver que abraçar, abraça! Meu pai, um dia desses, **o Júnior estava me zuando aqui que eu beijo meu pai** "tchau pai" beijo meu pai no rosto. Aí falei "Não tem problema nenhum" aí beijei ele também ai falei "e aí? Tem algum problema?" "E aí? Não tem problema nenhum." Entendeu?! (DJ Maia - Excerto 7)

Ao falar sobre possíveis silenciamentos de suas emoções, DJ Maia comenta sobre o discurso normativo vindo do filho (Júnior) de 14/15 anos. Obviamente, que a lógica dos constructos de masculinidade circunda a fala do adolescente, mas para além dessas construções Júnior não convive com demonstrações de afeto do pai. Estando dentro do convívio, consigo perceber que tais demonstrações de afeto advindas do adolescente são regulares tanto com os amigos quanto com familiares.

Particularmente, Júnior, que é meu sobrinho, sempre se mostrou muito afetuoso com demonstrações de carinho constante. Quando me assumi homossexual Júnior, tinha entre 7 e 8 anos. Ele convivia comigo e com meu namorado na época, mas não presenciava demonstrações românticas. Em certo momento, os pais comentaram com ele sobre minha sexualidade e a reação dele veio através de um choro, que preocupou os pais. Acreditavam que as lágrimas eram advindas de discursos pejorativos sobre homossexualidade que possivelmente o atravessaram, mas ao ser questionado sobre o motivo do choro, ele se mostrou chateado por não ter havido uma conversa entre mim e ele, e chegou a duvidar da confiança que eu tinha nele.

Ao responder sobre uma performance de masculinidade que não se alinha a esse discurso normativo, DJ Levas destaca sua ruptura com tal discurso, afirmando que ele já não o incomoda.

> DJ Levas: Não, é o que eu queria dizer, é um negócio que não me incomoda. Me incomodava no início porque eu achava que, nego... nossa..**"ele não é normal", nego iria me olhar errado sempre**. Mas isso o que... em 2014 por aí, mas de 2016 pra cá eu falei **"aah mano, eu vou ser eu mesmo, vou pintar a unha mesmo" acho maneiro, eu sempre achei essa estética da hora, tá ligado?!** Mas não influencia no meu gosto. Não ligo tipo assim.. ah ser comparado com gay nem nada. Não me incomoda hoje em dia, tá ligado!? É um bagulho que não tem nada a ver. Só que **sempre** estão me comparando por vestimenta, por jeito de se portar, até por jeito de sentar, do jeito que estou agora de perna cruzada (DJ Levas - Excerto 4)

O discurso recuperado por DJ Levas, "ele não é normal", traz uma vez mais essa voz normativa que produz “verdades” sobre o outro, considerando diferente, por ter uma performance (pintar as unhas, uma estética, um modo de se vestir e se portar) que não coincide com essa masculinidade normativa, que parte — entre outras coisas — da heteronormatividade e do heterossexismo[10]. O olhar do outro constrói essa alteridade anormal, é o discurso que afirma essa verdade por meio da modalidade alética. Levas mostra sua ruptura ao afirmar sua identidade, sem incomodar-se com comparações homofóbicas. A identidade gay não é vista por ele como problema.

> DJ Levas: Cara, não me fez mal mais a partir do momento que eu entendi que ser gay não era ofensa, tá ligado?! Que tipo tinha essa ideia de... na infância "ah **você é viadinho**" "**você é gay**" tá ligado?! você "não, sou nada mano" tentava se provar todo dia para seus amigos que tu era muito machão. E foi a partir desse momento que eu peguei **"pô mano, não tem nada demais ser e mesmo se eu fosse...não tem nada demais. Não vai mudar nada na minha vida, vou continuar sendo eu** (DJ Levas - Excerto 5)

A percepção trazida pela ideia do “ser” tanto na racialidade como na sexualidade decorre, em maior ou menor grau, do discurso do outro, ou seja, ao ser apontado no contexto escolar como “viado”, o participante compreende que não está cumprindo uma performance

[10] Borrillo (2010, p. 31) entende o heterossexismo como “a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior”. Nesse sentido, todas as outras sexualidades são entendidas como imorais, anormais, perigosas etc.

esperada pela sociedade que o circunda, e o mesmo acontece com a lógica racial, em que os apontamentos sobre sua cor, cabelo e traços faciais acabam por te distinguir dos outros sujeitos ali postos. O racismo e a homofobia atravessam a construção identitária pois geralmente o primeiro contato com nosso pertencimento racial ou sexual vem por meio da violência.

Na sequência, ao ser questionado sobre ter vivido alguma interdição de suas emoções devido aos discursos que normatizam a masculinidade negra, Levas responde afirmando de modo epistêmico sua performance de masculinidade insurgente.

> DJ Levas: Cara, na verdade **eu nunca passei por isso porque eu sempre fui essa figura aí**. Tipo...de ser expressivo, de **ser... ser tudo que falam que um homem não é pra ser, eu sempre fui**, tá ligado?! Tipo,. tu chorar mesmo, tu se emocionar, falar como está se sentindo... eu **sempre** fiz tudo isso. **Nunca** reprimi. (DJ Levas - Excerto 6)

Ainda que “nunca” tenha passado por interdições de suas emoções a fim de cumprir as normas da masculinidade, Levas diz que "sempre" foi essa pessoa expressiva. Ao utilizar expressivo adjetivando sua forma de ser, DJ Levas traz consigo discursos normativos de forma oposicional onde sinaliza que homens não podem vivenciar e expressar suas emoções ainda que ele o faça. O masculino para além da força física está ligada à força como sinônimo de firmeza. Discursos do tipo homem não chora hoje são constantemente ressignificados e que precisamos trazer reflexões sobre como essas construções engessadas de ser homem e compreender que existem diversas formas de performar masculinidade que não estão legadas a heterossexualidade, a cisnormatividade, violência e virilidade sexual.

2.7 Considerações e reflexões: masculinidades negras em foco

Considerando o objetivo que se propunha no contexto dessa pesquisa, compreendo que seja possível verificar marcas de discursos que circulam na sociedade sobre raça, gênero e sexualidade em diálogo com nas enunciações dos participantes da *live*. Tais discursos são às vezes colocados como verdades, às vezes trazidos como norma/regra a ser seguida socialmente e outras vezes confrontados a partir de seus próprios posicionamentos e experiências.

Partindo desses embates discursivos, compreendo que a masculinidade, singular e homogênea é caracterizada e constituída através do prisma do branco. O ser homem é

atravessado pela construção racial do indivíduo que muitas vezes acaba por performar uma masculinidade pautada na compreensão e interlocução do outro masculino que vai validar ou não essa performance.

Sendo o indivíduo um homem negro, a masculinidade produz-se discursivamente com base em estereótipos e pressupostos construídos através das relações raciais presentes em nossa sociedade, que por vezes constrói esse homem como ameaça seja ela física sob a perspectiva da violência/animalidade ou ameaça psíquica/corpórea no contexto da virilidade e do falocentrismo.

Nota-se nos intercursos das análises a intrínseca ligação entre masculinidade e sexualidade, em que se constrói discursivamente o ideal de heterossexualidade = homem como uma construção quase sinonímica. Assim sendo, o sujeito não-hétero é privado de uma possível masculinidade.

É possível identificar nos discursos dos participantes uma ruptura com as construções hegemônicas de masculinidade, o que nos possibilita depreender construções outras, plurais, sobre masculinidades, performadas sob a ótica de sujeitos negros, cujas sexualidades são ditas desviantes à “norma” padrão imposta socialmente.

Essa ruptura, visível na pluralidade de novas construções sobre o masculino negro não se propõe como um novo paradigma hegemônico e singular. Isso aponta que existem caminhos e rotas para construções identitárias outras que emergem continuamente em diferentes contextos, cores e possibilidades. Tais subjetividades necessitam ser evidenciadas a fim de comprovar que não há essencialidade no que é masculinidade.

3. Transgredindo e ensinando: escola, hip-hop e possibilidades

A palavra abre portas, cê tem noção?
É por isso que educação, você sabe, é a palavra-chave
É como um homem nu todo vestido por dentro, é como um soldado da paz armado de pensamentos, é como uma saída, um portal, um instrumento
No tapete da palavra chego rápido, falado, proferido na velocidade do vento, escute meus argumentos
São palavras de ouro, mas são palavras de rua
Fique atento
Milionário do sonho - Emicida

Entendo que o mote da educação é possibilitar a construção de um fazer crítico, mas necessita coadunar com liberdade. Não compreendo educação sem humanização, sem afeto e sem transgressão. Para tanto, neste capítulo, proponho refletirmos sobre a negritude e as masculinidades dentro desse contexto escolar. Pensemos, o que é educar? Onde estão os tentáculos desse educar para propor uma perspectiva de revisão de estrutura? Como essa educação auxilia a refundar, rever e destituir essa estrutura racista, machista, patriarcal e heteronormativa?

Nesse momento, penso que a escola é uma das instituições que reconfiguram e reproduzem as normas estabelecidas na sociedade, e é responsável pela docilização dos corpos e construção de identidades. Por isso, no primeiro momento, pretendo contextualizar o contexto escolar e as construções normativas que ressoam neste ambiente onde ensina-se a norma e as regras.

Em contraponto com o contexto educacional, trarei o Hip-Hop como lugar de letramento e educação racial, que muitas vezes não figuram nos currículos e dentro dos muros da escola. Apresento algumas reflexões sobre a contribuição do Hip-Hop para uma construção identitária negra afirmativa, na qual o movimento torna-se educador e que sua práxis, ainda que não seja docente, estimula e institui uma educação para as relações étnico-raciais.

Pretende-se ainda, nesta seção, revisitar questões sobre educação utilizando escritos de Walsh e reflexões sobre o fazer intercultural crítico e decolonial, assim como os escritos de Nilma Lino Gomes (2017) sobre o movimento negro como agente educador, além de trazer possíveis desconstruções e transgressões para além dos muros da instituição escola, onde consigamos ensinar a transgredir como nos encoraja bell hooks (2013).

3.1 Ensinando o normal: o contexto escolar e as construções de norma

Nos livros escolares, na maioria das vezes, a história do nosso país é narrada pelo colonizador, geralmente, salvador e detentor da civilidade necessária para construção social do país. Além disso, esses livros constroem uma narrativa de passividade indígena que beira a ingenuidade, e que nos serve de espelho para aceitação passiva da invasão. Frequentemente, nos ocultam os livros que a chegada portuguesa e sua "influência" sobre as populações indígenas foi pautada na força bélica e no extermínio.

A necessidade da mão de obra barata fez o sequestro atlântico de negros africanos ser a melhor opção para o Brasil colônia e, assim, sob a ordem e pensando no progresso, é escrito em nossa história o capítulo da escravidão. Escravidão que persistiu por mais de 300 anos formalmente, e que alicerça a construção das nossas relações sociais atualmente e das nossas subjetividades.

Acreditamos que a escola tem um grande papel na reprodução e reconstrução de estereótipos porque

> ela reforça todas estas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importante para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA, 2019, p. 42).

Ainda que esteja carregada das construções estereotipadas sobre negritude e raça, essas representações contribuem para o imaginário e a construção identitária do indivíduo. A escola, além do contexto familiar, é um dos primeiros contatos do educando com a complexidade social, e possui inúmeras tensões que precisam ser evidenciadas a fim de descaracterizar seu viés reprodutor e possibilitar um caráter crítico e descolonizador. Compreendo que, no contexto escolar, as representações devam partir de um lugar não homogêneo e essencialista. A presença negra nesse ambiente necessita ser diversa e possibilitar representatividade a fim de auxiliar na construção de identidades afirmativas.

As questões sociais e discriminatórias presentes na sociedade também figuram dentro do contexto escolar que, muitas vezes, promove o apagamento dessas questões com intenção de não polemizar ou problematizar. Sendo o ambiente escolar um dos principais meios de formação cidadã, todas as questões que possibilitam uma construção plena do fazer crítico deveriam ser estruturais. Questões sobre gênero, sexualidade e raça são fundamentais na construção da identidade do discente, e esta última se mostra essencial visto que é a base estrutural da nossa sociedade. Reflexões sobre o racismo, pertença racial e branqueamento devem figurar nos livros e planos de aula.

Ainda sobre o contexto escolar, Doky rememora um fato ocorrido por volta de seu segundo ano no ensino fundamental. Nessa fase, os desenhos e atividades temáticas são bastante comuns, e o fato ocorrido acontece no contexto do Dia da Consciência Negra.

> MC Doky: **eram escravos na pintura** e… tipo assim, você vê o desenho de uma pessoa negra né..você pode ver até pela turma da Mônica **tem aquele bocão**, esse negócio em volta da boca né?! Enorme! E eu vi aquilo em volta da boca dai eu perguntei: "professora, quê que é isso na boca do escravo? Não estou entendendo." Ela: "Não. É porque **beiço de negro é assim**. Porque **negro tem beiço de mula**. Olha teu beiço." Tá ligado?! Aí eu fiquei tipo… "é pode crer!" (risos) e foi.. eu pintei o desenho e tal. Muito tempo depois eu parei pra pensar naquilo e falei: "cara, nunca na minha vida eu com… sei lá quantos anos eu tinha.. 10 anos de idade… eu ia imaginar o quanto aquilo era errado. Tá ligado?! A professora falar isso pra uma criança. Tá ligado?!" **Eu acho que na minha vida eu nunca tive muitos problemas de sofrer racismo**, **mas de ver o racismo de perto e não entender aquilo como racismo**, né?! Até muitas vezes também acabar praticando, né?! A gente acaba praticando também. Como acabar zuando uma coleguinha que tem o cabelo crespo. (MC Doky - Excerto 5)

Assim, podemos observar no contexto do trazido por Doky uma afirmação de uma dada verdade reforçada pela professora em "beiço de negro **é** assim. Porque negro **tem** beiço de mula." ao utilizar os verbos ser e ter a docente reforça uma construção social tida como verdade e que perpassa a noção dos estereótipos construídos entorno da compreensão do negro.



Figura 3: Viajando no tempo - Evolução do traço (Jeremias).

Fonte: Mônica Fandom

Na página “Turma da Mônica Wiki”[11], onde, em formato parecido ao da Wikipédia, apresenta-se a biografia dos personagens desenvolvidos por Maurício de Souza, a imagem acima descreve a evolução do “traço” (Figura 3), e mostra o personagem em 1960 e 1970, quando era preenchido com nanquim e inteiramente ligado ao que popularmente ficou conhecido como blackface, com exagero das características negras. Exagero que continua até 1980 e que institui forte polêmica por anos, que faz com que em 2013 o personagem seja retratado sem os lábios carnudos (Figura 4). O personagem está diretamente ligado à infância de crianças negras brasileiras que acompanham a turma nos quadrinhos e que muitas vezes figuram dentro do contexto escolar.



Figura 4: Jeremias sem lábios – 2013.

Fonte: Mônica Fandom

Segundo o autor Elbert Agostinho, para além da representação de maneira distinta nas histórias e que certamente dialogam com a sociedade brasileira e as inúmeras lutas do movimento negro para uma representação afirmativa, o Jeremias, muitas vezes, é inserido nas histórias como o personagem que não compreende a narrativa na qual está inserido e desconhecedor dos discursos ali produzidos. Dessa forma, o personagem acaba sendo caracterizado pela ausência de falas ou pela insuficiência de compreensão do meio. (AGOSTINHO, 2017)

Tal representação nos quadrinhos é utilizada por Doky para reforçar a lógica de verdade explícita na representação, em que a lógica caricata, exagerada e ofensiva também é evidenciada pelo verbo ter: “pode ver até pela Turma da Mônica **tem** aquele bocão, esse negócio em volta da boca né?! **Enorme**!”

Reforçando o dito anteriormente, a escola reproduz violências e muitas vezes passamos por elas sem reconhecer as problemáticas sociais que não deveriam figurar no contexto escolar. Cristalizada em “comemorações” sazonais e relativamente estereotipadas na escola, o indivíduo negro ganha centralidade em datas presentes no calendário

[11] Jeremias - Turma da Mônica Wiki Disponível em: https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Jeremias

institucional. Duas datas são recorrentes: o 13 de maio que marca a abolição da escravatura, e que no contexto educacional acaba por evidenciar a branquitude no papel da “salvadora” Isabel e no total apagamento do contexto mercantil e das lutas abolicionistas.

> Na verdade, o processo que resultou na abolição da escravatura pouco tem a ver com as razões humanitárias – embora essas, é claro, também se fizessem presentes. O que de fato empurrou a Coroa imperial a libertar os escravos foram, em primeiro lugar, as forças econômicas subjacentes à Revolução Industrial, capitaneadas por uma Inglaterra ávida de mercados para os seus produtos manufaturados. Explicam-se desse modo as pressões exercidas pela Grã-Bretanha sobre o Governo brasileiro, especialmente no que tange à proibição do tráfico, que acabaria minando os próprios alicerces da instituição escravista. Outro fator fundamental foi o recrudescimento da resistência negra, traduzido no pipocar de revoltas sangrentas, com a queima de engenhos e a destruição de fazendas, que se multiplicaram nas últimas décadas do século XIX, aumentando o custo e impossibilitando a manutenção do sistema. (NASCIMENTO, 1998)

É o 20 de novembro que evidencia a consciência negra, mas, nas escolas, a insistência em uma viagem histórica para marcar a “contribuição” negra para a constituição do país coloca os indivíduos negros pontualmente estáticos na capoeira, na feijoada e na roda de samba.

A perversidade que se coloca no ser violentado e a não compreensão do ato como violência é um achatamento de suas subjetividades, e a retirada do direito a existências outras e acaba por distanciar seu poder de reação aos fatos pois identificar algo como racismo passa a ser inviável. Doky sinaliza em sua fala que “Eu acho que na minha vida eu nunca tive muitos problemas de sofrer racismo” logo depois descreve o acontecido entre ele e a professora, porém evidencia posteriormente essa cegueira que nos é construída a fim de silenciar essa violência em contexto escolar “mas de ver o racismo de perto e não entender aquilo como racismo”.

> DJ Levas: **muita coisa que falavam na escola a gente achava que era normal pra gente**, questão de cabelo, questão de "ah nariz de chapoca, negócio de beiço... igual o Doky falou. Eu comecei a me entender por causa disso.. (DJ Levas - Excerto 6)

Pelo lugar da escola se colocar como “normal” na crença, nesse espaço tais construções e violências são “normalizadas”. Muitas vezes, questões de racismo transpassam o cotidiano escolar e são “normalizadas”, a fim de evitar um debate sobre a temática. Os apelidos dentro da sala de aula, a “norma” dentro dos conselhos de classe em que os alunos “sem solução” ou “que não querem nada” são geralmente o “pretinho” ou

“aquele moreninho” e até a utilização do “neguinho” antes de afirmativas como “neguinho só faz merda” ou “neguinho não sabe nada”.

O espaço escolar pode e é bastante violento para corpos e identidades que não estejam em conformidade com a “norma” cis, hétero, dentro do padrão de beleza construído socialmente. Muitas vezes, essa violência está presente nos materiais, livros didáticos e paradidáticos que apagam a existência de pessoas gordas ou que inferiorizam pessoas negras, ou no medo em se falar em gênero para que não se caia na falácia mitológica da ideologia apregoada pela bancada evangélica.

A exemplo que normaliza/banaliza violência, bastante contemporâneo, temos o livro “Abecê da liberdade”, em que, ao tentar retratar a vida de Luiz Gama, os autores brancos retratam o personagem ainda criança em meio a correntes e grades em um navio escravagista, brincando de roda e sorridente. Como se a imagem já não fosse perturbadora, o texto mostra ainda mais distorção da realidade para manter o imaginário da branquitude. O texto em primeira pessoa descreve como “tranquila” a viagem pelo mar e busca um humor mórbido quando lista as brincadeiras das crianças no navio e evidencia que brincaram de “escravos de Jó” momento no texto que abre parêntesis para um comentário do narrador “(o que **é engraçado**, porque nós éramos **escravos de verdade**)”. Ser escravo de verdade é tratado satiricamente como algo engraçado diante da infundada realidade descrita.

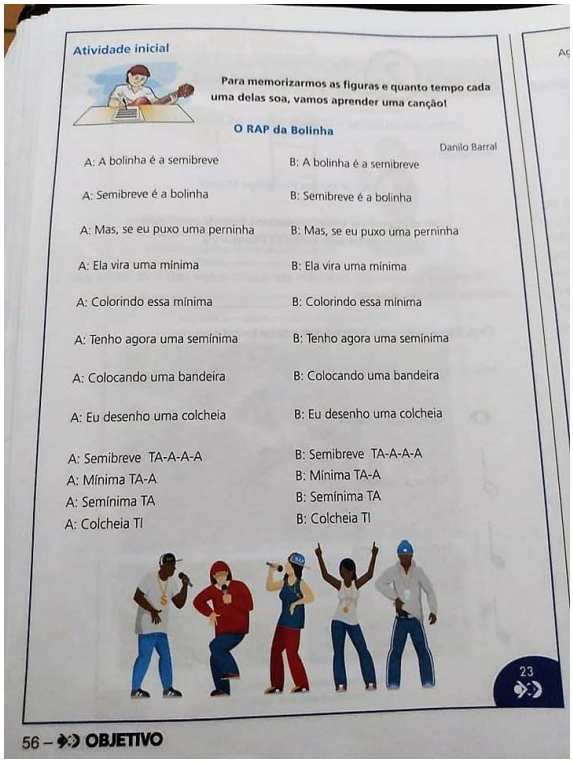
Apesar do “erro” assumido pela editora esse é um exemplo perto do universo de “verdades” nada engraçadas presentes nos materiais e livros que alcançam nossas crianças brancas ou negras, e que assumem lugar na construção do imaginário sobre a constituição desse país. Nesse contexto, de uma história não contada, insere-se de forma afirmativa o samba enredo intitulado “História pra Ninar Gente Grande[12]”, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. No enredo, "verdades" historicamente construídas são contadas através de uma ótica outra. Constrói-se nesse contexto um exemplo afirmativo de narrativa que retoma a história controversa de construção do nosso país. Mas está o samba enredo inserido como gênero discursivo dentro do contexto escolar?

E quanto ao Hip-Hop? Quantas vezes você viu no seu livro didático letras de rap? Quantas vezes sua/seu professora/professor ignorou Vinícius de Moraes e Caetano Veloso (cuja importância não nego, e geralmente aparecem nos contextos do material) e resolveu usar como exemplo as letras do MV Bill? Mesmo como pretexto no exercício simplesmente gramatical, quantas vezes você leu frases do Mano Brown ou Sabotage? Muito se deve ao estigma já criado sobre a cultura negra e o Hip-Hop.

Para citar como a escola ainda reproduz estereótipos racistas acerca do rap/Hip-Hop menciono o texto *“Rap = Homem negro armado”, imagem racista em livro didático do*

[12] Ver letra em: https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/

Objetivo[13] de Sérgio Araujo para a página Esquerdadiario.com.br, em que Araujo evidencia o racismo no material didático destinado a escolas particulares do contexto paulistano. No material do grupo Objetivo, é possível identificar a presença do gênero rap na apostila da disciplina de música para as turmas de 2º ao 5º ano de escolaridade. Ainda que houvesse a tentativa de inclusão da cultura negra no material existe uma reafirmação do estereótipo do homem negro como ameaça.


Atividade inicial

Para memorizarmos as figuras e quanto tempo cada uma delas soa, vamos aprender uma canção!

O RAP da Bolinha

Danilo Barral

A: A bolinha é a semibreve
B: A bolinha é a semibreve
A: Semibreve é a bolinha
B: Semibreve é a bolinha
A: Mas, se eu puxo uma perninha
B: Mas, se eu puxo uma perninha
A: Ela vira uma mínima
B: Ela vira uma mínima
A: Colorindo essa mínima
B: Colorindo essa mínima
A: Tenho agora uma semínima
B: Tenho agora uma semínima
A: Colocando uma bandeira
B: Colocando uma bandeira
A: Eu desenho uma colcheia
B: Eu desenho uma colcheia

A: Semibreve TA-A-A-A
A: Mínima TA-A
A: Semínima TA
A: Colcheia TI
B: Semibreve TA-A-A-A
B: Mínima TA-A
B: Semínima TA
B: Colcheia TI

23

56 – OBJETIVO

Figura 5: O rap da Bolinha.

Fonte: Objetivo Júnior

[13] Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/Rap-Homem-negro-armado-imagem-racista-em-livro-didatico-do-Objetivo acessado em 21/10/2021)



Figura 6: Homem negro armado.

Fonte: Objetivo Júnior

Na página do material, podemos observar a utilização do rap como pretexto para memorização das figuras musicais. Nas ilustrações, temos representações de rappers/MCs e do público. Em uma das representações, um homem negro, de touca, levanta a blusa buscando evidenciar a arma na cintura. Araujo evidencia que a representação “reforça a imagem do homem negro como perigoso e bandido, alvo “natural” da polícia racista e assassina.” O material reforça esse estereótipo e atinge inúmeros estudantes visto que o grupo Objetivo é utilizado em muitos estados e reconhecido dentro do contexto da América Latina.

A representação da arma na cintura é hoje alvo de problemáticas nas redes sociais, onde *trends* (vídeos de tendências) e dancinhas cada vez mais têm utilizado a referência em suas exposições. Inúmeros ativistas nessas redes têm alertado jovens negros que ao reproduzir tais tendências com controles de TV ou outros objetos na cintura, ou como um desafio que buscava colocar uma camisa na cabeça com alusão a forma utilizada por bandidos antes de determinado momento da música a fim de efetivar a coreografia, acabava por produzir imagens que poderiam facilmente ser distorcidas em casos de abuso policial. Distorção muito comum quando buscam validar ações policiais que acabam em morte de jovens negros dentro de comunidades.



Figura 7: *Trends* - Tik Tok.

Fonte: Tik Tok

É importante ressaltar que evidenciar essa construção estereotipada e racista da cultura negra no ambiente escolar bem como problematizar e trazer uma visão crítica das representações que estão tanto nos materiais assim como nas redes sociais, visto que o celular se transformou em material escolar e as redes sociais estão em diálogo direto com a vivência do discente, é fundamental para construção de um cidadão crítico.

3.2 O lugar do Hip-Hop na construção de um letramento racial de reexistência

No contexto da periferia, muitas vezes, o ideal de distanciamento da lógica do ser “favelado” institui um estereótipo do negro pertencente a este universo, e a busca de não ser lido socialmente como esse “ser favelado” coaduna com o fazer e se portar “padrão” ou constituinte da ilusória ideia de pertencimento a distinta classe social, levando a não compreensão total de que esse distanciamento não constitui distinção em suma maioria.

No texto "Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930", Petrônio Domingues evidencia a ideologia do branqueamento no meio negro, e ao refletir sobre a crença de que os negros deveriam seguir as normas de conduta de moral dos "brancos", o autor cita uma carta aberta publicada no jornal da "imprensa negra", em que se recriminava a desmoralização que ocorria em um salão nos bailes de maxixe. Trazendo essa reflexão para o cotidiano atual, ainda permanece o imaginário que existem meios que desmoralizam a raça e que é necessário "procurar outra convivência" como os bailes funks, baile charme, as rodas de Hip-Hop e as batalhas de rap. Esses dois últimos são pontos focais da pesquisa.

MC Doky problematiza o uso de pautas ativistas da luta negra dentro desse movimento por pessoas que não são negras e não entendem o que isso significa:

MC Doky: (...) **pessoas não-negras** se utilizando da **nossa luta** para poder justificar erros que não tem nada a ver com nada, tipo, o cara bateu na mulher "pô você não pode me chamar de **machista agressor de mulher** porque sou negro", sendo que **o cara não é negro**, tá ligado?! Isso acaba meio que tirando a legitimidade da **nossa luta** porque... **eu sou negro de verdade tá ligado?! Eu passo problemas de verdade, eu sofro racismo de verdade**. Então **não é nem um pouco bacana essas pessoas que...acham que porque tá junto você sofre a mesma coisa, você não sofre cara, você não sofre**, ninguém sofre, ninguém que não é negro fala "ah mano, eu super entendo como é que é tal" não rola, tá ligado?! (MC Doky - Excerto 6)

MC Doky: Foi dentro do Hip-Hop que.. que **eu aceitei meu cabelo, que eu comecei a usar black**, que eu... tá ligado?! **comecei a ter orgulho do meu lábio que é maior, que é mais carnudo e tal**. Dentro do Hip-Hop e dentro das informações que os movimentos dão é... das paradas, é... de toda a rapaziada que é instruída e quer fazer parte, quer passar algum tipo de informação..**O Hip-Hop é tipo uma grande comunidade, um movimento que te ajuda cem por cento nisso**. É uma das melhores formas que você tem de **enxergar o mundo**, é através do Hip-Hop, cara. **Enxergar os problemas da sociedade**, é através do Hip-Hop. (MC Doky - Excerto 7)

Na perspectiva de MC Doky, o *Hip-Hop* está diretamente ligado ao reconhecimento de sua negritude e à luta antirracista, na qual não cabe “machista agressor de mulher”. A modalidade alética é usada para afirmar sua experiência de negritude como verdade em oposição às performances que se utilizam do movimento: “**eu sou negro de verdade** tá ligado?! Eu passo problemas **de verdade**, eu sofro racismo **de verdade**”. Além disso, o *Hip-Hop* para MC Doky é um espaço de aceitação e orgulho de traços fenotípicos negros, de formação de uma comunidade de aprendizagem, que possibilita “enxergar” o mundo e os problemas da sociedade.

Nesse sentido, Doky realça a importância do movimento Hip-Hop na sua construção de identidades. As lógicas de pertencimento ao movimento, de desenvolvimento de um carácter crítico e de desconstrução dos padrões sociais brancos impostos estão intrinsecamente ligados à perspectiva trazida pelo Hip-Hop. Doky aponta o movimento como uma lupa, uma lente que amplia uma realidade distinta da presente no contexto da sociedade. Sendo assim, o movimento Hip-Hop é posto no eixo de formador e transformador crítico de subjetividades e identidades. Toda a enunciação no excerto é assertiva e dada como verdade pelo enunciador.

Na fala de Doky, "[..] uma das melhores formas que você tem de **enxergar** o mundo, é através do Hip-Hop, cara. **Enxergar** os problemas da sociedade, é através do Hip-Hop." é importante ressaltar que ele caracteriza o Hip-Hop como uma lupa que amplia e destaca

realidades que até então não eram visíveis por ele. Essa lupa do Hip-Hop constitui um lugar de pertencimento e de apropriação dos conhecimentos e que desembaraça ou possibilita enxergar as minúcias do racismo cotidiano e da luta antirracista.

Ainda no contexto do movimento como agente transformador podemos observar nas palavras do DJ Levas o Hip-Hop como herança, um saber hereditário que atravessa gerações da sua família.

> DJ Levas: Meu pai me apresentou o Hip-Hop e eu comecei ouvir justamente porque sempre amei música e é a coisa que mais amo e eu só ouvia. Mas com caras tipo Kendrick Lamar, Kanye (West), Outkast...vários artistas negros falando sobre a luta negra fez eu me.. me aprofundar nesses assuntos, sabe?! Tive representatividade nas letras deles. Se você for ver "To Pimp a Butterfly" (álbum) do Kendrick Lamar tem muito dessa luta aí negra. **Me ajudou bastante a me entender como gente na sociedade.** Entendeu?! Acho que foi muito importante pra mim a música nessa luta. (DJ Levas - Excerto 7)

Levas eleva o movimento Hip-Hop a um status de importância para sua compreensão “como gente na sociedade”. Advindo do apagamento estrutural do negro no contexto social, essa compreensão de “ser gente” advém da representatividade e da necessidade de compreender-se pertencente. O silenciamento das lutas e revoluções negras no contexto da escola e nos livros acabam ganhando voz nas letras cantadas por esses MCs e conseguem ser uma importante ferramenta nessa luta antirracista.

As referências estadunidenses ganham destaque na construção de vários dos jovens entrevistados. Há um grande consumo dessas produções que, ainda que versem sobre negritude, masculinidade e representatividade, muitas vezes, estão deslocadas das lutas e realidades sul-americanas.

Ainda sobre o silenciamento, como dito anteriormente, somente no contexto da universidade consegui compreender-me negro e pensar criticamente minha existência em uma sociedade estruturada no racismo, porém estes adolescentes começam a estruturar e pensar sua existência a partir de um movimento artístico-social, que os incute uma lógica de pertencimento e possibilita uma construção/desconstrução/reconstrução de suas identidades. MC Mad destaca exatamente o que aqui proponho.

> MC Mad: Cara, então...é.. **eu fui me entender como negro tem papo de uns dois ou três anos atrás**, sabe?! **Eu fui me entender mesmo, saber quem eu era, que eu era negro depois que... eu acho que quando eu conheci a Lanatanpa, sabe**?! Que eu conheci mais sobre a essência, entendeu?! Porque eu.. cara eu alisava o cabelo também, pra você ter uma

> ideia eu tenho até uma (risos) eu tenho uma lente azul aqui. Você acredita? Eu alisava meu cabelo, já tentei deixar ele loiro e tudo mais. Aí depois de um tempo eu falei "cara, não é eu não. Não sou assim não." Tá ligado?! Comecei a falar "**Vou me aceitar do jeito que eu sou**" e é isso. Comecei a deixar o cabelo crescer. (MC Mad – Excerto 6)

O projeto Lanatanpa é para Mad o contexto de compreensão e entendimento crítico da sua pertença racial. Ao comparar-se antes e após o ingresso no projeto, ele destaca como os padrões sociais brancos estavam intrinsecamente ligados à sua rejeição aos traços que marcam sua negritude. Podemos observar que a tentativa de ser loiro, de alisar o cabelo, presente em praticamente todas as entrevistas, e a tentativa do olho claro através das lentes de contato deram lugar a aceitação de suas características identificáveis através da mescla entre as modalidades epistêmica e alética em "Vou me aceitar do jeito que eu sou".

> "Saber-se negro é viver a experiência de ter sido massacrado em sua identidade, confundido em suas expectativas, submetido a exigências, compelido a expectativas alienadas. Mas é também e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades" (SOUZA, 1983, p. 18)

Para além da questão da melanina, ao apontar o "saber-se negro", Neusa Santos Souza destaca a vivência racial em sociedade que vai ser atravessada pelo racismo, ainda que velado. Partindo desse pressuposto e em diálogo com excerto 6, em que MC Mad destaca quando "entendeu e soube" que era negro, é possível compreender que ademais desse saber marcado pela dor do racismo ele aponta seu resgate e sua aceitação frente as características que socialmente são massacradas pela sociedade e assim resgata sua ancestralidade e potencializa suas escolhas.

3.3 Reflexões, práticas e possibilidades:

A minha compreensão crítica acerca do racismo e da construção social que me cerca foi construída na universidade. Ainda que fosse um homem negro e que tivesse sofrido várias e várias vezes o preconceito dentro dos meios em que vivi, o entendimento sobre tais vivências, e até mesmo o despertar para questões de representatividade nos meios sociais, somente aconteceu ao me debruçar sobre literaturas que me fizeram perceber toda a problemática. Tal fato remonta o pensamento de Almeida

> que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. (ALMEIDA, 2019, p.40).

Ou seja, a naturalização das violências sofridas perpassa a construção de uma questão subjetiva, a partir da qual não compreendia como sendo traços do racismo determinadas crueldades e desigualdades constituintes da sociedade na qual estava incluído. Tal percepção me leva a indagar como acontece o "tornar-se" negro (SOUZA, 1983), no contexto das periferias, muitas vezes, sem a reflexão crítica já que essa reflexão "sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista." (ALMEIDA, 2019. p.43).

Longe de propor um modo de fazer engessado ou uma receita de como deve ou não ser a atuação profissional do professor de línguas em sua prática profissional, proponho a seguir alguns caminhos possíveis na consonância entre o Hip-Hop e a sala de aula. Esse viés propositivo objetiva uma educação com viés decolonial e intercultural, além da inserção no campo da educação a vivência do aluno com um gênero musical presente no contexto da sociedade brasileira e que muitas vezes é negligenciado nas práticas escolares.

Quando pensamos construções e reconstruções negras de subjetividade e identidade no contexto da sala de aula, é necessário buscarmos o estímulo pela oralidade, leitura e escrita, visto que viemos de uma construção histórica de silenciamentos, e essa compreensão de não poder e não saber falar está arraigada no imaginário social negro bem como a ideia de que leitura e intelectualidade está ligada ao feminino.

> Em algumas famílias negras onde a leitura é encorajada para as meninas, um menino que gosta de ler é percebido como suspeito, como aquele que está sendo encaminhado para ser um "maricas". Certamente, uma vez que pessoas negras compram a noção de uma
> masculinidade patriarcal, a qual declara que um homem de verdade é um corpo sem mente, garotos negros que são intelectuais, que querem ler e que querem amar os livros correm o risco de ser ridicularizados como não-masculinos (hooks, 2004, p. 38).

A necessidade de construir uma identidade ligada à agressividade e violência quase que animalizada, frente a possibilidade de uma construção intelectual e pensante, é retroalimentada no cotidiano escolar, e esse entre outros discursos figura como verdade dentro do contexto da escola.

Compreender que existem discursos postos como verdades no contexto da sala de aula é necessário para que possamos ampliar a construção/reconstrução/desconstrução do que se entende por uma educação crítica e cidadã. Partindo desse princípio, é notória a

necessidade de articular os movimentos sociais que circundam o ambiente escolar a fim de possibilitar uma ampliação do conhecimento de mundo do discente.

> Há que se investir mais na capacidade de articulação, cumplicidade e comunicação entre os movimentos sociais a fim de ampliar ao máximo a consciência (nível metodológico) e construir um projeto normativo que em todo e qualquer contexto identifica e restabelece as várias interfaces entre o específico e o geral, de forma contínua. Um projeto que mantenha as suas fronteiras mentais e espaciais abertas para a entrada e a saída, desconfiando sempre de qualquer versão de pretensão de verdade enquanto fundamento para o extremismo e a violência política (nível político). (GOMES, 2017,p.129)

Assim sendo, necessitamos compreender que no contexto da sala de aula é imprescindível a busca por um movimento decolonial. Assim confrontando diretamente a "pretensão de verdade" evidenciada por Nilma Lino Gomes e buscando histórias outras que estejam longe de compor uma verdade monocultural e singular. Para tanto, evidencio os saberes que provém dos movimentos sociais, nesse caso especificamente o Movimento Negro.

> A compreensão dos saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro tem a capacidade de subverter a teoria educacional, construir a pedagogia das ausências e das emergências, repesar a escola, descolonizar os currículos. Ela poderá nos levar ao necessário movimento de descolonização do conhecimento. (GOMES, 2017, p.139)

Utilizando como plano de fundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio, focalizarei alguns campos possíveis da interação com o rap/Hip-Hop desse documento que "regulamenta" a base da educação brasileira. Existem inúmeras críticas a tal documento e a reformulação proposta ao "Novo Ensino Médio"[14], que se coloca como basilar sem diálogos efetivos com os profissionais da educação, mas não proponho uma discussão sobre essas críticas nesse momento. Utilizo o documento visto que sua implantação está inevitavelmente ocorrendo no momento de produção desta pesquisa e muito debate já foi e será feito acerca dessa legislação.

É necessário compreender que dentro do contexto atual de forte negacionismo e de interlocução irrestrita com o fundamentalismo religioso e o conservadorismo observamos um embate direto com as questões identitárias e com as políticas públicas que de alguma forma beneficiam as ditas minorias sociais. É dentro desse contexto que se circunscreve a última

[14] Para ampliar o debate e evidenciar os discursos existentes no âmbito da construção do documento, indico a leitura do artigo "Uma análise discursiva da BNCC antes e depois do golpe de 2016" Disponível em https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43979/0

versão do documento utilizado como plano de fundo para as reflexões e possibilidades aqui mencionadas.

Estamos pautados no retrocesso e muito dos espaços já conquistados estão sendo constantemente atacados institucionalmente, a fim de minar os sucessos alcançados com muito afinco da militância do movimento negro. Nesse momento, a busca por intervenções nesse documento a fim de fazê-lo nos servir de antagonista para uma construção educativa decolonial e crítica.

Partindo desse princípio, não se constrói como objetivo um manual para aplicação da Base Nacional Comum Curricular e sim uma reflexão sobre possíveis lacunas no documento que possibilitam um trabalho crítico acerca das temáticas aqui tratadas.

Segundo a BNCC, cabe à disciplina de Língua Portuguesa no ensino médio:

> aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos. (BRASIL, 2018 p. 490)

Em vista disso, compreendo que trabalhar com gêneros discursivos outros possibilite o alargamento de determinadas referências e construa uma infinita possibilidade de intervenção na realidade e sociabilidade dos jovens estudantes da educação básica brasileira. Além de desenvolver o trato com informação e opinião através do “respeito, pela ética e pela rejeição aos discursos de ódio.” (BRASIL, 2018 p. 490)

O documento também ressalta a importância de considerar as práticas da cultura digital e das culturas juvenis. Assim sendo também precisará levar em conta a necessidade de

> ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remidiações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc.; (BRASIL, 2018 p. 492)

Partindo desse princípio, compreendo que o gênero *live* seja um dos gêneros discursivos circunscrito na centralidade das práticas culturais digitais na atualidade e que necessita ser considerado no contexto escolar, visto que muitos dos debates atuais de cunho político e social estão figurando nos contextos das *lives* e podcasts.

Quanto à ampliação de repertório, compreendo que o Hip-Hop garante uma introdução específica a cultura popular periférica e ainda um diálogo íntimo com a vivência social do aluno. Em consequência destaco três campos de atuação social presentes no documento que dialogam com as práticas de linguagem no ensino médio: os campos da **vida pessoal**; da atuação na **vida pública** e o campo **artístico-literário**.

Assim sendo, o letramento de reexistência presente na prática e no movimento Hip-Hop coaduna com os campos em questão, visto que o campo da vida pessoal se propõe articular linguagem e o protagonismo juvenil; e ao campo da atuação na vida pública "indica-se um conjunto de habilidades que se relacionam com a análise, discussão, elaboração e desenvolvimento de propostas de ação e de projetos culturais e de intervenção social" (BRASIL, 2018 p.494).

Partindo desses dois campos e com foco em algumas habilidades específicas, indicarei nos tópicos seguintes possíveis atividades que estejam ligadas a algumas habilidades a serem desenvolvidas e um diálogo direto com o Hip-Hop, seja através de produções outras ou a *live corpus* do presente trabalho. Mais uma vez reforço que não se objetiva aqui um manual do professor ou nada que componha um viés normativo a fim de ser seguido sem reflexões críticas e necessárias.

3.3.1 CAMPO DA VIDA PESSOAL

Esse campo evidencia alguns parâmetros curriculares que transpassam a vida escolar e alcançam a vida social do discente. A necessidade do "saber sobre si" e retomar os caminhos que o constituem como ser social. Nesse momento, o documento afirma ser necessário que o ambiente escolar seja um espaço onde o discente possa

> partilhar gostos e interesses, de forma a oportunizar vivências, situações de partilha (e de trato com o diferente), promoções de eventos ou projetos culturais, análises e/ou proposições de ações de políticas públicas culturais, projetos de intervenção social, entre outras possibilidades; (BRASIL, 2018 p. 501)

Dessa forma, ressalto a importância de possibilitar atividades de partilha seja de gostos e interesses ou de conhecimentos, que de certa forma são estigmatizados pelo currículo eurocêntrico que objetiva sempre valorizar o conhecimento branco europeu. Temos no contexto da sala de aula inúmeros alunos que acreditam não ter habilidades porque socialmente o que fazem não é compreendido como qualidade ou exemplo de destreza.

- Habilidade **EM13LP20**: essa habilidade visa a produção de *playlists* comentadas. Sendo assim, a possibilidade de criar uma lista de clipes e músicas que estão intrinsecamente ligadas ao seu gosto musical e que debatem temáticas sociais possibilita um olhar crítico para os produtos culturais que consome. Outra possibilidade é a criação de um circuito de cinema onde filmes que tiveram relevância na vida pessoal dos discentes possam ser apresentados à turma e posteriormente levante-se um debate sobre a obra, seu contexto de produção e o lugar do debate racial.

  A *live* “Masculinidades negras” produzida pelo Projeto Lanatanpa pode figurar como texto motivador (pré-leitura) visto que aborda a produção de músicas que evidenciam a luta negra e o contexto do Hip-Hop na vida pessoal e social dos participantes. Na *live* existe uma fala de si onde os participantes externar pensamentos sobre sua trajetória no Hip-Hop e como os impactos do movimento fizeram interferências significativas em suas vidas.

3.3.2 CAMPO DA VIDA PÚBLICA

. Evidencia questões de direitos e deveres além da participação institucional ou não-institucional aludindo intervenções artísticas e manifestações culturais. A vida pública ganha centralidade neste campo de atuação social a fim de consolidar habilidades referentes à atuação cidadã dos discentes por meio do

> envolvimento com questões de interesse coletivo e público e compreensão do contexto de promulgação dos Direitos Humanos, do Estatuto da Juventude e das políticas afirmativas, como forma de valorizar a democracia e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade; (BRASIL, 2018. p.503)

Ou seja, ganham centralidade neste campo as questões políticas que envolvem a formação cidadã do discente e, consequentemente, o gênero Hip-Hop pode ocupar um espaço fundamental na interação entre a produção de discursos e as políticas que interferem diretamente nos direitos da juventude bem como nas políticas afirmativas. Para tanto, objetiva-se estimular a participação significativa de jovens em coletivos e movimentos além da produção de textos que reivindiquem reclamem ou denunciem “desrespeito a direitos e de peças ou campanhas sociais”.

- Habilidade **EM13LP24**: essa habilidade versa sobre a participação em debates de coletivos e movimentos a partir da escuta atenta e posicionamento crítico. Para tanto, a *live corpus* da pesquisa poderá ser ferramenta para promoção de um debate sobre o movimento Hip-Hop e coletivos que se propõem refletir masculinidades e negritudes. Posteriormente, na apresentação do material, os discentes podem construir seus posicionamentos a partir da retomada das falas dos participantes considerando os discursos presentes e reformulando posicionamentos.

  A canção de Bia Ferreira “Cota não é esmola” dialoga com os discursos presentes na sociedade sobre políticas afirmativas e a construção racial brasileira. As letras do disco “Sobrevivendo no Inferno” do Racionais MCs possibilitam inúmeros diálogos sobre a vida pública e o pessoal no contexto periférico e marginalizado. Ressalto que o disco em questão foi leitura obrigatória no vestibular da Unicamp para ingresso em 2020.

3.3.3 CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO

Esse campo, que muitas vezes se apresenta como central nas práticas de letramento literários no contexto da sala de aula, é revisitado na BNCC, cujos parâmetros para a organização curricular indica que existe a necessidade de

> Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literatura juvenil brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. (BRASIL, 2018 p. 524)

Assim sendo, é importante ressaltar que tais produções listadas pelo documento como *raps e slams* são de extrema relevância para a construção identitária do discente seja branco ou negro.

- Habilidade **EM13LP46**: *Slam*, resumidamente, é uma competição em que recita-se poesias de tema livre e muitas vezes com temáticas sociais contundentes, cujo

objetivo é afetar o público. Partindo desse princípio, a produção de textos autorais e a socialização desses textos em formato de slams possibilitam um diálogo cultural a fim de estimular também uma perspectiva crítica frente temáticas sociais colocadas em seu entorno. Também é importante evidenciar que práticas de socialização de escrita autoral possibilita aos discentes não só um momento para exteriorizar seus anseios e pensamentos, mas também o exercício da escuta ativa.

- Habilidade **EM13LP49**: a habilidade se resume em identificar relações intertextuais e interdiscursivas além de explorar a constituição das literaturas e artes em geral, os diálogos e como essas se retroalimentam. Sendo assim, a análise de canções como as do rapper Emicida, que em muitas de suas composições dialoga intimamente com produções literárias, possibilitam estimular a habilidade em questão.

  Madagascar é uma canção de Emicida (Leandro Roque de Oliveira) que traz em sua letra diálogos e menção a literatura moçambicana e chilena em "[...] Nesse mundão de Oduduwa, da pele afro / Deus nos acuda, **Pablo Neruda**, benção cem sonetos de amor / Sou do versos de **Mia Couto**, onde eu ia ria [...]" ou Pantera Negra canção criada em homenagem ao filme homônimo que além da intertextualidade com as histórias em quadrinhos evidencia inúmeros diálogos com outras produções.

O podcast Mano a Mano, no qual Mano Brown conversa com personalidades da sociedade brasileira é uma ótima ferramenta para ampliar debates e ouvir vozes outras que possibilitam uma diversidade de entendimentos e pensamentos. As produções do rapper mineiro Djonga também dialogam com questões de representatividade e negritude em contexto periférico e muitas outras artistas, como Tásia Reis, Karol Conka, Drik Barbosa, Linn da Quebrada e MC Soffia, que em suas músicas tem refletido sobre a construção de feminilidade e representatividade como em "Barbie Black", "Menina Pretinha", "Brincadeira de Menina" e "Minha Rapunzel Tem Dread".

Essas são algumas poucas menções de como o rap/Hip-Hop pode estar dentro do contexto escolar e auxiliar na construção identitária dos discentes além de possibilitar intervenções críticas e ampliar o conhecimento de mundo desses estudantes. O espaço da sala de aula e o diálogo decolonial em todo o currículo se faz necessário para efetivar um ensino democrático e crítico.

> "Para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento

> racial e fazer um trabalho crítico no contexto escolar, em todas as disciplinas do currículo escolar." (FERREIRA 2015, p. 36)

Assim como aponta Ferreira (2015), não podemos como docentes centrar nosso fazer em bases monoculturais e não estimular a criticidade. Dentro das possibilidades de alunado branco ou não-branco, a necessidade de figurar em nossas aulas temáticas extremamente caras ao constructo cidadão é a mesma. Precisamos formar cidadãos críticos e conscientes de seu lugar de fala e de escuta na sociedade.

4. Considerações

O contexto pandêmico forçou uma reformulação de todo o escopo do projeto inicialmente pensado para a pesquisa a ser desenvolvida no programa. A atual pandemia da COVID-19 acabou por limitar a geração de dados em ambiente de sala de aula tal como prevista na proposta original, e efetivamente afetou toda a produção e construção do texto que apresento neste trabalho.

Para além da problemática de estar em contexto de quarentena, afastamento social e risco eminente, o momento atual também constituiu o problema de pesquisa porque, ainda que fosse próximo ao universo do Hip-Hop e mentor do Projeto Lanatanpa, não estava na construção do *corpus* como centralidade da pesquisa a constituição do projeto e suas reverberações nos discursos dos participantes.

Assim, o *corpus*, os discursos e os conceitos trazidos pela pesquisa acabaram por forjar reformulações e reverberações em minhas subjetividades, identidades e por me fazer revisitar particularidades, que se constroem como coletivas quando pensamos as vivências de homens negros, LGBTQI++, filhos de mãe solo, periféricos e pobres.

Como expus ao longo do texto, considero que tornei-me negro durante minha graduação em Letras na UFRRJ, e me constituí pesquisador através da especialização *lato-sensu* em Relações Étnico-Raciais e Educação e do mestrado em Relações Étnico-Raciais no PPRER, ambos cursados no CEFET/RJ. Além disso, a instituição me possibilitou uma compreensão diferente do fazer pesquisa, e de como minha prática se constitui por si só um ativismo mais que necessário. Pensar que minha pesquisa coaduna nas mais diversas discussões e debates provenientes de um mestrado interdisciplinar e temático como o PPRER é evidenciar que as muitas vozes dos meus amigos de curso das mais variadas áreas também me forjaram.

Hoje, entendo a compreensão tardia da negritude que aconteceu em minha vivência. Acredito que, ainda que seja doloroso, é necessário o entendimento das violências que atingem seu corpo e subjetividade a fim de conseguir defender-se e lutar para que não continuemos sendo violentados.

A construção, reconstrução e/ou desconstrução de subjetividades que descaracterizem os estereótipos criados por anos e reproduzidos, tanto no sistema educacional como no sistema midiático, é lenta e necessária para a real construção de uma sociedade equitativa e antirracista. A compreensão do “ser negro” e a lógica do pertencimento são doloridas, mas de extrema importância no despertar para a busca por mudanças.

Observo que o contexto periférico, que nos coloca à margem da sociedade, institui construções outras de subjetividades que perpassam a lógica de lugar e pertencimento. Dentro desse contexto, pensar a periferia de Duque de Caxias me fez refletir como questões de territorialidade estão intrinsecamente ligadas às práticas e acessibilidade cultural.

O projeto Lanatanpa, que ganhou foco no contexto dessa pesquisa, se coloca nesse lugar como agente transformador e que cria contexto de letramentos para além do ambiente escolar. Como grupo e organização estão pautados na centralidade da cultura negra e periférica, fazendo um trabalho contínuo de valorização e reconhecimento que efetivamente atingem construções/desconstruções e reconstruções de subjetividades.

A *live* realizada com os integrantes do projeto citado possibilitou uma construção analítica extremamente relevante sobre negritude, masculinidade e heterossexualidade advinda dos discursos presentes no *corpus* que potencializaram as problemáticas apresentadas nessa pesquisa.

O gênero discursivo em questão ganhou certa centralidade em contexto pandêmico, e acredito que ganhará destaque em futuros contextos pós-pandêmicos, pois se configura como uma ferramenta importante de interação social, acadêmica e ativista além de continuar se redesenhando de forma rápida e singular a fim de dialogar com os novos usos de suas tecnologias.

Quando se buscou, na *live* e aqui, focar nas questões de masculinidade, foi no intuito de mostrar como essa se constituiu a partir de um prisma, dentre outras características, branco, heterossexual e singular. Interessante observar nos discursos produzidos que estamos avançando na busca por masculinidades outras, essas que estão nas vivências de corpos negros, LGBTQIA+, gordos… que estão fora do constructo hegemônico e padrão.

Para além das questões levantadas, o caminho proposto através dos Estudos da Linguagem e da Linguística, além de coadunar com minha formação acadêmica, possibilita um debate mais amplo sobre a visão geralmente branca dessa ciência. Apesar de compreender que o assunto das relações raciais e gênero precisem figurar mais e mais nos programas de pós-graduação voltados à Linguística Aplicada optei por buscar um programa que me possibilitasse uma formação integral como pesquisador negro e professor.

O PPRER e minha pesquisa me possibilitaram múltiplos movimentos, nos quais consegui efetivar uma revisão das minhas identidades e subjetividades como negro, homem, não-heterossexual, professor e pesquisador.

Continuo acreditando na educação crítica e antirracista como uma via fundamental para o letramento racial e de reexistência, e por isso vislumbrei um caminho propositivo ao finalizar esse itinerário de pesquisa, a fim de possibilitar uma conexão com a proposta inicial sobre práticas educacionais e com futuras reverberações em possível doutoramento no âmbito da educação.

As questões práticas de uma educação antirracista que promova criticidade e decolonialidade são minha área de interesse, e pelas quais sinto necessidade de atuar, pesquisa e produzir. Ainda que tenha atingido objetivos reflexivos extremamente relevantes, gostaria de avançar nas vicissitudes do Hip-Hop no contexto da prática escolar em um diferente delineamento de pesquisa.

Termino retomando a epígrafe deste trabalho, acredito ser necessário que falemos para além de nossas cicatrizes a fim de não resumir somente nossas vivências a lógica de sobrevivência e crer que nossas mazelas nos definem. Ter lugar, vez e voz nos faz para além de sujeitos, nos faz protagonistas na fila do Mic e de nossas histórias.

Referências

AGOSTINHO, Elbert de Oliveira. Que “negro” é esse nas histórias em quadrinhos? Uma análise sobre o Jeremias de Maurício de Sousa. 2017. 184f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/82_Elbert%20de%20Oliveira%20Agostinho.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

hooks, bell. **We Real Cool**: black man and masculinity. New York: Routledge, 2004.

_____. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Cap.5, p.83-104.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - Ensino Médio. Brasília, 2018. Disponível http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file Acesso em 24 nov 2021.

CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço (Org). **De guri a cabra-macho**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTILHO, A. & CASTILHO, C. “Advérbios Modalizadores”. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do Português Falado**: Níveis de Análise Linguística. Campinas: Editora da Unicamp. 2002

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. In: Educação e Realidade, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-Asiáticos**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 563-600, 2002. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0101-546x2002000300006.

FAUSTINO, (NKOSI) Deivison F. **O pênis sem o falo**: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. *In*: **BLAY**, Eva Alterman (Org.), 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; NERY, João Walter. Transmasculinidades: provocações introdutórias. In: DIFANTE, Édison Martinho da Silva; PICHLER, Nadir Antonio; GUIMARÃES, Willian (Orgs.). Filosofia, homoafetividade e mulheres: questões emergentes. Passo Fundo, RS: Méritos, 2014. p. 75-90.

GIORGI, Maria Cristina; ALMEIDA, Fabio Sampaio de; PAIVA*, Maria Vitória Silva. Mídia, raça e a construção do suspeito: análise discursiva de notícia da Folha de São Paulo. **Domínios de Lingu@Gem**, [*s. l*], v. 12, n. 1, p. 604-624, mar. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324119908_Midia_raca_e_a_construcao_do_suspeito_analise_discursiva_de_noticia_da_Folha_de_Sao_Paulo/link/5abef3d8aca27222c7577e58/download. Acesso em: 17 nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Tatiana Jardim. **Acho que nunca antes na história deste país...** Modalização
deôntica e modalização epistêmica em cartas de leitores do período eleitoral para Presidência da República / Tatiana Jardim Gonçalves. – 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo cabelo como símbolos da identidade negra**. In: FIGUEIREDO, Angela, CRUZ, Cintia (Orgs.). **Beleza Negra**: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. Coleção UNIAFRO; v. 16). P. 41-52

_____, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes, 2017.

GRANJA, Edna; MEDRADO, Benedito. Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. **Psicologia & Sociedade**. Recife, vol. 21, p. 25-34, 2009.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e Racismo no Brasil. In: _____. Racismo e antirracismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 21-37.

_____. Classes, raças e democracia. São Paulo: editora 34, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Louro. 11 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

_____. Raça, Um Significado Flutuante. Conferência de 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
_____. **Argumentação e Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes**: sexualidades, ética e política. In: Gragoatá. n. 27. Rio de Janeiro: EdUFF, 2009. p. 33-50.

MOSSERI, Adam. **Ensuring Black Voices are Heard**. Junho 2020 Disponível em https://about.instagram.com/blog/announcements/ensuring-black-voices-are-heard Acesso em 24 nov 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira**: perspectivas e dificuldades. Revista de Antropologia, São Paulo, v.33, p.109-117, 1990.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

_____. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46-57, dez./fev. 2005-2006.

NASCIMENTO, Abdias. 13 de maio, uma mentira cívica. **Revista** Fórum, 13 de maio de 2013. Disponível em: https://revistaforum.com.br/noticias/abdias-nascimento-13-de-maio-uma-mentira-civica/.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In:* LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**. n 22, p. 64-69, jun 2004 / jul 2004.

RAMOS, Arthur. **O Negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria-Editora Casa do Estudante, 1971a. Col. Arthur Ramos. v. I.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **Homens negros, negro homem**: para discutir masculinidades negras na escola. São Paulo. 2015 Disponível em: https://generoeeducacao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Homens-negros-Negro-homem-para-discutir-masculinidades-negras-na-escola_AlanRibeiro1.pdf Acesso em 24/11/2021.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: o linguístico e seu entorno. **Delta**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, p. 29-52, 2006.

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 355-372, jul. 2006. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33231/19218. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

_____. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322014000300619&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

SANTANA, Nara M.; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no brasil do século xx. **Revista de Estudios Sociales**, [S.L.], n. 58, p. 28-38, out. 2016. Universidad de los Andes. http://dx.doi.org/10.7440/res58.2016.02.

SILVA, Cidinha da. As duas Vidas de Vinícius Romão. In: **#Parem de nos Matar**. São Paulo, Pólen, 2019. Reportagem: "Mapa Mostra como a homossexualidade é vista no mundo".

SILVA, Tarcízio. Visão Computacional e Racismo Algorítmico: Branquitude e Opacidade no Aprendizado de Máquina. **Revista ABPN**, v. 12, p. 428-448, 2020.

_____, Tarcízio. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**, 2019. Disponível em: <http://https://tarciziosilva.com.br/blog/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo>. Acesso em: 06 de novembro de 2021.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro**: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Ana Lucia Silva. Letramentos de reexistencia = culturas e identidades no movimento hip hop. 2009. 219 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: o mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

VILLELA, Gabriel Merlim Moraes; ALMEIDA, Fábio Sampaio de; GIORGI, Maria Cristina. O gênero discursivo live: tensões entre saberes acadêmicos e políticos ao vivo no Instagram. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ; Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana. Em discurso 3**. Pesquisar com gêneros discursivos**: interrogando práticas de formação docente. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 33-46.

Anexos

TRANSCRIÇÃO (MC DOKY)

Wallace - Quem é você na fila do mic?

Doky - tenho 17 anos de idade, nascido e criado no bairro da vila Santo Antonio. Sou MC, desde 2016.. final de 2016, mas acompanho já rap desde criança. Tá ligado? Comecei a fazer rap por causa de brincadeira de criança. Ficar rimando a gente acaba se inspirando a fazer o bagulho. Quando a gente descobre que existe gente que faz de verdade a gente faz. Em 2017, quando eu comecei a frequentar as rodas descobri o movimento hip-hop em si, né. O movimento de resistência hip-hop, os elementos do hip-hop, o grafite, DJ, break... é o MC e... desde então, desde 2017 quando começou a ser idealizado, final de 2017 né, em 2018 na verdade quando começou a Lanatanpa a gente tá fechado nesse projeto tentando trazer hip-hop.. tentando não né, já trouxemos o hip-hop pro bairro do Pantanal. Aí a gente tá nessa luta constante... só melhoria tá ligado? Pra poder se manter firme aí no corre.

Wallace - vou pedir que volte na sua apresentação e se caracterize racialmente. Como você se entende racialmente?

Doky - Negro né?! Eu acho.. (risos) Não sei… pode ser, depende da luz (risos).

Wallace - Em que momento você se entendeu negro? Em que momento você percebeu que isso estava na sua pele?

Doky - me entendi negro quando era criança. Eu sempre gostei muito de ver séries americanas, sempre curti essas paradas e tal. Séries da Disney e tal e... a gente vê na televisão representado como os protagonistas de uma geração... é independente da geração a gente vê... pessoas brancas em geral né. Os protagonistas das séries que eu via a gente não tinha uma série de negros... tinha “Um maluco no pedaço” e tal, mas não era tão pá. Mas a maioria das séries eram de pessoas brancas, adolescentes brancos e tal. E você tem um padrão estético branco que obviamente é bem diferente do padrão estético... de uma pessoa negra e a gente quando é criança a gente não quer saber disso, a gente não entende disso... Então quando eu era pequeno eu queria parecer com as pessoas que eu estava vendo neé... Então teve uma época que ... mano, eu decidi que ia ser loiro do cabelo liso e alisei o cabelo, pintei de loiro mano (risos) eu era pequeno tá ligado? tinha uns pô...9 para 10 anos de idade eu falei "mano, agora eu sou loiro do cabelo liso!" só que eu me frustrei bastante quando deu

o black foi tipo assim... eu alisava o cabelo.. era só o tempo de eu tirar o alisante e o cabelo ficava liso, lindo, maravilhoso... dois segundos depois ele ficava terrível e voltava a ser o que era, tá ligado?!.. eu falei "é mano, acho que tem alguma coisa errada. Acho que isso não é muito minha praia não (risos)... tenho que procurar outro estilo.. foi quando eu me entendi negro que a parada mudou tá ligado? Descobri que meu cabelo não estava ficando feio quando ele voltava a ser enrolado, quando ele voltava a ser crespo. Ele estava ficando do jeito que ele é..tá ligado? E a sociedade estava me fazendo ver ele feio sendo que meu cabelo nunca foi feio tá ligado? Acho que foi nessa época que eu me entendi como negro... de verdade.

Wallace: Quantos anos você tinha?

Doky: Nove para dez anos mais ou menos.

Wallace: Você lembra de algum fato da sua vida que seja dentro desse contexto de sofrer racismo efetivo?

Doky: Eu não lembro de nada específico comigo… é.. tipo assim como você na época de criança eu nunca fui muito.. na escola de namoradinha e tal, pá. Isso acontece depois quando você fica mais velho, você começa a lidar com pessoas que tem uma mentalidade um pouco mais madura. Mas enquanto mais novo a pessoa dá valor mais ao padrão estético e o padrão estético está enraizado. Eu lembro de uma vez quando eu era pequeno, eu estava no… sei lá cara acho que no segundo ano do fundamental é… a professora passou uma pintura, pintura do dia da consciência negra e eram escravos na pintura e… tipo assim, você vê o desenho de uma pessoa negra né..você pode ver até pela Turma da Mônica tem aquele bocão, esse negócio em volta da boca né?! Enorme! E eu vi aquilo em volta da boca daí eu perguntei: "professora, quê que é isso na boca do escravo? Não estou entendendo.” Ela: “Não. É porque beiço de negro é assim. Porque negro tem beiço de mula. Olha teu beiço.” Tá ligado?! Aí eu fiquei tipo… “é pode crer!” (risos) e foi.. eu pintei o desenho e tal. Muito tempo depois eu parei pra pensar naquilo e falei: “cara, nunca na minha vida eu com… sei lá quantos anos eu tinha.. 10 anos de idade… eu ia imaginar o quanto aquilo era errado. Tá ligado?! A professora falar isso pra uma criança. Tá ligado?!” Eu acho que na minha vida eu nunca tive muitos problemas de sofrer racismo, mas de ver o racismo de perto e não entender aquilo como racismo, né?! Até muitas vezes também acabar praticando, né?! A gente acaba praticando também. Como acabar zuando uma coleguinha que tem o cabelo crespo.

Wallace: Já trataram seu corpo como “ah ele é negão então deve ter pau grande ou coisa parecida”. Alguém já disse isso esclarecido assim na sua cara? E você achou “cara, que isso?” ou não, nunca aconteceu?

Doky: Cara, sempre acontece né. Quando homem está reunido… hétero só sai merda, só sai merda. E… rola essa parada, tipo assim cara, rola é...é… o machismo já… perpetua ali tipo cara, homem tem que ser bem dotado, tá ligado? Se você não estiver dentro do padrão você vai ser zuado. Padrão entre aspas. Sendo negro é...meio que duplica né tipo…”mano, você tem pinto pequeno? você é negro, como assim mano? Não existe isso.” Tá ligado? Tipo assim, é… Quando eu era menor, na escola, eu estudava… não vou falar o nome da escola, quase falei, é… a escola tinha piscina e tinha o vestiário que tinha que trocar de roupa né?! E Tipo assim, eu… eu.. era muito gordo quando eu era pequeno, eu era muito gordo. Ainda sou gordinho, né?! Só que eu sou mais alto agora, mas eu era muito gordo, eu era baixo e gordo. E.. mano, eu esperava todo mundo sair do vestiário, todo mundo trocar de roupa pra poder depois eu entrar porque eu sempre tive vergonha do meu corpo. Por que eu pensava assim “mano, eu sou negro, tá ligado?! Tipo, não posso ter pinto pequeno, tá ligado?! Não importa se eu sou uma criança, se eu ainda não estou na puberdade, não importa se eu sou… gordo, não importa o que for tenho que estar dentro do padrão se não vou ser zuado.” Acho que foi mais ou menos isso que sempre rolou. Depois que cresci não rola.. não rolou muito isso.

Wallace: Como você entende ser homem, dentro do contexto do seu entendimento, e como o hip-hop contribuiu para o seu pensamento hoje sobre sua sexualidade, sua postura com homem na sociedade, enfim, como o hip-hop contribuiu para o que você pensa hoje?

Doky: Então, dentro do hip-hop eu já queria começar falando...não sei onde se encaixa isso dentro do contexto o que eu vou falar agora, mas eu aprendi o seguinte pela vasta experiência que eu vi dentro do hip-hop e dentro de outras questões que hoje em dia está difícil porque muitas pessoas é... acabam utilizando a nossa luta, pessoas eu digo que não são negras, pessoas não-negras se utilizando da nossa luta para poder justificar erros que não tem nada a ver com nada. Tipo, o cara bateu na mulher "pô você não pode me chamar de machista agressor de mulher porque sou negro" sendo que o cara não é negro, tá ligado?! Isso acaba meio que tirando a legitimidade da nossa luta porque... eu sou negro de verdade tá ligado?! Eu passo problemas de verdade, eu sofro racismo de verdade. Então não é nem um pouco bacana essas pessoas que...acham que porque tá junto você sofre a mesma coisa, você não sofre cara, você não sofre, ninguém sofre, ninguém que não é negro fala "ah mano, eu super entendo como é que é tal" não rola, tá ligado?!

E dentro do hip-hop, tem dois lados de encarar: tem essas pessoas que se utilizam errado da luta e tem os caras que te... meio que te influenciam a se aceitar. Foi dentro do hip-hop que..

que eu aceitei meu cabelo, que eu comecei a usar black, que eu... tá ligado?! comecei a ter orgulho do meu lábio que é maior, que é mais carnudo e tal. Dentro do hip-hop e dentro das informações que os movimentos dão é... das paradas, é... de toda a rapaziada que é instruída e quer fazer parte, quer passar algum tipo de informação. O hip-hop é tipo uma grande comunidade, um movimento que te ajuda a cem por cento nisso. É uma das melhores formas que você tem de enxergar o mundo é através do hip-hop, cara. Enxergar os problemas da sociedade, é através do hip-hop. E eu queria fazer um apelo para que essas pessoas pararem de tratar nossa luta como chacota porque não é e eu fico muito chateado de ter que falar alguma coisa e isso perder o efeito porque outra pessoa fez palhaçada, é bizarro.

Wallace: Você quer deixar uma mensagem?
Doky: [...] recado pra rapaziada também… mano, leva essa luta a sério. tá ligado?! Procura se informar. Assistam lives como essa. Tá ligado? Procurem pessoas que entendam do assunto e possam te direcionar de uma forma acadêmica, cara.. e não de uma forma… visceral, uma forma… emotiva que você acaba errando demais. tá ligado? Então.. procura sempre trocar ideia, trocar intelecto com todo mundo que está ao seu redor sobre o assunto. Procura pesquisar. Para você acabar evitando cometer racismo. Você que é negro acaba evitando cometer atos como de externar a raiva de forma errada que acaba dando… que acaba legitimizando o estereótipo de certa forma. Tá ligado?! Que acaba meio que botando seus irmão que não tem nada a ver com isso de forma errada. Tá ligado?! Dando meio que.. a pessoa vê você fazendo isso e depois vê outro negro fazendo algo parecido que não é a mesma coisa e fala “ah o negro raivoso.” tá ligado?! Tipo.. então vamos pesquisar, vamos entender as paradas e tamo junto!

TRANSCRIÇÃO (LEVI)
WL - Quem é Levi na fila do mic?
Levas - Sou Levi de Oliveira, sou daqui do bairro Pantanal de Caxias. Atendo como Levas também. Comecei a tocar na Lanatanpa em... 2018? 2018! Quando o projeto começou [...] comecei tocar na Lanatanpa e eu praticamente comecei como DJ lá porque antes disso eu não me considerava DJ. Eu comecei produzindo em 2014 e desde lá estou lançando minhas coisas no sondcloud e sou conhecido por isso.

WL - Como você se entende racialmente?
Levas - É.. me entendo negro (risos)

WL - Você se entende negro agora? ou sempre se entendeu negro?
Levas - Não. Não foi sempre, mas acho que não faz muito tempo.

WL - Consegue lembrar em que momento isso se deu?
Levas - Acho que foi pegando o gancho aí do que o Doky disse sobre representatividade, sobre a gente assistir.. sei lá.. um desenho, assistir uma série... você começa entender essas paradas que são representadas. Toda essa diferença que são tratados. Tipo.. quando a gente é criança, adolescente a gente não percebe muito essa questão racial. A gente começa entender mais velho. Que nem... muita coisa que falavam na escola a gente achava que era normal pra gente, questão de cabelo, questão de "ah nariz de chapoca, negócio de beiço... igual o Doky falou. Eu comecei a me entender por causa disso.. por consumir muito conteúdo da cultura pop.. foi basicamente isso.

WL - Aquela lógica de não se ver representado ali e você "pow, calma aí, tem alguma coisa errada. Não sou como está representado ali" Aí você entendeu que não era aquilo. Você passou por essa fase também de querer ser "Zack e Cody" (em referência a série norte americana que tinha como temática a vida de dois irmãos gêmeos brancos, loiros e de olhos claros).
Levas - AAH Claro! Todo mundo passou. Passou aquele alisante na cabeça, ardendo pra caramba pra ficar com o cabelo igual do Sasuke (referência ao anime "Naruto"). Não deu certo.

WL - Eu não consigo falar com você e não lembrar do episódio da roda de conversa sobre sexualidade na qual te taxaram como alguma coisa.

(No episódio em questão estávamos em uma roda de conversa sobre Sexualidade e Raça e uma das pessoas que estava mediando a roda de conversa solicitou a interação do grupo para que pudesse trazer suas experiências. Neste momento ela indagou o Levi e pediu para que ele trouxesse sua vivência de "homem, gay e negro dentro da escola". Levi não se entende como uma pessoa homossexual e aquele momento acabou sendo constrangedor e como resposta ele disse que não poderia falar desse lugar já que ele não é gay.)

Wallace: Sempre, em algum momento alguém duvidou da sua sexualidade? Ou nunca, ou aconteceu depois?

Levi: Cara, o episódio mais antigo que eu não me lembro na verdade, minha mãe que me disse. Foi quando eu tinha 6 anos e uma amiga dela perguntou se eu era gay por n motivos. Na mente dela ela falou "seu filho é gay?" aí minha mãe "não", "ah porque ele não joga bola,

ele não solta pipa" tipo justamente por eu não ter os gostos que todos os outros meninos tinham, sabe?

Wallace: Você sendo hétero e sua sexualidade sendo colocada a prova o tempo inteiro por conta de você não responder a um padrão de masculinidade. Isso te incomoda ainda ou isso te incomodava...?

Levas: Não, é o que eu queria dizer, é um negócio que não me incomoda. Me incomodava no início porque eu achava que nego... nossa.."ele não é normal" nego iria me olhar errado sempre. Mas isso o que... em 2014 por ai, mas de 2016 pra cá eu falei "ah mano, eu vou ser eu mesmo, vou pintar a unha mesmo" acho maneiro, eu sempre achei essa estética da hora, tá ligado?! Mas não influencia no meu gosto. Não ligo tipo assim.. ah ser comparado com gay nem nada. Não me incomoda hoje em dia, tá ligado!? É um bagulho que não tem nada a ver. Só que sempre estão me comparando por vestimenta, por jeito de se portar, até por jeito de sentar do jeito que estou agora de perna cruzada não dá pra vocês ver.

Wallace: Na criação temos a ideia de "você não vai brincar de boneca" "não vai sentar desse jeito" mas isso ainda te afeta?

Levas: Cara, ainda rola comentários. Se eu passar na rua ou se eu chegar em um lugar... pessoas "caraca, achava que ele era gay", mas não é um negócio que me incomoda hoje em dia. Já me incomodou bem no início porque eu era leigo nesses assuntos, mas hoje em dia não me afeta. Eu trato normal.

Wallace: Em que momento você deixa de ser leigo? Em que momento você começou a entender essas coisas e isso não te afetou mais? Até porque quando a gente é pequeno a lógica de te chamar de viado incomoda e então você mesmo se trava em algumas coisas, você mesmo faz determinadas coisas de determinado jeito para que não escute aquilo mais, mas em que momento da sua vida você acredita que isso não te fez mal mais.

Levas: Cara, não me fez mal mais a partir do momento que eu entendi que ser gay não era ofensa, tá ligado?! Que tipo tinha essa ideia de... na infância "ah você é viadinho" "você é gay" tá ligado?! você "não, sou nada mano" tentava se provar todo dia para seus amigos que tu era muito machão. E foi a partir desse momento que eu peguei "pô mano, não tem nada demais ser e mesmo se eu fosse...não tem nada demais. Não vai mudar nada na minha vida, vou continuar sendo eu.

Wallace: Em algum momento você sentiu sexualização do seu corpo? Em algum momento alguém falou alguma coisa pra você que você sentiu "cara, meu corpo. Por que você está falando assim.." ou não?

Levas: Sexualização por eu ser negro, no caso? É cara, aquele clássico que você estava falando com o Doky, que esse aí é... acho que desde pequeno nós ouvimos é "você é negão, você tem que ser dotado mesmo. Esse é o mais clássico.

Wallace: E tem que pegar geral né?

Levas: É e tem que pegar geral. "Neg.. Pretinho igual você assim... pô.. deve pegar todo mundo" sempre esses negócios "neguin tem que ser malandro, dar em cima" o famoso "neguin tem que tentar".

Wallace: Em algum momento você se sentiu impossibilitado de sentir alguma coisa, de expressar sua emoção? Porque a gente também aprende que homem não chora... tranquilo! Quer dizer tranquilo não é, mas a gente aprende. Em certo momento a gente compreende que um homem negro chorar é ainda pior porque você tem uma lógica que você aprende a sobreviver com tanta violência que demonstrar emoção, demonstrar sentimento, demonstrar que você pode chorar, que você sentiu aquilo é... prejudicial pra você pode dar um status de fraqueza coisa e tal. Você já sentiu tipo "preciso negar emoção pra não passar fraqueza?

Levas: Cara, na verdade eu nunca passei por isso porque eu sempre fui essa figura aí. Tipo...de ser expressivo, de ser ser tudo que falam que um homem não é pra ser eu sempre fui. tá ligado?! Tipo.. tu chorar mesmo, tu se emocionar, falar como está se sentindo... eu sempre fiz tudo isso. Nunca reprimi.

Pergunta do público: O que é ser um homem negro hoje em dia?

WL - Quando recebemos essa pergunta geralmente passa pela lógica da construção do que é ser um homem. Daquilo que é construído pra gente que é falado de cara. "Isso é ser homem!" Mas agora se você pensa a lógica de ser um homem preto... eu vou ser um pouquinho radical tá?! A lógica de ser um homem preto é você entender que você tem n possibilidades de perder a vida a qualquer momento. Perpassa você o tempo inteiro. Eu estou dirigindo... as vezes estou dirigindo e passo do lado de uma patrulha parada, não tem nada acontecendo, ninguém mandou eu parar...
Levas - mas você fica nervoso..

WL - Muito! Muito! Primeiro, porque agora com a lógica da pandemia você precisa estar de máscara, né?! E aí já não é uma coisa muito legal pra gente né?! Porque se você passa por uma pessoa branca de máscara, tranquilo! Se você passa por uma pessoa preta de máscara você já fica negócio.. "não sei o que pode acontecer ali". Isso acontece! Isso é construído pra gente racialmente como se fosse normal e na verdade a gente reproduz isso e isso pra mim machuca muito porque a lógica de você é... sentir medo e racializar.. ou seja você... é ... você reproduzir o racismo contra as pessoas que são iguais a você é muito forte porque se construiu na sua cabeça ter medo dos seus iguais.
Levas: E o pior é que todos nós já fizemos isso. Isso que é o pior.
WL: A lógica de ser homem, ao menos pra mim hoje em dia, é eu sair de casa e ter essas N possibilidades e infinitas possibilidades mais de não voltar do que um homem branco.

Wallace: Como o hip-hop contribuiu para você entender o que era ser um homem negro? Como o hip-hop contribuiu para sua identidade? Como o hip-hop contribuiu para quem você é hoje?

Levas: ah cara, ao hip-hop só tenho agradecer. Meu pai me apresentou o hip-hop e eu comecei ouvir justamente porque sempre amei música e é a coisa que mais amo e eu só ouvia. Mas com caras tipo Kendrick Lamar, Kanye (West), Outkast...vários artistas negros falando sobre a luta negra fez eu me.. me aprofundar nesses assuntos, sabe?! Tive representatividade nas letras deles. Se você for ver "To Pimp a Butterfly" (álbum) do Kendrick Lamar tem muito dessa luta aí negra. Me ajudou bastante a me entender como gente na sociedade. Entendeu?! Acho que foi muito importante pra mim a música nessa luta.

TRANSCRIÇÃO (MAD)
Wallace: Quem é o Mad na fila do Mic?
MAD: Mad sou eu é... eu me chamo Miguel Ângelo e eu faço minhas artes aí né... comecei não tem tanto tempo. Fui desenvolvendo isso tem uns anos aí. Uns dois anos eu acho e... eu faço poesia também né?! Poesia e batalha também... de rima na Lanatanpa e... é isso... procurando desenvolver (risos) sempre.

Wallace: Como você se entende racialmente?
MAD: Negro (risos)

Wallace: Você sempre se entendeu negro ou em algum contexto fez o mesmo que eu, Doky e Levi e tentou alisar seu cabelo, tentou colocar ele loiro, tentou embranquecer um pouquinho aí...
Mad: Cara, então...é.. eu fui me entender como negro tem papo de uns dois ou três anos atrás, sabe?! Eu fui me entender mesmo, saber quem eu era, que eu era negro depois que... eu acho que quando eu conheci a Lanatanpa, sabe?! Que eu conheci mais sobre a essência, entendeu?! Porque eu.. cara eu alisava o cabelo também, pra você ter uma ideia eu tenho até uma (risos) eu tenho uma lente azul aqui. Você acredita? Eu alisava meu cabelo, já tentei deixar ele loiro e tudo mais. Aí depois de um tempo eu falei "cara, não é eu não. Não sou assim não." tá ligado?! Comecei a falar "Vou me aceitar do jeito que eu sou" e é isso. Comecei a deixar o cabelo crescer.

Wallace: Depois entendeu... agora... há dois anos enfim... com a Lanatanpa você entendeu sua negritude e tudo mais.. você consegue olhar pra antes disso e ver as violências que você sofreu? Ou você se lembra de algum caso específico em que sofreu alguma coisa?
MAD: ah cara, que o povo sempre falava assim que... desde pequeno minha mãe sempre amou meu cabelo desse jeito assim (sinaliza o black) cacheado sabe?! E ela sempre gostou. Só que aí o pessoal... sabe.. todo... pessoal da minha família também, pessoal na rua falava que meu cabelo era feio, fala que eu não poderia deixar ele crescer porque ele ficava feio, ficava parecendo um capacete... que... tinha que cortar e não sei o que... aí eu vivia sempre cortando né?! E... depois de um... depois que eu fui crescendo.. tipo uns 11 anos, 12... Aí eu via uns amigos meus né?! que tem o cabelo liso né?! e o pessoal achava tudo bonito o cabelo deles né?! Liso e tudo mais e o meu se meu cabelo fosse grande era feio e tudo mais... "corta isso" e eles não. Eles poderiam deixar crescer e o cabelo deles era grande. Aí eu ficava nessa de "caraca, mané, será que se eu alisar meu cabelo vão achar bonito também? E tudo mais" "Pô mas aí também ele é meio branquinho né, cara?!" "Pô, se eu fosse assim também ia ser... ia ser... sei lá. O pessoal vai gostar mais... tudo isso". Aí eu queria... sabe... queria... é... ser isso. Sabe?! Eu queria e ficava nessa de querer alisar meu cabelo, eu queria ser mais claro, eu queria ter olho azul... tanto que falei contigo que eu tenho até hoje uma lente de contato aqui... e eu ficava nessa cara e... o pessoal falava... tinha gente que falava "Não, porque teu cabelo assim fica melhor do que aquela coisa feia lá... teu cabelo do jeito que é." E eu ficava meio assim né... "pô mané, é né..." aí eu ficava meio assim, mas aí depois o pessoal ficou falando e eu continuando e depois de um tempo eu fui parando pra observar isso aí falei "cara, eu tô querendo ser uma que não sou eu" sabe?! Tô querendo me mudar... vou começar ser eu então. Aí eu peguei e cortei meu cabelo baixinho, que meu cabelo era grande só em cima sabe... cortei ele baixinho mesmo e falei "vou deixar ele crescer agora do jeito que ele é" "vou parar de tentar ser uma pessoa que eu não sou" sabe?! Ser eu mesmo!

Aí meu cabelo... aos pouquinhos foi crescendo e tudo mais e o pessoal começando a falar de novo "nossa, mas teu cabelo é feio... isso e aquilo" e eu nem ligando, sabe?! Foi passando e eu fui começando a me aceitar do jeito que eu sou e cara, eu me sinto muito melhor do jeito que eu sou assim, sabe?! Com meu cabelo assim e eu sendo eu mesmo. Sem querer ser outra pessoa.

Wallace: Você foi criado pela sua mãe só ou sua mãe e seu pai?
MAD: Pela minha mãe e pelo meu pai.

Wallace: E dentro de casa foi aquela construção de "você é o filhinho.. então não precisa lavar louça, não precisa fazer nada" ou foi aquele que aprendeu tudo desde pequeno?

MAD: Então... foi meio que... eu aprendi tudo desde pequeno, mas... tipo assim... eu... eu sempre fui aquele que minha mãe sempre me ensinou as coisas sabe?! A fazer... a fazer tudo ela falava "você tem que aprender a fazer as coisas porque eu não vou estar aqui sempre pra te ajudar em nada e você tem que se virar sozinho. Você tem que aprender." Entendeu?! "E você não ficar dependendo de ninguém." "Você tem que aprender sozinho porque se for morar sozinho você ter você mesmo." Entendeu?! E sempre foi assim... então eu sempre aprendi desde pequeno.

Wallace: Como passaram pra você o que é ser homem? Você sofreu essas pequenas represálias assim: senta direito, fala direito, olha sua voz... ou isso não aconteceu?

Mad: sim, né?! sempre acontece. Do tipo de "ah não vai brincar de casinha porque isso é coisa de menina." entendeu? "Vai jogar bola" "vai soltar pipa" "porque brincar de boneca, de casinha assim é coisa de menina e tudo mais e tu não pode." Isso era mais coisa que era dito pelo meu pai assim, meu tios e tudo mais.

Wallace: Em algum momento já se pegou "não vou fazer isso pra não pensarem que eu sou gay ou coisa parecida" não cumprindo esse padrão?

Mad: Não, não. Não porque eu nunca penso desse modo porque ... sei lá... pra mim isso não é um problema. Tem muita gente que olha pra mim e me pergunta né se eu sou gay. Eu falo "não, cara, não. Por quê?" A pessoa "não, porque tu tem jeito" e eu "ah, tá! Tá bom" sabe?! É... eu nunca me incomodei com isso. Porque eu nunca vi isso um problema, sabe?! a pessoa ainda olha pra mim e "Tem certeza?" e eu falo "Sim, não entendi"

Wallace: Quando você sai de casa, temos a lógica do medo por conta da violência que está aí e tudo mais e agora tem um plus que é o vírus, mas quando você sai de casa você já sentiu a lógica de ter medo por ser você? Por ser a sua estética, por ter a sua cor?

Mad: Cara, já. Já porque eu já ouvi de muita gente que.. sei lá.. parece que eu sou... parece que eu sou meio bandidinho por causa do cabelo assim, entendeu?! Já ouvi de muita gente já. Aí sei lá... as vezes eu fico com medo de passar perto de carro de polícia e eles... sei lá.. me confundirem com com algum... alguma outra pessoa, sabe? e... sei lá.. algo de ruim acontecer. Entendeu?!

TRANSCRIÇÃO (DJ MAIA)

WL Quem é o Maia na fila do mic?

DJ Maia - Cara, eu sou o Anderson Maia, Anderson Oliveira Maia, conhecido como DJ Maia como é conhecido como o Maia da Refrigeração aqui no Pantanal. Tô aqui 16 anos então eu posso dizer que sou cria daqui, né?! Dezesseis, dezessete anos e é isso. Tamos aí. Sou esse aí.

WL - Racialmente como o Anderson se lê?

DJ Maia - Cara, eu sempre me vi como negro. Porque... assim onde eu convivi tinha muito aquelas paradas assim.. não colégio, mas assim no meio do povo fala "Ah amigo, passou de preto.. sei lá.. passou de branco negro é." tá ligado?! Essas parada e ... Então é óbvio que eu sei que não sou branco. Então se eu não sou branco só posso ser negro. Entendeu?! Então...

WlL - E sempre foi assim ou tem algum marco na sua história que você entendeu que você era negro?

DJ Maia - Não, acho que pra mim sempre foi assim, cara. Assim, sempre foi assim... acho que não me lembro de nada pra marcar não. Acho que na minha época, como estava conversando, na minha época acho que foi... era mais... não que não existisse o racismo, sempre existiu, só que eu acho que agora ele está em alta, subiu muito. Entendeu?! Ou a gente passamos.. ou eu passei a enxergar melhor agora, né?! O racismo, né?! Sei lá.

WL - Você tinha, que eu lembre, muitas referências negras durante sua adolescência e tal. Lembro de altos discos de charme que tu ouvia, minha mãe fala que você se vestia de Michael Jackson [...] você tinha uma referência negra, digamos assim, por algum momento... não sei o que aconteceu, a gente perdeu. Eu, particularmente não tive essas referências durante a adolescência e tal. Isso formou quem você é, ajudou a te formar.

WL - Como foi sua criação? Você teve essa lógica do "senta direito", "fala desse jeito"... essas construções machistas digamos assim, que formaram você ou não?
DJ Maia- Eu passei por algumas coisas assim, mas assim não foram muitas coisas até eu tive padrasto né?! Então... é algumas vezes tinham sim.. "ah, pô que homem não faz isso, homem não é aquilo".. então sabe como é né?! A minha convivência, quando morei em Inhaúma (bairro da cidade do Rio de Janeiro), era assim... muito... meus amigos... meu melhor amigo tinha 40 anos e eu tinha 7 ou 8 anos de idade. Então eu via eles tudo falar né?! Bagulho de "Não, que a mulher tem que lavar, tem que cozinhar, tem que isso.. aquilo" "porque homem não usa brinco, homem tem que falar direito" "e se tá falando assim já viu, né?!" Como falou aí da brincadeira "homem não brinca de casinha. Homem joga bola." Entendeu?! Enfim.. é isso. Mas minha mãe sempre foi tranquila.

WL - Entre os entrevistados você é o único que tem filho. Você já pensou a lógica de criação do Júnior (DJ Irmão do Jorel) dentro da mesma lógica que você ou você pensou que poderia ser diferente, que ele poderia ser um homem que pensasse diferente ou coisa parecida?
DJ Maia - É bem diferente. Eu acredito que não ser igual eu não. Assim, hoje eu sou... me vejo muito melhor né?! Até por conta da Lanatanpa tô aprendendo e aprendo... aprendi e aprendo muita coisa com a Lanatanpa. Entendeu?! Hoje eu espero que na criação do Júnior seja bem melhor do que eu passei pra mim. Bem mais livre nessa questão.

WL - Júnior já questionou algo referente a essas construções?
DJ Maia - Como éramos do candomblé não tínhamos problemas com sexualidade e de homem e mulher... não tinha esses problemas.

WL - Vocês conviveram no candomblé e conviveram muito tempo com pessoas de sexualidade não homogênea porque encontramos no candomblé muitas pessoas que não correspondem a sexualidade heteronormativa e isso acaba naturalizando e acaba entendendo que isso existe e a gente existe e não tem muito o que fazer. O Júnior cresceu nesse contexto então ele acaba entendendo isso com muita facilidade o que pra gente poderia ser um pouco mais complicado, mas você entrou para o candomblé com 15... 16 anos ou antes?
DJ Maia - Com 14 anos.
WL - Você também cresceu com essas referências e isso forjou o que você é né?!
DJ Maia - Sim. Tive convivência com meu falecido pai de santo Pai Didi e todos se abraçavam, agarravam... andava agarrado na rua. Entendeu?! Aí muita gente passava em volta e falava

"Ah, deve ser viadinho também" entendeu?! e essas palhaçadas... só que pra mim.. não tinha problema nenhum.

WL - Não incomodava?
DJ Maia - Pra mim nunca incomodou porque eu sabia quem eu era então... a mim nunca incomodou não. Agora.. para o meu falecido pai de santo que era brabo. Ele queria bater nos outros "que não sei o que... ele é homem.. que não sei o que" aí era complicado. Entendeu?!

WL - A lógica de talvez te defender que ele sofria, né?! Aí ele não quer que você passe por aquilo que você não é! A tentativa de te defender de uma violência que você não precisa passar porque você é hétero então você não precisava passar por isso.

WL - Você há pouco tempo passou por uma situação em um mercado. Me fala um pouco sobre essa situação.
DJ Maia - Então... eu.. pô cara.. eu sou muito assim... Juliana (esposa) diz que sou muito deixa disso. Estávamos com o carrinho cheio de compras, escolhendo tudo e na hora do caixa aí ficou aquilo... como o cartão estava com problema. Devido a pandemia meu cartão novo não chegou, então enfim... aí o cartão começou a dar problema. Aí começo a me estressar logo falei "pô, então vamos deixar essas coisas aí e tudo e vamos embora." Só que assim, a coisa é mais grave quando a mulher falou que "ah está dando sem saldo". Aí eu tive que... ter o ridículo de puxar no aplicativo e falar pra ela que "Aqui, é impossível ser isso." entendeu? Aí fui até o banco 24 horas, sabia que não poderia sacar e voltei e o cartão passou. A mulher ficou super sem graça falou "como pode ter acontecido isso" "incrível" enfim.. entendeu?! Assim é uma coisa chata, só que assim eu acho que já me acostumei tanto, Wallace. Nesse tempo que assim... de andar na rua lá em Ipanema, trabalhei em Ipanema de estar andando de boa com uniforme da empresa e a velhinha te olhar ou qualquer mulher não precisa ser velha, puxar a bolsa, esconder.. que pra mim já deve ter crescido um... ou cresceu uma defesa ou sei lá o nome disso. Entendeu?!
WL - A gente acaba naturalizando.
DJ Maia - Isso!
WL - Anderson é um homem negro, tatuado e andando pela zona sul da cidade é complicado porque entende-se que não é o seu lugar. Então você está ali "fazendo alguma coisa". [...] Na situação do mercado, possivelmente a atendente não iria sugerir que não haveria dinheiro... não é uma sugestão que ela faria para qualquer pessoa, não aconteceria com qualquer pessoa.

DJ Maia - Com certeza não! Já aconteceu outro fato de eu também estar na Tijuca, na casa do amigo da gente e eu descer com o Júnior.. ou foi sozinho.. fui na padaria e a padaria é bem cara, né?!... tipo lá... toda bem arrumada e pá. Eu entrei, peguei um quindim grande, um pão e a mulher falou assim... a que trabalha lá, falou assim.. "ué, mas é caro" eu "ué, mas eu não perguntei o preço." Entendeu?! E eu sou uma pessoa que quando quero ser ignorante é... brabo né?!

DJ Maia- Um chefe meu que tinha em Bonsucesso e o cara é super racista, mano. Eu fui... quando eu saí da empresa ai meu pai sempre tinha ferramenta né?! Então eu e meu pai tinha uma ferramenta chamada "tubo tocha" que é o maçarico. Aí eu saí da empresa porque tive aborrecimento com ele lá porque ele sempre pegava no meu pé. O cara é um racista totalmente. Aí quando eu saí eu fui lá... tinha que assinar um negócio lá. Fui lá, assinei... aí quando desci a escada... ficava a oficina embaixo e o escritório dele em cima.. lá em cima ele falou assim "engraçado, você ter essa mesma ferramenta que eu tenho" eu falei "ué, como é engraçado? Eu não posso ter a ferramenta? Eu tenho porque meu pai tem igual então... é meu e dele então a gente tem." "ah, você deve ter pego meu... que não sei o que" beleza! Aí quando eu desci os caras "pô, tá aqui (a ferramenta)". Aí eu queria subir pra dar porrada nele, entendeu?! Queria partir pra cima dele e o pessoal "não, deixa pra lá" Entendeu?! Então quer dizer que sou preto e também sou ladrão, pô?

WL - Agora vamos falar de Juliana Maia que ela entendeu há pouco tempo que vocês estão em uma relação interracial, ela entendeu há pouco tempo que tem nome isso (risos). Na relação de vocês já teve algum contexto assim? Que vocês precisaram explicar alguma coisa na rua ou que alguém olhou diferente, alguma coisa desse tipo?

DJ Maia - Eu acho que não. Eu ando tão tranquilo assim... que se aconteceu deve ter passado despercebido, mas eu não lembro não.

WL - Eu tinha costume de falar pra Diana que ela era a segurança por ser branca, ou seja se estamos na rua Diana é a segurança porque ela é branca e eu era a segurança porque era homem então... era essa segurança.. a gente fazia mais ou menos ali a segurança um do outro. Então acredito que esse atravessamento da relação interracial possa ter atravessado vocês..

(Juliana nos comentários da live)

Juliana - Acontece, mas ele finge que não vê.

DJ Maia - Eu ando tão... que as vezes as pessoas falam assim "pô passou por mim e nem falou comigo. Tá com raiva?" Eu, cara, ando tranquilo... de boa.

WL - E emoções? Você já se escondeu pra chorar? Ou tá tranquilo quanto a isso? Porque faz muito tempo que não vejo o Anderson chorar.
DJ Maia - Pô, eu acho que assim... eu não escondo não, mas sou difícil pra caramba, né?! É muito difícil. E eu não sei se é alguma coisa minha assim mesmo ou... eu não sei dizer não, mas eu fico bem feliz assim... assistindo até mesmo um filme.. coisa.., mas não tem isso comigo não, cara. Eu acho que homem... assim.. se bem que como eu falei na minha infância o pessoal "Não. Homem não chora... não sei o quê. Homem não faz isso.. aquilo.." Entendeu?! E... minha mãe nunca falou nada disso de não coisa. Minha mãe sempre foi tranquila, nunca falou o que podia ou não podia. Entendeu?! Enfim... pra mim eu acho que se tiver que chorar, chora. Tiver que abraçar, abraça! Meu pai, um dia desses, o Júnior estava me zuando aqui que eu beijo meu pai "tchau, pai" beijo meu pai no rosto. Aí falei "Não tem problema nenhum" aí beijei ele também, aí falei "e aí? Tem algum problema?" "E aí? Não tem problema nenhum." Entendeu?! Então.. quanto a isso pra mim não... pra mim é livre. Pra mim digo assim "o choro é livre", mano. Pra mim a hora que ele vier...

(Juliana nos comentários da live)
Juliana - Alguém chamou de neguinho e você largou as ferramentas, quis bater no cara, mandou tomar no cu e tudo mais.

DJ Maia - Sei lá, deve ter sido aqui em cima. Eu acho. Pô, neguinho não! Ou é nego ou... pô neguinho, pô?

WL - Juliana falou que você ficou mais carinhoso após o acidente.
DJ Maia - Ah pode ser ué... eu acho que não é pós acidente não, cara. Acho que foi após a Lanatanpa eu acho que eu tive uma visão... ainda tenho né?! ainda tenho alguns pontos que ainda há alguns erros que eu posso cometer, né?... que as vezes cometo... mas acho que com a Lanatanpa, a roda de conversa... por mais que eu não participe falando, mas eu tô ali atrás perto do som e tô ouvindo, entendeu?! E vou interagindo... até pra falar com uma *live* aqui hoje.. eu tô falando mais... até pra... [...] e as questões assim... até mesmo de machismo e essas coisas assim vai diminuindo. Ainda sou muito ainda, né?! Não vou te enganar e dizer "Não. não sou." Mas sou bastante, mas vai indo, né?! No dia a dia a gente vai tentando.

DJ Maia - Eu acho que você perguntou pra eles aí se eles tinham medo de sair na rua devido ser negro, né?! Eu não tinha medo. Eu nunca tive esse medo porque eu fui criado em favela e já sempre fui favelado mesmo então.. quando via um negro vir perto falava "Qual é, meu irmão? Tudo tranquilo? Tá de boa?" e isso. Agora minha mãe não, cara. Minha mãe até... há alguns anos aí no Posto treze (bairro de Nova Iguaçu, baixada fluminense) eu tinha que ir pra Niterói, eu trabalhava em Niterói, aí um frio de manhã, botei a touca e minha mãe "você vai sair de touca?" (assustada) e eu falei "ué, touca não pode usar não?" Entendeu?! Acho que minha mãe deveria ter muito medo assim.. de eu ser negro e alguém fazer uma maldade. Hoje eu percebo que acho que ela tinha muito medo disso. Porque ela se preocupava muito "tá de boné? Só vive saindo de boné. Só vive se vestindo não sei o que... Tem que ser blusão." Eu nunca fui disso, entendeu?! Ela não podia me ver de touca que acho que ela pensava que era igual o assaltante do desenho, né?! Que o cara é um bandido faixa nos olhos e de touca.

WL - [...] Se a gente sair sem identidade... é loucura. Embora não tenha nenhuma lei que te obrigue a estar com a identidade no momento de blitz
DJ Maia - Cara, se eu for contar aqui a gente vai ficar até amanhã. Eu já sofri uma blitz que entrou eu e meu pai, meu pai também pode se dizer negro, né?!, e mais dois negros dentro de um taxi que tinha que ir em Vila Isabel. Aí o taxista, era branco, né, o que ele fez... no sinal tinha uma viatura. Ele avançou de propósito pra viatura poder chegar até a gente né?! E nisso eu estava com o bolso cheio de dinheiro, né?! Aí o policial pegou no meu bolso e falou "O que que é isso aí?" eu falei "É dinheiro" "ué, dinheiro?" Eu falei "Ué tem alguma lei que não pode andar com dinheiro? Não pode andar com dinheiro mais no Brasil, na rua... não pode mais não?" "Ah você é muito abusado" eu falei "não, abusado não. Tô perguntando se existe alguma lei que proíbe andar com dinheiro." Aí seguimos e depois o pessoal os outros dois que estavam comigo queriam bater no taxista... que ele avançou de propósito, só porque era negro e não foi agora não... isso tem milhões de anos, cara.

WL - Você já teve alguma conversa assim com o Júnior?
DJ Maia - Cara, assim é eu acho que já. A gente a todo tempo é... eu falo da minha mãe, mas eu também aqui tenho esse problema. Tipo assim.. quando Júnior vai na rua que ele vai de casaco e tá calor eu falo com ele, entendeu? Eu não me preocupava comigo, mas com o Júnior eu fico preocupado, entendeu? Fico preocupado com tudo, né? Com os filhos todos eu fico preocupado. [...] Quando eu era novo eu sofri muita "dura", cara. Era questão assim... dentro de um mês tomar sete duras. Lembrei até aqui que o Levi estava aqui. Falei de uma dura que tomei com o Renato, ele é branco né, foi engraçado que eu estava vindo do Parque Araruama e indo para São João que eu morava na Vila Rosali. Aí chegou ali onde é a Via

Show hoje a viatura parou e eram três policiais. Um só revistou o Renato e o Renato encostou. O primeiro me revistou, o segundo me revistou, o terceiro me revistou... eu pensando comigo "Eu devo ter alguma coisa aqui que esses caras... porra meu irmão." Três me revistar? Um de cada vez. Aí ele foi e perguntou pra mim "O que você faz?" Eu falei "Pô cara eu... estudo." [...] passei por bastante blitz assim. Graças a Deus nenhuma de tomar tapa na cara assim.. de nada dessas coisas... mas de botar uma arma nas costas já aconteceu. Do cara dentro do carro, nem se quer sair e eu estar passando a pé e o cara "Para aí, mão na parede" e engatar uma doze na tua direção, entendeu? E você parar e depois ele sair do carro. Entendeu? Já aconteceu aqui na porta da minha casa, no ponto de ônibus no Dia dos Pais. Eu pronto pra ir trabalhar a viatura passou, me viu deu uma volta enorme, voltou e quando voltou perguntou pra mim "Onde está a droga e a pistola?" eu falei "Tá aqui dentro da mochila." "Abre aí" eu falei "Não. Abre o senhor. Abre aqui você." Quando ele abriu tinha um bilhete do Júnior lá "Feliz Dia dos Pais". Ele ficou com a cara meia hora parada dentro... parado pensativo... aí um vizinho passou e falou "E aí, Maia, o que tá fazendo aí?" Eu falei "Bom, tô querendo ir trabalhar, né?! Se eles deixarem eu pegar meu ônibus eu vou trabalhar"

DJ Maia - Minha mensagem é que o pessoal estude mais sobre isso. Até eu mesmo também tenho que estudar sobre o racismo aí que eu não sei né, cara... não conheço. Pra mim é uma coisa nova que já acontece há muito tempo, então eu comecei a entender através de Juliana enchendo o saco, né?! Falando pra caramba sobre isso e... como eu falei também através da Lanatanpa então acabo começando a entender um pouco, entendeu? E falar também pro povo todo que vidas negras importam, né mano?